



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Débora Barbosa da Silva

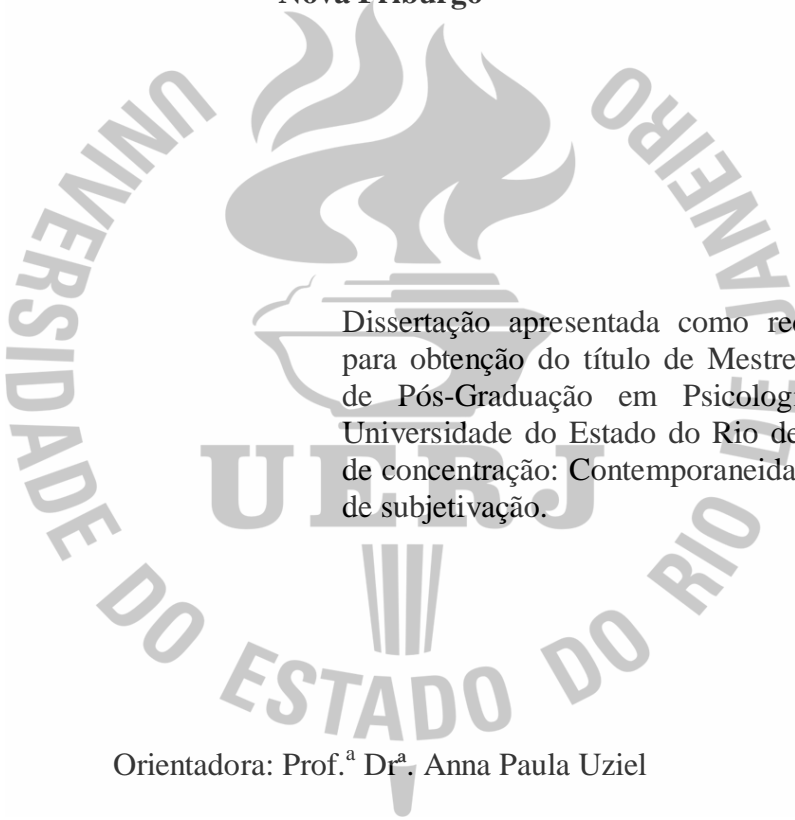
**Gênero, geração e raça: o cabelo como analisador para pensar mulheres
negras em Nova Friburgo**

Rio de Janeiro

2022

Débora Barbosa da Silva

**Gênero, geração e raça: o cabelo como analisador para pensar mulheres negras em
Nova Friburgo**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e processos de subjetivação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Paula Uziel

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Débora Barbosa da.
Gênero, geração e raça: o cabelo analisador para pensar mulheres negras em
Nova Friburgo / Débora Barbosa da Silva. – 2022.
163 f.

Orientadora: Anna Paula Uziel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Psicologia Social.

1. Cabelo crespo – Teses. 2. Racismo – Teses. 3. Gênero – Teses. I. Uziel,
Anna Paula. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Instituto
de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Débora Barbosa da Silva

**Gênero, geração e raça: o cabelo como analisador para pensar mulheres negras em
Nova Friburgo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Contemporaneidade e processos de subjetivação.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Anna Paula Uziel (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Claudia Freire Vaz
Instituto de Psicologia - UNESA/UNIFESO

Prof. Dr. Marcelo de Abreu Maciel
Instituto de Humanidades e Saúde - UFF

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó, Maria José, que apesar de não estar mais entre nós segue sendo inspiração e luz na minha trajetória.

E a todas as mulheres negras, que sigamos sendo resistência!

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de encontros cercados de muito afeto, por isso começo agradecendo a cada entrevistada, que a partir de suas narrativas possibilitaram a existência desse trabalho. Agradeço pela disponibilidade e pelo bom encontro.

À Deus, por ter me dado forças em todo o processo.

À minha orientadora, Anna Paula Uziel. Agradeço imensamente pela confiança nos meus projetos e propostas, pelo acolhimento e pela disponibilidade de sempre. Espero ter a oportunidade de compartilhar mais e mais perplexidades, de preferência fora das telas. Foi um prazer compor esse trabalho junto com você!

Aos meus pais e familiares, pessoas que me acompanharam durante todo o processo, sou eternamente grata pelo o afeto e apoio de vocês, sem isso não teria sido possível. Obrigada por apoiarem as minhas loucuras, amo vocês!

Aos meus amigos de infância, que mesmo com a distância e os atravessamentos da vida adulta, se fizeram presentes. Em especial a Lídia, que há quase vinte anos tem acompanhado cada etapa da minha vida, sempre com muito carinho. E o Marllon, a Natany e a Bruna, agradeço pelo acolhimento e pela paciência, amo vocês!

Aos meus amigos que a vida me deu o prazer de conhecer, muito obrigada! Agradeço pelas conversas, pelos desabafos, pelos memes e pelas trocas que foram fundamentais para que eu me mantivesse firme nesse processo. Apesar da pandemia com suas muitas restrições, sinto vocês perto de mim, espero que em breve possamos comemorar a conclusão desta etapa juntos. Em especial a Letícia, Nataly, Lorrana, Catherine, Marjorye, Matilde, Guilherme, Patrick, Bianca, Thaís e Luana, os amigos que a UFF me deu. Vocês são extremamente especiais para mim!

À Anne e a Patrícia, minha rede de apoio afrocentrada. Muito obrigada pelo acolhimento e pelas trocas, vocês são inspiração para mim!

À Léia, uma pessoa querida, que foi fundamental nesse processo, sou grata pela sua disponibilidade e esforços para me ajudar.

A Uerj que gentilmente me adotou e aos meus colegas do Grupo de Pesquisa Subjetividades e Instituições em Dobras (GEPsID), agradeço pelas trocas e afetos compartilhados. Em especial a Bárbara, a Camilla e a Larissa, que foram pessoas com quem eu consegui dividir minhas inquietações de maneira mais próxima, mas também sou grata aos demais colegas: Vanessa Lima, Jimena De Garay Hernández, Luísa Bertrami, Juraci Brito,

Patrícia Castro, Mônica Fortuna, Aureliano Lopes, Gisele Bakman, Thaís Vargas, Roberta Nunes, Maria Clara de Mello, Gabriela Salomão, Carolina Sette, Vanessa Marinho, Madison Santiago, Francyne Andrade e Mário Carvalho.

Aos meus irmãos Danilo e Cláudia, por estarem sempre do meu lado! Amo vocês!

A Cláudia Vaz e Marcelo de Abreu Maciel pela participação na banca, agradeço imensamente pela disponibilidade e pelas contribuições com a pesquisa. É uma honra tê-los comigo nesse processo que foi tão especial.

Aos profissionais de saúde da linha de frente e aos pesquisadores que não mediram esforços para que hoje estivéssemos vacinados!

E, por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter financiado a minha pesquisa, possibilitando a minha permanência no mestrado através da bolsa.

Cananéia, Iguape e Ilha Comprida

No paralelepípedo, trabalhador intrépido
O motor está no ímpeto onde começa tudo
O vento acalma o rápido, pra todo som eclético
Vitrolas cantam clássicos num belo absurdo
Metrópoles sufocam, são necrópoles que não
se tocam
Então se chocam com o sonho de alguém
São assassinas de domingo a pausar tudo que é
lindo
Todos que sentem isso são meus amigos,
também

Essa aqui vem do fundo do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor
Do fundo do meu coração
Essa aqui vem do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior, ô
Pro mundo em decomposição
(Essa aqui também é uma forma de oração)
Escrevo como quem manda cartas de amor

Emicida

RESUMO

SILVA, Débora Barbosa da. *Gênero, geração e raça: o cabelo como analisador para pensar mulheres negras em Nova Friburgo*. 2022. 163f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa teve como propósito cartografar a trajetória de mulheres negras residentes na cidade de Nova Friburgo a partir dos escopos analíticos de gênero, geração e raça. Buscou-se compreender as dinâmicas vivenciadas por essas mulheres considerando as fases da vida, abordando o racismo e os desafios em relação à construção de uma identidade preta afirmativa. A pesquisa explorou a relação das afros friburguenses com o processo de tornar-se negras, analisando os efeitos do encontro com a negritude em uma cidade da região serrana do Rio de Janeiro, erguida sob a narrativa de um apagamento histórico da população negra e a pretensão de ser uma “Suíça brasileira”. Trata-se de uma pesquisa cartográfica que fez uso da entrevista como ferramenta. Foram entrevistadas 8 mulheres negras com idade entre 24 a 89 anos, moradoras de Nova Friburgo, de maneira remota através de plataformas digitais. Ao longo da pesquisa, foi perceptível a presença do cabelo crespo enquanto o principal analisador das narrativas produzidas nas entrevistas, destacando o processo de transição capilar como um marco significativo no processo de tornar-se negra, marcando de diferentes formas as várias gerações. Ao destacar o cabelo como elemento central e organizador desta cartografia, pretendeu-se discutir como se estruturam os ciclos vivenciados por mulheres negras em uma cidade permeada por símbolos e aparatos coloniais, que articulados aos mecanismos racistas seguem invisibilizando trajetórias negras.

Palavras-chave: Cabelo Crespo. Gênero. Geração. Nova Friburgo. Racismo.

ABSTRACT

SILVA, Débora Barbosa da. *Gender, generation and race: the hair as analyzer to think black women in Nova Friburgo*. 2022. 163f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This research had as purpose the trajectory of black women residents in the city of Nova Friburgo from the analytical scopes of gender, generation and race. It was sought to understand the dynamics experienced by these women considering the phases of life, addressing racism and the challenges in relation to the construction of a black identity affirmative. The research explored the relationship of afro fribourgiens with the process of becoming black, analyzing the effects of the encounter with blackness in a city in the mountain region of Rio de Janeiro, built under the narrative of a historical erasing of the black population and the pretension of being a “Brazilian Switzerland”. It is about a cartographic research that made use of the interview as a tool. Eight black women aged between 24 and 89 living in Nova Friburgo, they were interviewed remotely through digital platforms. Throughout the research, the presence of curly hair was noticeable as the main analyzer in the interviews, highlighting the hair transition process as a significant milestone in the process of becoming black, marking different generations in different ways. By highlighting hair as a central and organizing element of this cartography, was intended to discuss how the cycles experienced by black women were structured in a city permeated by colonial symbols and apparatus which, articulated to racist mechanisms, continue to make black trajectories invisible.

Keywords: Curly Hair. Gender. Generation. Nova Friburgo. Racism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As entrevistadas

48

LISTA DE SIGLAS

CRIAAD -	Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente
CONEP -	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DEGASE -	Departamento Geral de Ações Socioeducativas
PPGPS -	Programa de Pós Graduação em Psicologia Social
SENAI -	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCLE -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ -	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF -	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ESCURECEU NA “SUÍÇA BRASILEIRA”	18
1.1 O corpo preto no universo da pesquisa	18
1.2 Nova Friburgo e sua branquitude: quando o feminismo é mais um elemento de interpelação	24
1.3 Não era só sobre tricô	33
1.4. Encontros afrocentrados	35
1.5 Sobre os encontros e as pessoas que conheci	40
1.5.1 <u>Escolhi não entrevistá-la</u>	39
1.5.2 <u>Há espaço para o anonimato nesta cartografia?</u>	41
1.5.3 <u>Vou começar pedindo que se apresente.....</u>	45
1.5.4 <u>Tra(n)çando os bons encontros.....</u>	52
2. AS CRIANÇAS “AFRO FRIBURGUENSES”	58
2.1 Domado, apertado e preso - um cabelo desautorizado.....	57
2.2 Ah, a minha infância.....	66
2.3 Quais as produções de subjetividade possíveis nas escolas?.....	70
2.3.1 <u>Síndrome da Senhorita Morello.....</u>	77
3. “DA NOSSA COR, MAS ELA É MUITO BONITA” - OS ATRAVESSAMENTOS DE UMA JUVENTUDE NEGRA EM NOVA FRIBURGO.....	81
3.1 Cabelo autorizado.....	81
3.2 Qual é a cara da juventude friburguense?.....	88
3.2.1 <u>“Menina não, Maiara Felício!”</u>	93
3.3 Ser 5x melhor - a complexidade da negritude.....	97
3.4 Que horas ele chega? - amor, afeto e cor.....	102
3.5 As transições e seus múltiplos significados.....	107
4. “A DIGNIDADE DA GENTE É O NOME, A PALAVRA E A COR” - A MULHER PRETA E OS ATRAVESSAMENTOS GERACIONAIS	116
4.1 Cabelo político - “quando a gente tá falando de cabelo, tá falando de vida”	119
4.2 A cor da mulher simples.....	123
4.2.1 <u>“Quanto tá o preço da faxina?”</u>	131

4.3	As expressões do racismo	139
4.3.1	<u>Doula ou irmã da gestante?</u>	142
4.3.2	<u>A beleza desvia o racismo?</u>	145
4.3.3	<u>A alegria da branquitude quando a gente perde</u>	146
	ESTAMOS VIVOS - CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	REFERÊNCIAS	155

INTRODUÇÃO

Era uma vez uma pesquisa, um recorte, um caminho... era uma vez. O trabalho a seguir representa uma metamorfose, ele sinaliza o desejo e as descobertas a partir das afetações com o real, um trabalho que já teve inúmeros formatos, que foi pensado e repensado, de acordo com os desejos da pesquisadora, com as circunstâncias e em concordância com suas possibilidades de execução que foram limitadas, mas também reinventadas, pela pandemia da covid 19¹. O tema inicial era “*A profecia auto realizadora - um estudo sobre o processo de criminalização da juventude negra do Rio de Janeiro*”, um título grande, proporcional à empolgação de se começar uma pesquisa sobre a juventude negra em um dos estados mais violentos do Brasil.² Um anteprojeto que foi inspirado no dispositivo grupal “oficina da palavra”, um trabalho realizado, no ano de 2019 em uma unidade de medidas socioeducativas - Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente (Criaad), no interior do estado do Rio.

A oficina da palavra³, grupo operativo criado na unidade para a realização de atividades com os adolescentes que estavam em cumprimento de medida, trouxe uma série de provocações e incômodos, que me impulsionaram a estar no mestrado pesquisando mais a fundo sobre o processo de criminalização. Muitas histórias que foram contadas ao longo das oficinas apresentavam uma semelhança, quase sempre tinham a mesma *cor*, e o mesmo endereço, potencializando o desconforto de se discutir sobre os corpos marginalizados pela estrutura racista presente no Brasil, o que não costumava ser uma questão notável para a maioria dos participantes, considerando que boa parte desses indivíduos apresentavam um discurso de naturalização em relação ao racismo estrutural que os arrasta para as margens da sociedade. São falas que fortalecem a ideia de que determinadas pessoas devem ocupar determinados espaços, e de que existe, por exemplo, um corpo pré-definido para o encarceramento.

¹ Ver <https://covid.saude.gov.br/>.

² De acordo com o Atlas da Violência (2019), o estado do Rio de Janeiro registrou a taxa mais alta de homicídio da região sudeste, ocupando assim a posição de estado mais violento.

³ A oficina da palavra foi um dispositivo clínico, vinculado ao projeto de pesquisa de Atenção à saúde de trabalhadores da Região de Rio das Ostras, pensado e desenvolvido a partir da parceria entre o Degase e a Universidade Federal Fluminense (UFF). As atividades promovidas por esse projeto visavam a construção de oficinas para os adolescentes, com o intuito da criação de um espaço de reflexão, reconhecimento e construção de sentido, bem como o compartilhamento das vivências relacionadas à sua sentença de regime semiaberto. Pensando em estratégias de enfrentamento às adversidades e ao estresse vivenciado no cotidiano, com repercussões na saúde, na vida familiar e social.

O incômodo tornou-se um projeto de pesquisa, uma inquietação que fez com que eu me deslocasse para a capital do Rio de Janeiro, após cinco anos de graduação em um pequeno campus no interior do estado. A euforia em finalmente poder pensar sobre o tema de maneira mais ampla e a partir de outras referências estava acompanhada do medo e da insegurança sobre a mudança. O curto percurso do terminal rodoviário Novo Rio até a Uerj me trazia elementos e reflexões importantes sobre o que me aguardava nos próximos dois anos de mestrado, caso eu continuasse morando no Rio, o que infelizmente não foi o que aconteceu. Me deparei com o conflito de se pesquisar sobre criminalização em uma cidade que nutre a afetação com outro através do medo, gerando um cenário em que o desconhecido pode significar uma ameaça constante.

Passei uma semana na Uerj. Foi o que a pandemia permitiu. Foram três dias de atividades, incluindo: orientações, aulas e reuniões de recepção. Apesar de curta, foi uma semana intensa. Me perdi no caminho para a Uerj, me perdi nos enormes corredores da universidade, me perdi nos horários das aulas, e até mesmo nos documentos que deveria apresentar na secretaria. Estava nervosa demais, tinha que ficar lendo e relendo o título do meu anteprojeto, para saber explicá-lo quando fosse acionada nas apresentações mais formais. A sensação desconcertante de ser a novata em um lugar tão grande, com tantas pessoas novas, foi diminuindo com o acolhimento afetuoso dos colegas do grupo de pesquisa.

Foram dias curtos, confusos e potentes, dentro e fora da universidade. Eu estava residindo no Grajaú, um bairro próximo à Uerj, morando temporariamente com dois colegas jovens e brancos em um prédio bem localizado numa região de classe média. Em uma bela manhã de sol, minutos antes de ir para aula, troquei algumas palavras na portaria com um dos moradores. Um homem branco de meia idade, que ao se deparar com uma jovem negra no edifício, não hesitou em perguntar “*afinal, para que apartamento você está trabalhando?*”. Confesso que ao receber essa pergunta, fiquei sem reação, não sei por que pensei que poderia ser diferente... minha presença em um lugar como aquele era diretamente associado ao não-pertencimento. Após chocar o *cidadão de bem* com a informação de que assim como ele, eu era moradora do prédio, recebi um pedido de desculpas acompanhado do discurso de “*eu adoro pessoas negras, nem todas são perigosas, tem muitas que como você correm atrás e se esforçam*”, logo em seguida ele começou a falar de uma cuidadora de idosos que trabalhava no prédio, que era muito parecida comigo, segundo ele, mas me poupei de um possível insulto que poderia vir em seguida. Já sabia que morar naquele lugar me renderia doses diárias de racismo.

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto “ruim”,

incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável - permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (KILOMBA, 2019, p.37)

“Eu sei que você não é daqui!” - Essa frase ficou ecoando na minha cabeça o dia inteiro. Um homem que nem me conhecia, só de me olhar já presumia que eu não cabia naquele espaço, enquanto residente. Agora percebo que não era preciso ficar lendo o título do anteprojeto o tempo todo, era só olhar pra mim: Jovem e negra no Rio de Janeiro, era fato que diariamente teriam pessoas me lembrando sobre o meu tema.

Quinta-feira, dia 12 de março do ano de 2020 foi o meu último dia no Rio, estava finalizando aquela curta semana caótica, e optei por retornar para Nova Friburgo, minha cidade natal. As notícias de que o coronavírus estava circulando pela cidade soavam como boatos, era inimaginável que um vírus viria de tão longe, e sequer que tomasse as proporções de contaminação que tomou. Na sexta-feira, dia 13 de março, o governo do estado publicou no Diário Oficial o decreto N° 46.970⁴ que dispunha sobre medidas preventivas em relação ao contágio da nova doença, sinalizando um alerta sobre a presença da covid 19 no Rio de Janeiro. A população seguiu descrente, afinal, que doença conseguiria parar tudo de uma hora para outra.

Gradativamente novas atualizações sobre a gravidade da situação foram surgindo, as aulas foram suspensas temporariamente, assim como outras atividades classificadas como não essenciais. De quinzena em quinzena os decretos eram renovados, sair de casa não era uma opção e o distanciamento era propagado como forma estratégica de prevenção contra a contaminação.

A minha chegada na cidade do Rio de Janeiro, assim como a adaptação nesse novo lugar, parecia ter sido adiada temporariamente, já os encontros com o grupo de pesquisa foram mantidos de maneira remota, colocando em pauta um novo desafio: interagir e construir vínculos de maneira virtual. Lembro-me de um dos encontros em que expus minha sensação de estranhamento frente a esse novo formato, pois não frequentar a Uerj reforçava a ideia de que eu ainda não havia ocupado a posição de pesquisadora.

O retorno à cidade de Nova Friburgo não fazia parte dos meus planos. No fim do ensino médio me mudei para Rio das Ostras, um município localizado na região dos lagos do estado do Rio de Janeiro. Poderia listar inúmeros motivos para sair de Friburgo, mas acredito que tiveram razões cruciais que poderiam justificar minha mudança. É indubitável que a

⁴ Ver: <https://pge.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MTAyMjE%2C>

oportunidade de cursar uma universidade federal foi um dos grandes motivos, mas é importante destacar que muitos outros fatores impulsionaram esse deslocamento, como por exemplo a sensação de estranhamento que eu tinha em relação à cidade. O ano da mudança também foi marcado pelo meu processo de transição capilar, atitude encorajada a partir de uma aproximação com outras pessoas negras que eu havia conhecido, foi a minha iniciação no processo de consciência racial.

Me retirar de uma cidade que me sufocava em meio a uma realidade tão embranquecida foi fundamental para que eu desse prosseguimento ao processo de *tornar-me negra*, assim como o contato com ambiente acadêmico que permitiu um acesso e ampliação de uma série de discussões que eram desconhecidas para mim. O distanciamento da dinâmica do racismo velado da cidade trouxe outras perspectivas para a minha negritude⁵ e construções afetuosas com a minha cor e origem. É importante destacar que, assim como Nova Friburgo, a cidade de Rio das Ostras também era envolta por um olhar racializado sobre as relações, no entanto, a universidade enquanto espaço de construção do saber, me proporcionou acolhimento e um lugar de elaboração sobre essas questões.

A partir das incertezas geradas pela expansão da covid 19, e com o aumento exorbitante de contaminados pela doença, compreendi juntamente com a minha orientadora que a pesquisa deveria sofrer adaptações para que pudesse ser iniciada. A frustração frente à adaptação foi inevitável, no entanto, era necessária para que não provocasse atrasos em relação a sua construção. Inicialmente optou-se por trocar o *perfil* dos entrevistados, a ideia consistia em entrevistar adolescentes egressos do sistema socioeducativo ao invés dos internos. Em um segundo momento, pensou-se em deslocar a pesquisa para Nova Friburgo, acreditando que o novo recorte poderia facilitar sua elaboração, já que era a cidade onde eu estava realocada no momento. Após a mudança do local, algumas propostas presentes no projeto começaram a se modificar, permitindo que novas inquietações surgissem. Pensar a negritude em uma cidade que nega a presença do elemento negro em sua construção histórica.

Esta cartografia foi pensada em quatro momentos, os capítulos seguem uma ordem que vai de encontro às fases da vida da mulher afro friburguense que se busca discutir. Utilizou-se como analisador o cabelo crespo, elemento muito presente e potente ao longo das entrevistas que compuseram essa cartografia. A ideia é pensar de que formas o cabelo vai revelando olhares, percepções, formas de se colocar no mundo, já que é "um dos principais

⁵ Aimé Césaire (2010), destaca a importância da revolução do Haiti para as bases do conceito de negritude, de acordo com o autor "a negritude é um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no mundo contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação de parâmetros da luta contra o racismo" (p.7).

símbolos utilizados nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro” (GOMES, 2002, p.43).

O primeiro capítulo “*Escureceu na Suíça brasileira*” - é metodológico, visa discutir o percurso inicial, os principais atravessamentos ocasionados por dificuldades impostas no processo de construção da pesquisa, as transformações pelas quais passou e as escolhas feitas, bem como apresentar as mulheres com quem conversei e a cidade de Friburgo também como uma personagem. O capítulo dois, “*As crianças afro friburguenses*”, se desenvolve com base em um cabelo “domado, apertado e preso” sob a égide de uma desautorização, um cabelo que deve ser contido a fim de que seja aceito, que traz a sensibilidade de um couro cabeludo que denuncia não só as violências raciais que se manifestaram a partir de críticas a essa raiz crespa, mas que também apontam para vivências importantes das meninas negras em Nova Friburgo. Busca dialogar sobre os traços de uma infância que foi marcada pela introjeção do racismo, nomeando um corpo que é alvo direto do preconceito, que aprende precocemente a naturalizar o não-pertencimento e a associar a negritude à pobreza.

O terceiro capítulo, “*‘Da nossa cor, mas ela é muito bonita’ - os atravessamentos de uma juventude negra em Nova Friburgo*”, traz o cabelo mais autorizado, uma raiz que se torna aceita mediante os processos de alisamento entres outros procedimentos químicos que alteram a textura capilar, marcando o período da adolescência friburguense, atravessado pelos conflitos, pela formação subjetiva e pelo processo de tornar-se negra. E por fim o capítulo quatro “*‘A dignidade da gente é o nome, a palavra e a cor’- a mulher preta e os atravessamentos geracionais*” - que apresenta o cabelo político que afirma o lugar de negritude e narra os atravessamentos da trajetória de mulheres pretas, que lidam com as perversidades da sociedade brasileira: o racismo e o sexismo, cotidianamente, sendo posicionadas no lugar de mulher forte e guerreira, responsável pelo sustento da família e frequentemente subalternizadas nas relações de poder. Mulheres que têm que dar conta de tudo, desde a jovem revolucionária até a matriarca. A partir do analisador cabelo e das várias histórias e aspectos que as interlocutoras narram, discute-se com a questão geracional aparece, nos faz perceber como o racismo pode ser manifesto de formas diversas, compreendendo que o mesmo não foi superado, mas que pelo contrário, pode assumir novos formatos a depender da época/geração e afins.

1. ESCURECEU NA “SUÍÇA BRASILEIRA”

1.1 O corpo preto no universo da pesquisa

Às vezes somos tomadas pelos devires cotidianos, que chegam e bagunçam tudo nos trazendo novas perspectivas a cada instante. No ímpeto de darmos conta das demandas e seguirmos fielmente aquilo que planejamos, somos surpreendidas por uma onda bem alta que pode vir e em uma questão de segundos dilacerar a nossa maquete que estava pronta para virar realidade. Como seguir a partir daí? O presente capítulo tem como intuito narrar o percurso inicial da pesquisa e seus novos arranjos construídos a partir do advento da pandemia da covid-19⁶.

A pandemia trouxe novos desafios para a realização das pesquisas, juntamente com novas formas de ser pesquisadora, compreendendo as nuances e atravessamentos provocados pelo campo, pelo objeto e os sujeitos que compõem o recorte que se propõe investigar. É notório, em pesquisas qualitativas, os enlaces e as afetações entre o que vai ser estudado e o pesquisador, de modo que os traços de quem pesquisa ressoem na construção do trabalho de maneira autêntica, tecendo o corpo-pesquisa.

[...] A aproximação com o campo inclui, sempre, a permanente análise do impacto que as cenas vividas/observadas têm sobre a história do pesquisador e sobre o sistema de poder que legitima o instituído, incluindo aí o próprio lugar de saber e estatuto de poder do “perito-pesquisador”. (PAULON, 2005, p.23)

Ao propor um estudo sobre o processo de criminalização do corpo negro, considerei que o meu, por sua vez, seria incluído nessa problemática, mas não imaginei que de forma tão intensa como tem acontecido, quando, em função da pandemia, minha história e minha pesquisa se confundem. Devido à pandemia do novo coronavírus, muitos projetos tiveram que se reinventar diante desse novo cenário que acarreta todas as dificuldades de se fazer pesquisa confinada em casa e, conseqüentemente, impossibilitada de frequentar o campo que comporia uma significativa parcela do material de análise para a produção textual final, que é a dissertação.

Ao apresentar o meu projeto para o Programa de Pós Graduação (PPGPS/UERJ), sinalizei o desejo de realizar uma pesquisa em instituições de cumprimento de medidas

⁶ Ver <https://covid.saude.gov.br/>

socioeducativas e em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro com o objetivo de produzir um mosaico com depoimentos de adolescentes negros entre doze a dezoito anos que já perceberam, em algum momento da sua história, a tentativa de criminalização realizada por terceiros (autoridades, indivíduos, instituições, etc.), motivada pela cor da pele. No entanto, fui alertada de que, em função da pandemia, seria complicada a entrada no campo, uma vez que devido à circulação do vírus, esses locais que já são apontados como insalubres, estariam ainda mais vulneráveis, oferecendo riscos de contaminação, além de estarem sem possibilidade de circulação e/ou com circulação restrita. O que no início parecia uma pausa na pesquisa, na realidade era uma abertura para novas - e também - potentes discussões.

Em virtude da suspensão das aulas, tive que retornar para minha cidade natal, Nova Friburgo, um município localizado na região serrana do Rio de Janeiro. Uma cidade que devido seus aspectos semelhantes aos da Suíça, passou a ser apelidada como a “Suíça Brasileira”, um apelido adotado no governo de Galdino do Valle Filho, um médico e político que, em meados de 1913, direcionou suas ações políticas a estratégias que deslocassem a cidade do que ele definiu como “atraso”, no fim do século XIX e se tornasse cada vez mais parecida com o estilo de vida europeu, berço de seus principais colonizadores. “Galdino é identificado como o homem político que contribuiu de maneira decisiva para que Nova Friburgo viesse a se tornar uma cidadela avançada do “progresso” e da “civilização” (COSTA, 2002, p.80), o autor segue afirmando:

Os friburguenses lamentar-se-iam de que o restante do país não tivesse tido a oportunidade de adotar o projeto posto em prática no século XIX em Nova Friburgo, quando da implantação da colônia suíça por d. João VI, projeto esse fundador de uma sociedade próspera e civilizada, pois baseada no trabalho do europeu livre e na pequena propriedade. (COSTA, 2002, p. 87)

Ruas embranquecidas pelos rastros da colonização; na praça principal, bandeiras hasteadas representam nacionalidades que entraram sem pedir. Uma cidade que nasce inspirada em uma realidade europeia, pois carrega uma característica muito peculiar para a região, o frio! Famosa por um clima e uma temperatura que destoam do estado em que está inserida, o Rio de Janeiro. “Salve, brenhas do Morro Queimado, que os suíços ousaram varar, pois que um século agora é passado, vale a pena esse tempo lembrar”⁷. Na estrofe do hino, a sinalização de um outro que ousa ao adentrar esse espaço e construir uma realidade sobre ele que ainda era inominada. Qual a relação entre a ousadia, a violência e a descaracterização proporcionadas pelo projeto colonial?

Em cada rua, bairro e distrito há pelo menos uma referência dos colonizadores que

⁷ Hino de Nova Friburgo. Letra: Franklin Coutinho. Música: Maestro Sérgio Lago. Composto em 1918.

tornaram essa pacata cidade a famosa “Suíça brasileira”. O lugar dos queijos e vinhos, dos chocolates, do *fondue* em frente à lareira, dos chalés e pousadas rústicas revestidas de madeira que, combinados com ar frio, proporcionam a sensação de se estar, de fato, na Suíça. Uma cidade que surpreende os turistas ao apresentar tamanha *finesse* e elegância ao recepcioná-los, que os contagia com suas belas paisagens e estabelecimentos tão aconchegantes.

Seu clima e sua beleza natural traziam turistas que ali desfrutavam descanso e lazer ou pessoas que vinham curar-se de moléstias, razão pela qual eram numerosos os hotéis e pensões; já funcionava até um estabelecimento hidroterápico, no prédio onde, desde 1893, se localiza o Colégio Nossa Senhora das Dores (LOZADA, 1991, p.121)

O polo da moda íntima atrai um público externo e, embora caracterize a cidade, dá outra cara a ela. Uma imensidão de pessoas que se encantam com as peças e o baixo custo delas, uma cidade referência quando o assunto é indústria têxtil, apostaria dizer que essa é sua força motriz. Tanta beleza, carisma e encanto por vezes me impediram de enxergar fatos extremamente violentos ligados ao processo de construção da cidade onde resido desde os anos 90.

Antes de começar a discussão proposta, gostaria de trazer um contexto que me impulsionou a falar desse recorte temático que me toca de uma maneira muito singular. Ter nascido na “Suíça brasileira” fez com que boa parte da minha história fosse atravessada por um apagamento, que eu sequer desconfiava. Minhas origens e referências eram ignoradas, às vezes pareciam até inexistentes. Durante a época da escola, ouvia meus amigos se gabarem dos brasões europeus que eram atribuídos a seus sobrenomes, das histórias que avós e bisavós contavam sobre suas origens alemãs, suíças, italianas... eram disputas que eu fazia questão de me abster, afinal, que crédito eu teria ao dizer que minha tataravó dona Maria Carolina foi *pega no laço*, teve inúmeras gestações, muitas delas contra sua vontade, e não teve uma linda história de amor que eu pudesse me apropriar para impressionar meus colegas da escola? E seria importante dizer que a história dela foi marcada pela escravidão e por muitas outras violações de direitos que acompanharam a minha família, sendo possível, ainda hoje, perceber alguns rastros. Eu não sei quem foram os antepassados dela, nem ela deveria saber, e olha que viveu firmemente até os seus 104 anos. O que eu sei é que ela é a minha referência de origem, e que, apesar de ter sofrido tanto ao longo de sua história, possibilitou a minha existência.

Dona Maria Carolina não foi a única retirada de algum núcleo familiar, cidade ou país. Ela compõe um grande grupo de pessoas que foram submetidas a histórias cruéis e degradantes, que no fim geraram famílias que cresceram e se multiplicaram sem direcionar a preocupação e/ou curiosidade em relação às origens, por acreditarem que elas são

insignificantes frente aos brasões europeus. Minha infância em Nova Friburgo foi marcada pelo (des)pertencimento, meu corpo preto não cabia na “Suíça brasileira”, e isso começou a me incomodar no início da minha adolescência. O que se expressava como uma timidez, na realidade, encobria uma negação de quem eu era dentro da dinâmica da cidade.

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. (GONZALEZ, 1984, p.225)

Retornar à cidade após uma imersão em todas as temáticas que a cercam, mas que ainda são evitadas enquanto pauta de discussão, foi um grande desafio. Principalmente porque o meu retorno marcava também o encontro com um lugar que causou inúmeras marcas em relação a minha imagem, a minha cor e a minha origem. Apontar o meu corpo na pesquisa tornou-se inevitável, porque eu era e sou um corpo negro e jovem em uma cidade que brinda a colonização e celebra o apagamento em relação à história da população negra, alegando que quem reside em Nova Friburgo é diferente do que a miscigenação brasileira apresenta, é alguém que herdou os traços da *nobreza* europeia representada em solo brasileiro.

A construção de tal imagem não se fez sem lutas e tensões. Em primeiro lugar, a identificação de Nova Friburgo com a Suíça brasileira acabou esbarrando com luso-brasileiros, africanos, italianos, espanhóis e, sobretudo, alemães, que, com a presença em maior número no município, constituíam importante núcleo cultural e político, em virtude de serem os principais acionistas e diretores das fábricas. (COSTA, 2002, p.81)

O mito da “Suíça brasileira” propiciou o crescimento de uma cultura de embranquecimento em Nova Friburgo, uma vez que evocava os traços herdados pelos colonos europeus. Esse processo, que surge de um não-dito, porém expresso nos movimentos de urbanização e crescimento da cidade, se fortalecendo à medida em que era introduzido na história do município, permitindo que muitas identidades fossem forjadas através do apagamento de suas origens, que correspondia a outras culturas e costumes. O combate às opressões proferidas pelo racismo começa a ser mencionado na localidade a partir de uma emancipação do povo preto, que surge com as resistências formadas pelos quilombos, e posteriormente surge juntamente com o processo de escolarização, compreendendo, a partir desse momento, que boa parte das ações voltadas contra essa população eram estruturadas através da violência.

O discurso de uma fração da classe dominante de Friburgo incorporava-se, então, a um projeto modernizante existente em âmbito nacional, sob a hegemonia dos grandes proprietários paulistas, mas que, conforme veremos adiante, em termos do

Rio de Janeiro também tinha seus representantes, como, por exemplo, Alberto Torres. Tanto o discurso nacional quanto o local enalteceriam a mão-de-obra imigrante europeia como capaz de forjar uma nova nacionalidade, uma nova raça, que apagara em definitivo os vestígios do atraso causado pela escravidão negra e traria o progresso. (COSTA, 2002, p. 87)

O movimento de construção dos bairros operários⁸ traz em seu cotidiano esse alinhamento de pensamento, que nada tem a ver com as propostas cunhadas pelos coletivos instituídos recentemente na cidade. Pelo contrário, uma política de gratidão foi instaurada, a fim de que essa parcela da população fosse docilizada e excluída da região central da cidade. Sendo grata pelos políticos, em sua maioria, liberais, que instalaram indústrias (têxteis e metalúrgicas) com a promessa de emprego e condições de subsistência.

A pressão por um padrão estético era reforçada a cada esquina, a cidade era e é tomada por outdoors com mulheres e homens brancos, com corpos esculturais e pouca roupa, fazendo referência à moda íntima que move a cidade economicamente. Não posso me esquecer de mencionar os grandes banners das escolas e cursos particulares expondo seus alunos aprovados em escolas militares e nos vestibulares de medicina, em sua grande maioria, brancos. Até mesmo as creches particulares trazem em suas propagandas corpos brancos que ocupam a totalidade desses espaços, considerados “privilegiados” e “prestigiados”, posicionando os pretos na precariedade, pois estes estão nas filas de espera das creches públicas dos bairros periféricos na esperança de serem institucionalizados ainda aos seis meses de vida para que suas mães voltem ao necessário trabalho sem flexibilidade de horário, com pouca e/ou nenhuma rede de apoio.

Ainda sobre os padrões estéticos, é importante ressaltar a quantidade de academias que Nova Friburgo comporta, assim como lojas de roupas e de sapatos, perfumarias, salões de beleza, clínicas de tratamentos estéticos e as farmácias. Uma população que se aproxima mais dos costumes europeus do que dos cariocas, andar de bermuda e chinelo na rua é quase um insulto para uma cidade tão pomposa como essa. Como ousas? A carioca raiz jamais entenderá a rotina de uma moradora da “Suíça brasileira”.

Uma cidade rica em vegetação que apresenta matas e florestas preservadas que proporcionam um ar mais puro aos habitantes desse pequeno município situado a mais de dois mil metros acima do mar, tão acima que talvez se julgue superior - um comentário ácido caberia aqui. Mesmo sendo privilegiada por possuir uma flora que possibilite qualidade de vida para sua população, ainda assim, faz questão de desviar de seus próprios recursos.

⁸ [...] Havia nesse primeiro momento o objetivo de disciplinar e modelar a força de trabalho. Essa relação é muito próxima das relações sociais de dominação estudadas no “Sistema de Fábrica com Vila Operária”, que aponta para um controle centralizado da produção fabril, da moradia e da cidade. (CASTRO, 2011, p.36)

Impulsionando o desmatamento para a construção de condomínios residenciais e aumentando progressivamente o número de circulação de veículos que emitem gases poluentes que geram diversos atravessamentos sobre os quais não me deterei neste texto, mas que sinalizam um desejo em assemelhar-se às grandes metrópoles.

Passear pela composição da história do município tem sido uma experiência enriquecedora, não só pelas nuances que cada detalhe que foi ocultado apresenta, mas pelas reviravoltas que têm surgido a cada descoberta.

O que tem sido criado a partir desse re-encontro?

[...] A força reativa dobra-se e transmuta-se em ativa. É quando a dobra subjetiva passa à atividade, agenciando-se e constituindo outros acontecimentos. Dobrar a linha é o que produz a curva e o ser da subjetividade, por isso a dobra é o que constitui o processo de subjetivação. Nesse sentido, as linhas de subjetivação transpassam os estratos de saber e poder, portanto outras modalidades de afecção, uma abertura de potencialidades. (HUR, 2019, p.52)

Dobrei e estou sendo dobrada. “[...] O indivíduo vai além das dobras da superfície de sua pele” (HUR, 2019, p.55). A pesquisa tornou-se um mapeamento sobre o processo de subjetivação de mulheres negras em uma cidade onde o debate sobre raça é escasso. Retornar para Nova Friburgo, após anos residindo em uma outra localidade, onde meu cabelo e pigmentação da pele não pareciam ser motivo de incômodo para os indivíduos ao meu redor foi, no mínimo, uma experiência intrigante. Eu tentei me dobrar ao longo da minha infância e adolescência, e ainda assim meu corpo não cabia no padrão proposto, então ele foi dobrado e redobrado em busca de uma potência. “[...] Um tipo de movimento no qual elas se torcem, dobram-se. [...] Essa torção pode ser resultante da ação de uma força sobre outra ou mesmo do processo singular de ação de uma linha sobre si mesma, dobrando-se” (HUR, 2019, p.51).

O coronavírus trouxe para a pesquisa um novo delineado, a pandemia fez com que eu retornasse para um lugar que era marcado pelos traumas e o desenvolvimento de crenças distorcidas sobre o meu tom de pele. Ser negra não era algo de que eu me orgulhava quando morava em Nova Friburgo, porém ao retornar carregando tudo que a cidade produziu em termos de subjetividade, mas que, no entanto, foi dobrado em outros ambientes em que estive, foi perceptível que o que eu enxergava como adaptação da pesquisa por causa de um período atípico e pandêmico, na realidade, era um convite de re-descoberta e re-criação do local onde nasci, mas agora vivenciado por um corpo centrado em suas origens e consciência racial.

Ao repensar os possíveis entrevistados, considerando a impossibilidade de realização com os/as adolescentes em privação de liberdade, optei por selecionar pessoas que se encontram no processo de tornar-se negras, uma etapa que foi discutida brilhantemente por

Neusa Souza (1983). Pessoas que têm sido afetadas pela forma como são lidas, mas que têm encontrado forças no processo de emancipação dos padrões que foram estabelecidos de maneira estratégica a fim de que a população negra se enxergue apenas na subalternidade, no lugar da não-escolha. Ter a percepção de que seu corpo tem sido criminalizado de diversas maneiras possíveis, nada mais é que uma produção de resistência e reconhecimento. E a pesquisa teve como objetivo pensar como esse processo tem sido vivenciado por mulheres negras friburguenses, e se de fato elas têm acesso a essa percepção.

1.2 Nova Friburgo e sua branquitude: quando o feminismo é mais um elemento de interpelação

Me proponho aqui a construção de um trabalho que consiga captar um olhar sobre Nova Friburgo a partir de mulheres negras que residem no município, as “afro friburguenses”.

Se estamos falando de uma cidade que se desenvolveu a partir da colonização, é importante ressaltar que o elemento negro traz uma outra perspectiva para a discussão. Quem é essa população negra friburguense? Estes serão elementos fundamentais para acompanhar esta dissertação que tem como proposta construir uma cartografia sobre mulheres negras em Nova Friburgo.

É importante destacar que diferente de outros autores que produziram pesquisas importantes sobre o município, como Gioconda Lozada (1991), João Raimundo de Araujo (1992/2003); Rodrigo Marins Marretto (2014), Ricardo da Gama Rosa Costa (1997), Rita de Cássia Louback de Souza (2016) e muitos outros, em sua grande maioria, historiadores, não tenho como intenção discutir a história da construção da cidade, muito menos promover uma análise sobre o processo de escravidão que foi um marco no município, uma vez que já existem trabalhos que o descrevem e analisam brilhantemente. No entanto, compreendo que é impossível falar sobre as “afro-friburguenses” sem contextualizar a cidade e seus atravessamentos, por isso, trarei um breve panorama histórico sobre Nova Friburgo, a fim de contextualizar esse território que escolhi enquanto recorte local, e ao longo do trabalho as discussões sobre a cidade se darão a partir das falas produzidas com e por mulheres pretas, através das entrevistas realizadas.

Nova Friburgo é uma cidade serrana do estado do Rio de Janeiro que, de acordo com Souza (2016, p.15), “foi o primeiro núcleo colonial não português no Brasil, criado por

decreto de D. João VI em 1818”. A autora segue afirmando que o nome da cidade se deu em homenagem ao *Canton suíço de Fribourg*, uma cidade localizada na Suíça com um cenário e clima bem semelhantes.

É um município de aproximadamente 191.158⁹ habitantes, e considerada pelo último censo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA como a terceira cidade menos violenta do estado do Rio, ficando atrás, apenas, de Teresópolis e Petrópolis, respectivamente. A cidade também é conhecida pelos traços da colonização, que orgulhosamente preserva até os dias atuais, mantendo as tradições dos colonos e suas respectivas culturas, a partir do turismo e da gastronomia, que proporcionam ao turista a sensação de hospedagem em uma cidade quase europeia.

A “Suíça brasileira”, como foi apelidada, já foi o cenário de novelas, filmes, clipes e catástrofes. Um município que desde os primórdios alimentava as ambições de ser reconhecido enquanto uma cidade moderna, evoluída e à frente de outras localidades brasileiras. O caminho pensado pelos idealizadores desse projeto era fazer com que a cidade absorvesse as culturas, os costumes e as características importantes de seus principais colonizadores: suíços, alemães, austríacos, espanhóis, húngaros, italianos, japoneses e libaneses.

Nova Friburgo tornou-se vila em meados do século XIX, após apresentar progresso satisfatório enquanto colônia. Possuía como produção local mais importante, o café. Ainda como vila, começou a ser povoada por famílias suíças, que rapidamente foram se instalando na cidade. Santos (2014) esclarece que, em relação à vinda dos colonos alemães¹⁰,

Em 1823, foi incumbido o major George Antônio Scheffer de contratar, na Alemanha, a vinda de novos colonos para o Brasil, destinados às colônias de Leopoldina e Frankenthal, fundadas na Bahia em 1816. Os colonos foram desviados desses 64 destinos e por motivos ignorados encaminhados para Nova Friburgo, aonde chegaram no dia três de maio de 1824. Em 1831 terminou o sistema de administração especial da colônia, passando sua gestão à competência da Câmara da Vila. (SANTOS, 2014, p.63)

Santos (2014) destaca que os colonos alemães começaram a se instalar nas redondezas do Paysandu, bairro localizado na região central do município e que foram os principais responsáveis pela expansão industrial da cidade. É importante pontuar que o apelido de

⁹ Ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-friburgo/panorama>

¹⁰ A cidade dispõe de um acervo digital com documentos e textos raros sobre a história do município e dados sobre o período colonial. Ver em <https://www.djoao.vi.com/arquivo/promemoriadigital>

“Suíça Brasileira” só foi possível através da articulação entre colonos e políticos, que aliados por interesses semelhantes conseguiram sustentar esse mito¹¹, que perdura até os dias atuais.

O processo de urbanização¹² e industrialização da cidade foi acelerado devido à chegada de empresários que se tornaram pioneiros no setor industrial de Nova Friburgo, dentre eles estão o Julius Arp, Maximilian Falck e William Peacock Denis que foram responsáveis pela implantação de indústrias que proporcionaram uma notoriedade à cidade.

A vinda dos colonos, assim como o crescimento acelerado de indústrias ao redor do município foram motivados pelo desejo de reverter o atraso que o Brasil acarretava devido à escravidão. Acreditava-se que ter uma população mais embranquecida, por via da imigração ou pela miscigenação, poderia ocasionar a dissolução da população escrava que conferia ao Brasil o status de um país atrasado socioeconomicamente. Para se consagrar como o paraíso capitalista, Nova Friburgo teve que realocar sua população, possibilitando uma abertura maior a famílias brancas-europeias "qualificadas" para compor o setor industrial.

A estética, o poder e o status foram signos extremamente importantes para que Nova Friburgo se tornasse a “Suíça brasileira”. E Galdino do Valle Filho¹³ foi uma figura importante nesse processo, uma vez que possibilitou a construção e a expansão da indústria, sendo inclusive o responsável por boa parte das articulações entre a cidade e alguns empresários alemães, que começaram a investir no município.

¹¹ A construção do mito está associada a muitas representações que ainda existem na cidade até os dias atuais. Como festas típicas, que são diversas: a festa das flores (a cidade é grande produtora de flores, grande parte delas provinda do bairro de Vargem Alta, local de colonização japonesa), a festa da truta (produto típico), festivais de chocolates, o festival de inverno e a festa da cerveja; os dois últimos, inclusive, celebram a cultura dos colonizadores da cidade. Os festejos comemorativos do centenário da cidade foram os primeiros a resgatar as tradições dos colonizadores. A festa de aniversário da cidade acontece concomitantemente com a festa da cerveja. (SANTOS, 2014, p.74)

¹² O processo de urbanização da cidade se concentrou principalmente na área central, abarcando o vale do rio Bengala. Conselheiro Julius Arp, grande capitalista, proprietário da fábrica de rendas Arp, construiu uma hidrelétrica (Hidrelétrica Hans) no atual distrito de Mury, próximo à área central da cidade, onde se concentravam as indústrias, que abastecia a sua fábrica, e com o excedente de energia iluminava as ruas da cidade. Nova Friburgo se tornou assim uma das primeiras cidades brasileiras a possuir iluminação elétrica pública, antes mesmo da capital Rio de Janeiro. (SANTOS, 2014, p.65)

¹³ Galdino é identificado, pelos trabalhos historiográficos tradicionais, como o homem político que contribuiu de maneira decisiva para que Nova Friburgo viesse a se tornar uma cidadela avançada do “progresso” e da “civilização”. A sua vida política, interrompida em 1961, esteve associada à defesa dos interesses do empresariado local e dos pressupostos liberais, à perseguição sofrida durante a revolução de 1930 e o Estado Novo, à fundação e liderança da UDN nos anos de 1940 e 1950 e à reconquista do poder municipal (com a eleição do Eng César Guinle) ao fim da ditadura vanguardista. (COSTA, 1997, p. 13-14)

O território brasileiro é estruturalmente racista¹⁴, foi construído ideologicamente a partir de uma estrutura que visava a desigualdade, por um lado e a supervalorização, por outro. Os traços da colonização estão presentes na idealização desse projeto, que tem gerado anos após anos resultados satisfatórios para determinados grupos sociais. “Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, 2020, p.24), seria um equívoco pensar a raça e o racismo sem fazer um recorte local, em vista disso, consideramos neste trabalho o olhar sobre o racismo a partir da construção histórica e relacional da cidade de Nova Friburgo.

Apesar de não ser o foco do trabalho, é importante evocar, mesmo que brevemente, o processo de colonização e o regime de escravidão enquanto elementos importantes para a construção da sesmaria Morro Queimado, que após ser vendida passou a se chamar Vila de Nova Friburgo. Marreto (2014), em sua dissertação, traz um questionamento que nos impulsiona a pensar melhor as questões envolvidas nesse processo de colonização “quais seriam as principais interpretações a respeito das intenções e dos objetivos da formação da Vila de Nova Friburgo através da implantação de uma colônia de suíços?” (p.17).

O autor segue afirmando que o projeto de colonização suíça foi operacionalizado por D. João VI, sendo ele uma figura importante na concretização desse processo. Um outro ponto que o autor ressalta é que D. João VI optou pela migração para a região devido ao diferencial apresentado pelo tipo de clima, assim como uma maior probabilidade de que a população pudesse ser embranquecida. Foi uma possibilidade de ocupar o espaço e trazer os traços europeus para um território em processo de crescimento.

É fundamental compreender que a colonização suíça foi um empreendimento que visava favorecer, sobretudo, aos senhores de terra e escravos que já estavam estabelecidos na região, somados a um grupo de suíços que conseguem ascender econômica e socialmente. (MARRETO, 2014, p.20)

É necessário pontuar que a colonização e o processo escravista¹⁵ foram elementos importantes no plano de expansão e crescimento da cidade, eles não só possibilitaram o processo de migração de famílias suíças, como garantiram a ascensão social de boa parte delas. É interessante destacar que uma significativa parcela dessas famílias que migraram para a cidade era de pessoas que careciam economicamente em seus países de origem e logo

¹⁴ [...] O racismo foi, até recentemente, um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado. (GUIMARÃES, 2009, p.39)

¹⁵ Os contornos da cidade começaram a se esboçar em função da atividade agrícola escravocrata, que modelou e definiu, em suas diversas fases, a cidade de Nova Friburgo. Sem as fazendas nos arredores não haveria comércio, colégios, pensões e hotéis, estradas de ferro e, conseqüentemente, atrativos para a indústria. (LOZADA, 1991, p.67)

conseguiram ascender socialmente no município. Marreto (2014) sinaliza que o que ele nomeia como “política de escravidão” funcionou como o respaldo necessário para a formação da colônia de suíços na, até então, vila. O apagamento da população negra na construção histórica do município ocorre de maneira estratégica, a fim de que os pesos ocasionados pela violência, opressão e tortura proferidos pela escravidão não se sobressaíam na confabulada história sobre o município. Afinal, culturalmente, Nova Friburgo é uma cidade que não só brinda os colonizadores, como sustenta práticas que os vangloriam até os dias atuais.

No ano de 2011, mais precisamente no mês de janeiro, a Região Serrana do Rio foi surpreendida por uma das maiores tragédias climáticas do país, o volume de água decorrente do excesso das chuvas provocou um grande prejuízo para os municípios, totalizando cerca de mais de novecentas mortes e um número exorbitante de desabrigados, aproximadamente trinta mil pessoas. Até o momento presente muitos indivíduos ainda sofrem com as marcas deixadas pela catástrofe, principalmente os que moravam em localidades mais propensas a situações de risco. A chuva não só destruiu famílias e residências, mas também monumentos importantes para a construção da cidade, como por exemplo a Praça das Colônias¹⁶. O espaço foi bombardeado pela pressão da água e do barro que o cobriu, apagando um lugar considerado como o ponto de encontro das nações.

No ano de 2018 esse espaço foi reinaugurado, mediante a justificativa de que era um importante ponto cultural e que reforçava as alianças entre os colonizadores que passaram pela cidade, recebendo um investimento de cerca de meio milhão de reais para sua restauração, ao passo que significativa parcela da cidade ainda sofria com as sequelas deixadas pela enchente.

Tal informação torna-se um ponto importante de reflexão sobre a perpetuação de um projeto que surgiu em meados do século XIX e que ainda hoje é revisitado como um aspecto positivo que compõe a história da cidade. Apesar de ter sido um ator importante, Galdino do Valle Filho não foi o único a desejar que o município crescesse de maneira descomunal, progredindo e se diferenciando dos demais, e principalmente, do que conhecemos como Brasil. A influência colonial teve um papel decisivo para a construção desse espaço, assim como incutiu na população a ideia de que a negritude cumpriu um papel mínimo e apagável no processo de construção.

Muitas narrativas foram tecidas ao longo dos anos, por famílias descendentes de suíços e de outros colonizadores, que com uma dose de romantização construíram um enredo para a

¹⁶ Ver em: <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/praca-das-colonias-volta-ao-cenario-turistico-de-nova-friburgo>

história de Nova Friburgo, tornando simplória a presença de tantos estrangeiros na cidade. No momento, é possível visualizar como a ocupação se deu pelos distritos e um exemplo básico é o das escolas que, em sua maioria, foram nomeadas com os nomes de personagens ou famílias de colônias que residiam nas redondezas. O que é um movimento “normal”, se considerarmos que o Brasil era uma colônia, no entanto, o que nos intriga é o fato de que mais uma vez foi naturalizada e projetada a exclusão de indivíduos negros na história de um município, que possui uma colônia pan-africana¹⁷, que inclusive compõe a Associação das Colônias de Nova Friburgo (Ascofri).

Quando D. João VI sinaliza a importância de se manter a branquitude enquanto prevalência racial em uma cidade em processo de crescimento, ele exclui a negritude da história, impossibilitando qualquer construção subjetiva desse povo nesse espaço. Ele não só discrimina, como também nega o território, violentando essa população pela segunda vez, porque não bastava serem retirados de seus locais de origem, eles também não pertenceriam a outros lugares. O não-pertencimento a que me refiro ao longo deste texto introdutório é algo que já estava posto em um momento bem anterior à história da cidade.

[...] A colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-la como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal. É essa ação, esse choque em troca da colonização, que é importante assinalar. (CÉSAIRE, 2020, p.23)

Aimé Césaire (2020), em seu livro “O discurso sobre o colonialismo”, expõe de maneira crítica a gravidade da colonização, apontando a Europa como um ator que deve ser constantemente responsabilizado pelo crime da colonização. Ao longo do livro ele ressalta a proposta associativa que aproxima a colonização a ideia de civilização, de acordo com o autor:

O fato é que a chamada civilização “europeia”, civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois principais problemas aos quais sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial. Levada ao tribunal da “razão” e ao tribunal da “consciência”, a Europa se mostra impotente para justificar-se. Cada vez mais, se refugia na hipocrisia, tanto mais odiosa por ter cada vez menos chances de enganar. (CÉSAIRE, 2020, p.9)

“A Europa é indefensável”, afirma Césaire (2020, p.9), sinalizando as problemáticas que envolvem camuflar de alguma forma a culpabilização do continente que trouxe inúmeros atravessamentos para outras civilizações. A ideia de que o pensamento e o modo de ser

¹⁷ Ver em: <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/colonia-pan-africana-de-nova-friburgo-pela-valorizacao-da-historia-e-contra-o-preconceito>

européu poderia trazer progresso para essas sociedades que foram colonizadas, na realidade, gerou uma série de questões que ainda repercutem na atualidade, e o principal deles é o racismo. É importante destacar que esse mito da promoção de um caráter civilizatório da colonização teve como aliado o pedantismo cristão, que possibilitou o enquadre de determinados grupos sociais em posições sub-humanas.

[...] E um dos grandes responsáveis nesse campo é o pedantismo cristão, por ter elaborado as equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvageria, das quais só poderiam resultar as abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros. (CÉSAIRE, 2020, p.11)

O autor reitera que existe um distanciamento significativo entre o que foi o processo de colonização e o que seria um movimento civilizatório; o que a Europa fez foi escravizar indivíduos e apagar os traços identitários desses povos, os subjugando e absorvendo todas as suas riquezas, estabelecendo o modelo eurocêntrico como padrão. A colonização rompeu com a afrocentricidade dos indivíduos negros, os expondo a outras culturas e costumes que nada tinham de semelhantes com os sustentados por sua origem. Além de promover essa ruptura, o colonialismo trouxe à tona violências que sequer existiam nessas sociedades. Ao conferir à branquitude um poder hegemônico, ela cria espaço para a propagação da discriminação racial.

Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?” (NASCIMENTO, 2016, p.54)

A imagem projetada para os indivíduos negros era a de “mortos-vivos”, pessoas que viviam em condições subumanas, com um único propósito de servir seus senhores. Não existia vida nessas pessoas, vida nesse caso como busca por algum sentido ou projeção de futuro. A ideia de futuro para esses indivíduos estava atrelada à utilidade que estes por sua vez poderiam ter para continuar no processo de servidão, tendo a existência reduzida a capacidade de servir.

A política de embranquecimento foi um processo comum no Brasil com um todo, em Nova Friburgo não poderia ser diferente, considerando suas aproximações com um ideal europeu. A substituição da escravidão pela mão de obra de imigrantes europeus era uma estratégia mais interessante para os colonizadores, tendo em vista que os negros não seguiriam ocupando espaços na cidade, sendo realocados na marginalidade dando origem ao processo de favelização local. “[...] A colonização europeia adicionou o abuso moderno à antiga injustiça; o racismo odioso à velha desigualdade” (CÉSAIRE, 2020, p.27).

Um dos efeitos provocados por esse movimento de embranquecimento foi o auto ódio, que aos poucos foi se disseminando entre a população negra, provocando nesses indivíduos o desejo de tornar-se o outro, ou seja, um sujeito branco, com a premissa de que somente assim poderia se aproximar dos privilégios que eram concedidos apenas a esse grupo social. A afetação por essas pessoas se dava através de marcadores corporais, que dentro da dinâmica racista estabelecida na sociedade denotam a diferença como sinônimo de inferioridade. Propiciando condições para que o racismo integre, até os dias atuais, as relações entre os membros da comunidade negra. É válido destacar que apesar da relação caótica estabelecida pela produção do sentimento de rejeição ao corpo negro, algumas pessoas têm conseguido se aproximar e se apropriar de conceitos africanos que têm conduzido a população negra a uma nova percepção sobre si e sobre seus semelhantes. O conceito de ubuntu¹⁸ é um deles, no entanto, apesar dos esforços, ainda são conceitos que abarcam uma minoria.

A colonização ergueu a Europa como sociedade a ser imitada e invejada, construindo uma subjetividade que se sustenta a partir da sucumbência de outras. Para além de todas as riquezas e terras que foram roubadas, aniquilou-se as condições de existência dessas pessoas. As aprisionando na subalternidade, cercadas por símbolos brancos que não lhes representavam em nenhuma instância. [...] Sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. (CÉSAIRE, 2020, p.24)

Césaire ao falar sobre a relação construída entre o colonizado e o colonizador destaca que só houve espaço “[...] para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria” (CÉSAIRE, 2020, p.24). O autor também traz um destaque para o que poderia ser atribuído ao processo de colonização: a coisificação do indivíduo, de culturas e de sociedades, [...] é o colonizado quem quer ir adiante, e é o colonizador quem o retarda (CÉSAIRE, 2020, p.27).

O falar e as condições de existência marcam a população negra na história do município enquanto sujeitos que foram circunscritos sob outra ótica, que puderam ser

¹⁸ Ubuntu é um conceito derivado do idioma quimbundo (Kimbundu), uma das línguas bantas mais faladas na Angola. A palavra corresponde a matriz cultural bantu, que se desenha a partir da cosmovisão Negro-África, originado na região próxima ao deserto do Saara em direção ao sul do continente africano. “Eu sou porque nós somos”, trata-se de uma filosofia africana onde os indivíduos se sentem conectados aos seus semelhantes. Aproximando o conceito a uma visão ocidental, seria possível afirmar que existe um movimento empático-corpóreo quando um dos seus é oprimido, ou exposto a algum tipo de violência, partindo do pressuposto de que a minha existência está interligada a do outro. A filosofia também diz respeito a um alinhamento harmônico que propiciará a felicidade a partir dessa conexão, podendo o outro ser: antepassados, divindades, as forças da natureza e/ou as pessoas.

enxergados para além das marcas violentas da escravidão. Famílias que tiveram suas gerações amarguradas e oprimidas pelo racismo e suas violências, que oscilam entre o grotesco e a sutileza, marcando presença no cotidiano dessa população.

Poder falar e construir de maneira genuína e autêntica a sua própria história dentro de um contexto é, de fato, um ato revolucionário. É se reescrever dentro de uma realidade que sempre apresentou uma imagem distorcida de si, a partir de um relato genérico, reduzindo uma origem, uma vivência e uma cor à mera subserviência, categorizando-a como algo que não nem é bicho e nem é gente. O negro ocupa uma outra categoria, ele é o fora incluído, e sempre foi aceito como uma ferramenta para garantir o que hoje entendemos como privilégios da branquitude.

No Brasil, esse sistema de hierarquização social - que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal - funda-se sobre as dicotomias que, por três séculos, sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mútua, simbólica e materialmente. (GUIMARÃES, 2009, p.49)

1.3 Não era só sobre tricô

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

Triste, Louca ou Má - El Hombre

No processo de produção da pesquisa tive a oportunidade de ouvir e registrar relatos sobre trajetórias de vida de mulheres negras na cidade. Inicialmente a pesquisa contou com duas entrevistadas, uma delas foi Maiara Felício¹⁹ – mencionada há pouco – uma mulher de 26 anos, cofundadora do coletivo *Império das Negas* e a primeira mulher negra eleita para o cargo de vereadora em Nova Friburgo, sendo também a candidata a receber o maior número de votos. A entrevista foi realizada no final do ano de 2020, alguns dias após a apuração das urnas das eleições municipais. A segunda entrevista, por sua vez, foi realizada no início do ano de 2021, com Dona Eugênia²⁰ uma senhora de 89 anos, residente da cidade.

¹⁹ Maiara Felício foi eleita vereadora nas eleições municipais de 2020, e será apresentada a seguir como as demais entrevistadas.

²⁰ Nome fictício para resguardar a identidade da entrevistada.

As falas eram carregadas de sensações e até mesmo gatilhos sobre violência racial que desencadearam uma série de distorções e sofrimentos na infância e juventude dessas mulheres. Muitas histórias contadas nas entrevistas me tocavam de uma forma muito singular. Ser uma menina negra de pele retinta, em uma cidade marcada fortemente pela colonização e pela valorização da branquitude, foi desafiador.

Desde a infância tinha a sensação de que algumas coisas eram e/ou se davam de maneira muito estranha, a forma como eu e a minha família éramos tratados em determinados espaços, assim como uma certa *conformidade* da parte deles em relação a esses comportamentos. Cresci ouvindo que não deveria questionar as pessoas, mesmo que essas estivessem erradas, também fui orientada de que a educação era a maior "arma" que nós poderíamos ter, que deveríamos estudar e ser extremamente educados, para que as pessoas não tivessem motivos para nos acusar de nada.

Sempre fui exposta a muitos cursos profissionalizantes, existia um temor por quem eu poderia me tornar se ficasse à toa. Apesar de ter pais presentes, fui criada pela minha avó materna, dona Maria José. Ela me ensinou desde os pontos de tricô até os passos imprescindíveis para uma vida independente, enquanto mulher. Mesmo que não se falasse muito em feminismo negro à época e que ela também não tivesse acesso ao que já tinha sido produzido, ela foi uma precursora.

Na maioria das vezes eu ia forçada para os cursos de bordado, tricô, crochê, entre outros, minha avó dizia que era importante que eu aprendesse essas artes, pois não sabíamos do futuro e esse ofício poderia me beneficiar em algum momento. Eu particularmente detestava, pois sempre fui péssima com trabalhos manuais, no entanto, gostava muito de apreciar as conversas que eram tecidas nesses espaços. Todos esses cursos mencionados acima eram formados por mulheres idosas, em sua maioria negras. Elas passavam boa parte do tempo contando e recontando histórias sobre suas vivências, sobre fatos históricos, entre outros enredos, que tornavam as tardes super agradáveis. Eu era, frequentemente, a pessoa mais nova nesses espaços, me posicionava sempre o mais próximo possível das *senhorinhas faladeiras* pois a cada semana era uma história diferente, até algumas gírias desconhecidas para a minha geração eu acabei aprendendo, pois ouvia com frequência.

Acompanhar minha avó nos grupos da terceira idade permitiu que eu tivesse acesso a referências que não são evocadas nos tempos atuais. Tive a oportunidade de conhecer homens e mulheres que cresceram nessa cidade e que com muita resistência construíram suas famílias e legados importantes para Nova Friburgo. Não era só sobre tricô, mas sobre um desejo que aos poucos ia se tecendo e criando forma. Posso afirmar que esses espaços são responsáveis

pelo interesse que tenho em ouvir o que o outro tem a dizer, sobre si e sobre os fatos que nos atravessam, que podem ser contados de inúmeras formas.

Apesar de ter tido acesso a tanta cultura, falas empoderadas e espaços majoritariamente pretos, ainda sim, fui tomada pela avalanche do racismo que permitiu que eu me anulasse por um tempo, um bom tempo! Sou uma jovem pesquisadora, nasci na pomposa cidade conhecida como “Suíça Brasileira”, negra de pele retinta, sempre fui atravessada pelas violências do racismo, mas nunca tive a consciência de que eu não deveria passar por isso. Sempre estudei em escolas públicas, no entanto, com colegas, em sua maioria, brancos. Sempre imersa em espaços de formação, com a promessa de que dessa maneira eu poderia me destacar.

“*Nossa, você é negra de alma branca!*” Por vezes ouvi essa frase e por ignorância a recebia como um elogio. Eu aprendi a pensar que os negros eram incompatíveis com alguns espaços sociais - por não serem a maioria nas escolas. Piadinhas como “você veio da África” eram frequentes e mal recebidas, meus colegas da escola me fizeram acreditar que ter um sangue africano correndo nas veias era um motivo de vergonha, eu era inferior por isso. Minha família sempre foi muito religiosa e por vezes eu perguntava para Deus por que o meu cabelo era diferente (e com diferente eu queria dizer *ruim*), assistia as meninas de cabelos lisos reclamarem dizendo que não gostavam do seu cabelo e achava aquilo uma grande injustiça, afinal, elas me impulsionaram a não gostar do meu. E eu só tive esse insight, de que era sobre o pensamento do outro, e não sobre o que eu de fato achava, quando entrei na graduação, ou seja, rejeitei meu corpo e as características dele durante boa parte da minha infância-adolescência.

Tratava-se da assunção redentora de uma identidade negada, de um passado silenciado, de uma singular e rica herança histórica vergonhosamente esquecida, às vezes de maneira voluntária. E também de um “futuro especificamente negro”, sem necessidade de se converter no outro para ser. (CÉSAIRE, 2010, p.14)

O racismo é assustador, principalmente na infância. Não é necessário que se repitam as ofensas, uma vez mencionadas, possuem um potencial de destruição que é avassalador. Crianças pretas aprendem a se odiar com muita facilidade, e é inocente pensar que elas não percebem, pelo contrário, não só percebem como se moldam àquilo que foi dado, seja uma fala ou um comportamento.

Comigo não foi diferente, toda a exposição às violências raciais, que na maioria das vezes se dava de maneira sutil, fizeram com que minha visão de mundo, assim como minhas perspectivas e projetos de vida, fosse moldada a partir de padrões que seriam inalcançáveis para mim.

De certo que a pesquisa ainda vai percorrer todo um caminho de descobertas e tramas que enriquecerá ainda mais a discussão. No entanto, é importante destacar o quão simbólico foi costurar as minhas escrituras²¹ às demais histórias narradas ao longo do texto, cada detalhe exposto em relação ao *modus operandi* da cidade e as trajetórias que foram produzidas a partir desse viés embranquecido e europeu revelam o carácter de desterritorialização dessa mulher não-branca que ousa ao resistir e reivindicar um reconhecimento, nessa dinâmica, que é estruturalmente racista.

O processo de criminalização não só cria um repertório para esses corpos, como os anuncia enquanto desprovidos de potência, transformando-os em estatísticas. É imprescindível que o corpo preto esteja para além do que a sociedade os rotula a partir da melanina e a da pobreza, ancorando-os em realidades marginais. A construção de um trabalho com narrativas potentes sobre histórias, lutas e atravessamentos vai contribuir para promover rachaduras no imaginário social que afirma incessantemente que a cor é um defeito, hostilizando o povo preto, por ser preto. A negritude deve ser compreendida como potência, é inadmissível que o ser negro seja considerado uma fatalidade, pelo contrário, é necessário afrocentrar-se.

1.4 Encontros afrocentrados

[...] A memória torna-se uma linha fina que costura as narrativas de dor, de violência e violação que persistem aos descendentes de povos escravizados. A agulha que costura essas narrativas é a Dororidade, uma necessidade de “testemunhar” a vivência e ecoar “vozes liberdades” que rompem com os elos da opressão. (QUADROS, 2019, p. 398)

A dororidade é uma palavra-conceito, cunhada por Vilma Piedade (2017), pensada a partir de diversos desdobramentos que mobilizam a população negra brasileira. Ela versa sobre empatia, esboçando o sentido e o ressentido. A dor acomete essas mulheres e, a cada encontro empático, novos laços são produzidos. Pesquisar em uma cidade marcada pela vanglória de seu processo colonizador exhibe a grande ferida ocasionada por esse período, a dor expressa nas relações sociais e a subjugação de gente que têm em seus corpos o poder de denunciar anos de apagamento histórico.

Os laços que unem semelhantes experiências e trajetórias ainda se constroem pelo viés

²¹ DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrituras: identidade, gênero e violência* na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

da dor e do sofrimento. As potências que permearam essas relações são riquíssimas, no entanto, a dor ainda ocupa um lugar essencial na elaboração dessas vinculações. A ideia de Ubuntu tem se propagado de maneira significativa, as injustiças e as violências que cercam as mulheres negras têm se tornado mais visíveis, a fim de que sejam interrogadas. O poder da população negra tem emergido da coletividade, crendo na ideia de que o grupo pode ser um dispositivo possível, é necessário aquilombar-se. Grupo esse que sente e vivencia, em seu cotidiano, situações extremamente semelhantes. “[...] Resgate de reminiscências de memórias individuais que buscam recompor uma memória coletiva que foi, mais do que tudo, retaliada, dilacerada” (QUADROS, 2019, p.383).

A dororidade contempla parte das sensações experienciadas por mulheres negras. Uma série de situações que corriqueiramente nos afetam, mas que passam despercebidas por grande parte da população local. Ao realizar a primeira entrevista para a pesquisa, busquei analisar o que me mobilizava enquanto corpo negro feminino em uma cidade que constantemente se reafirma como solo da branquitude de “descendência europeia”. Por mais irônico que pareça, optei por começar pela potência, entrevistando uma jovem mulher, que foi eleita para o cargo de vereadora da cidade nas eleições do ano de 2020, sendo a primeira mulher negra a ocupar tal posição, assim como a mais votada para o cargo.

[...] A Dororidade é a “agulha” que costura essas narrativas com as linhas da memória, pois é a partir dela que essas mulheres se auto representam e, ao tomarem em suas mãos o poder da escrita, representam outras mulheres também negras e que compreendem em seu interior a Dororidade de ser mulher negra na sociedade machista e racista. (QUADROS, 2019, p. 386)

Entrevistar Maiara Felício (26 anos) foi um misto de sensações, me senti representada e emocionada pelas falas construídas ao longo da entrevista. Um discurso potente que me afetou de inúmeras maneiras, pela via da identificação enquanto jovem negra e residente nesta cidade, mas também porque trazia novos olhares para uma pesquisa em processo de adaptações. Hur (2019) afirma que as forças tendem a dobrar-se em si mesmas, a partir de um movimento de *autoafecção*, com o intuito de que se gere um novo, responsável pela produção de subjetivação. Foi interessante ouvir sobre a trajetória dela composta por diversas situações que a machucaram, mas que revelaram um caráter da cidade que raramente é sinalizado. Detalhes sobre o cabelo e até as violências simbólicas vivenciadas nos espaços institucionais, na realidade se apresentam como uma vivência de uma significativa parcela das jovens negras friburguenses. “Não se nasce negro, torna-se negro em um processo doloroso em que tocamos com mais profundidade nessa “ferida” criada pela branquitude para manter seus privilégios” (QUADROS, 2019, p.384).

Ao longo da entrevista, ela relata como foi fundado um dos coletivos que cumpre um papel importante no processo de escurecimento da cidade. *O Império das Nega*²² surge como um projeto idealizado por quatro amigas, que queriam sair para se divertir na *night* friburguense, mas que se sentiam preteridas nesses espaços. A ideia era construir um ambiente de trocas sobre os processos de tornar-se negras e das implicações dessa fase tão importante para essa juventude. No entanto, a proposta tomou proporções não planejadas. Após cinco anos de fundação, o coletivo conta com uma série de parceiros de diversas áreas que contribuem com seus conhecimentos e experiências, a fim de que mais e mais pessoas possam ter acesso a informações sobre suas origens, ancestralidade, cuidados com o corpo, com a pele e a mente, discutindo estética, educação e política.

A manutenção da saúde mental se apresentou enquanto pano de fundo desse projeto, juntamente com ele a promoção de auto estima para pessoas que não se sentiam representadas nos padrões estéticos que prevaleciam na cidade. A iniciativa mobilizou uma série de eventos voltados para a população negra da cidade, na tentativa de promover um espaço de possibilidades e criação. Não era sobre ter voz, mas sobre de fato ser ouvida. A campanha política de Maiara Felício (26 anos) tinha como tema “*o povo tem voz*”, um lembrete de que o processo de escurecimento estava ganhando força e proporções maiores, é preciso enegrecer e afrocentrar (QUADROS, 2019).

A busca por afetos é um elemento que acompanha a vida dessa população, uma dimensão afetiva que não diz respeito apenas a um reconhecimento amoroso, mas se expande para vários segmentos da vida desses indivíduos. O reconhecimento no trabalho, a visibilidade nos grupos sociais, o enaltecimento da beleza, a representatividade em posições de poder, tudo isso está atrelado à condição de afeto tão aguardada por essas pessoas. Sentir que os olhares de julgamento e desprezo não te seguem é parte de uma utopia negra.

Apesar de ter crescido alienada a discussões sobre raça e racismo, tive a oportunidade de frequentar, já no fim da adolescência, lugares que me despertaram para a temática. Estudei em um pré-vestibular social, que tinha uma configuração diferente do habitual, era um ambiente majoritariamente negro. Um espaço que foi extremamente importante para muitas descobertas acerca desse meu corpo que, até então, era penetra em alguns ambientes.

A iniciativa do curso proporcionou diversas possibilidades para aqueles/as que não teriam condições de arcar com os custos de um preparatório para o vestibular, assim como colocou em pauta os estranhamentos ao perceber que era *normal* ter uma faxineira negra, ao

²² Ver

<http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/grupo-de-amigas-cria-projeto-cultural-sobre-negritude-em-friburgo>

passo que ter uma diretora negra trazia um ar de exotividade. Por vezes, era notável uma certa dúvida em relação às capacidades dela enquanto profissional, sinalizando as nuances do racismo. O curso, que acabou sendo desmantelado devido à falta de recursos ocasionada pelo falecimento de um de seus mantenedores, proporcionou ao longo de alguns anos um universo mais amplo para jovens friburguenses que sequer sonhavam em ingressar em universidades e afins. Com um clima de comunidade, onde a competitividade não era incentivada, pelo contrário, a política de trocas afetivas e colaboração se apresentava como o diferencial da instituição. Atualmente é lembrado como um lugar de esperança e acolhimento, através dele muitas pessoas puderam não só ingressar no ensino superior, como também mudar suas trajetórias por meio da escolarização.

Um outro ambiente que me tocou em termos de representatividade e acolhimento foi um grupo terapêutico realizado de maneira remota chamado *Com por Pretas*²³. Participei de uma imersão assim que retornei para Nova Friburgo, ainda no começo da pandemia da covid-19. O grupo, que era composto por mulheres negras, compartilhando as suas dororidades, foi um espaço de grande relevância para o meu alinhamento com a pesquisa e para a readaptação do meu corpo à dinâmica da cidade.

Lembro-me de relatar que me sentia esquisita por estar em casa novamente, era como se meu corpo estivesse ainda mais distante dessa cidade. De fato, não estava errada, mas eu teria que me acostumar, pois a quarentena que prometia durar dias, durou anos, pois apesar dos avanços da rede pública com relação a vacinação, ainda estamos sob ameaça de novas mutações do vírus. No momento, percebo que cada palavra dita nos encontros do dispositivo grupal foi devidamente expressa, e dita de forma tão clara que pude ouvi-las e compreendê-las com intuito de que medidas fossem tomadas. E me dispor a pesquisar sobre as trajetórias pretas nesse território é, com toda certeza, uma resposta que vai de encontro ao meu estranhamento no primeiro mês de confinamento.

A pesquisa despertou uma série de curiosidades que foram para além da construção da história de negros e negras de Nova Friburgo, ela me impulsionou a pensar a trajetória dos meus antepassados. Me questiono por nunca ter me interrogado sobre tal temática com mais afinco, lembro-me de por vezes insistir que minha avó materna contasse histórias sobre as vivências dela e ela me dizia que todas as histórias deveriam ser anotadas, a fim de que não fossem esquecidas no futuro. Nunca havia me interessado pela história dos homens e mulheres que vieram antes dela e carregavam meu sobrenome, talvez já tivesse sido tomada

²³ Ver <https://www.facebook.com/comporetas>

pela lógica do apagamento desses registros que compõem o que sou. À medida que as palavras ditas por Maiara, na entrevista, tocavam meu corpo, percebia com mais firmeza a importância desse trabalho, que seguia o conselho de minha avó, dona Maria José: as histórias e relatos devem ser anotados, para que não se percam no futuro.

A pesquisa que se propôs desde o início a buscar narrativas sobre o processo de criminalização de corpos pretos e brasileiros agora permite que a construção dos versos sobre si seja menos limitante, e o método cartográfico foi uma ferramenta imprescindível na construção desse trabalho. Não me propus a investigar apenas as marcas da estigmatização do povo preto em Nova Friburgo, mas a criação de um espaço onde as falas de dor e potência se misturem, apresentando o emaranhado de vivências que nos compõem enquanto indivíduos.

Dores, amores, saudades, vitórias, derrotas... cada detalhe vivenciado cabe na construção desta pesquisa. Porque ela surgiu a partir das vivências de um corpo que passou por uma série de atravessamentos, não necessariamente ruins, nem majoritariamente bons, mas atravessamentos que o impulsionaram a elaborar uma *escrevivência*, como bem categorizou Conceição Evaristo (2016). Uma pesquisa costurando o que sou e o que percebo ao meu redor, que cartografa a cidade onde eu nasci e as experiências possíveis engendradas na lógica adotada por ela, a do embranquecimento.

1.5 Sobre os encontros e as pessoas que conheci

1.5.1 Escolhi não entrevistá-la

Escolhi não entrevistá-la. Uma escolha, assim como tantas outras que fiz ao longo desta pesquisa. Não irei entrevistá-la! Muitas histórias já foram contadas sobre essa cidade, uma narrativa construída por palavras bonitas e feitos heroicos, um conto sedutor, capaz de gerar uma sensação de orgulho e apreço por um lugar que carrega uma trajetória “especial”, afinal, Nova Friburgo foi um lugar pensado, uma cidade que nasce a partir de um decreto real, construída com a finalidade de contribuir efetivamente em direção ao progresso brasileiro, o “paraíso capitalista” como menciona Costa (1997), o cantão suíço presente no Brasil.

Ao reformular o percurso da pesquisa, contar a história da cidade tornou-se uma questão. Afinal de contas, como retratar um lugar que me toca de maneira tão afetiva? Minhas memórias, desde as mais ínfimas até as mais intensas foram construídas nesta cidade,

tornando-se delicado o manejo e a escolha das palavras para descrevê-la. Ao ter acesso ao livro “Presença Negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo”, escrito por Gioconda Lozada (1991), fui tomada por uma enxurrada de histórias e elementos importantes sobre os caminhos da construção da cidade, incluindo a omissão da história dos/as pretos/as, que, devido a condição de escravizados, foram de grande valia e importância para o desenvolvimento da região, sendo destituídos do estatuto de pessoa, para que suas histórias fossem apagadas da narração geral.

A produção de subjetividade como o movimento arquitetado pelos colonizadores, indo na contramão da resistência preta que se dava através dos quilombos, permitiu que negros/as escravizados, fossem submetidos a realidades degradantes por não compactuarem com o status de escravizado, esse projeto arquitetado foi assessorado por aparatos jurídicos que apesar de punir, tinham como finalidade torná-los/as seres “despersonificados”.

Era importante conferir existência ao corpo que pretendiam apresentar como fraco, dócil, submisso, primitivo e portador/ propagador de práticas demoníacas, não à toa que o código de posturas da cidade, datado em 1848 e anexado no livro de Lozada (1991), ressalta as proibições referentes a manifestações da cultura negra por parte dos escravizados. Tornando-se imprescindível pensar a constituição do corpo-escravizado em Nova Friburgo, que foi atrelado a ideia de não pertencimento no período da escravidão com o intuito de que fosse corrompido, permitindo que “uma penumbra cúmplice encobrisse ancestralidades desconfortáveis” (GUIMARÃES, 2009, p.48).

Escravidão e fracasso foram os signos fixados no corpo negro, reduzindo a negritude a um dos períodos mais violentos da história, associando estas pessoas a tortura, dor e morte, ignorando histórias, culturas, reinos e civilizações africanas que já existiram e compõe a historiografia dessa população. Um corpo, cuja a história passa a ser contada a partir de narrativas colonizadas, onde não era interessante afirmar que os negros, nessa época, eram pessoas que formavam motins, que se rebelavam e articulavam movimentos de resistência, tais informações os desvincularia da posição de docilidade expressa em determinadas literaturas, que possuem como finalidade sustentar a história de um povo indefeso e apático a própria situação.

As marcas da história podem ser vistas de longe, às vezes soam como pistas deixadas por descuido, ou até propositalmente. A cidade possui uma série de casarões pomposos com fachadas ilustres e corrimãos banhados a bronze. Um deles é a atual *Fundação D. João VI*²⁴,

²⁴ Ver em: <https://www.djoaovi.com/>

um espaço que eu conheci como *Oficina Escola de Artes*, há pouco mais de uma década. Era uma fundação que surgiu a partir do projeto “Revelando Artistas” datado no ano de 1997, com o intuito de promover uma atmosfera cultural e artística na cidade, ofertando cursos de teatro, circo, coral, danças e afins. Era um local bem espaçoso, com salas amplas e bem ornamentadas, digno de um palacete.

Este mesmo lugar era a antiga moradia do Barão de Nova Friburgo, o maior traficante de escravos da região, figura importante para pensarmos a constituição da cidade, assim como o período escravista no município. Eu costumava frequentar a Oficina Escola quando era criança, estava matriculada nos cursos de dança, ambiente onde tive o meu primeiro contato com a arte, que apareceu, naquele momento, como uma possibilidade de futuro. Conhecia cada canto daquele imóvel, mas me recordo que, apesar da curiosidade, tinha uma parte que eu não poderia ter acesso.

Por ser uma construção antiga o casarão possui um porão, com aproximadamente dez janelinhas redondas, todas direcionadas para a rua, na mesma direção que as janelas principais. As janelas do porão são bem próximas do chão, ou seja, quem está passando na rua tem dificuldades para visualizar a parte de dentro. Não cabe a essa pesquisa tecer uma visão mais extensa acerca da estratégia arquitetônica, mas fato é que pessoas escravizadas provavelmente residiam nesse porão, durante o período colonial, levando em conta que a residência era comumente utilizada para abrigar escravos-domésticos que serviam a família Clemente Pinto. Lozada (1991) afirma que, apesar de peculiar, era muito comum que os “donos” de escravos construíssem as senzalas embaixo de suas residências.

Antônio Clemente Pinto, o primeiro Barão de Nova Friburgo era o proprietário dessa sumptuosa residência e de muitas outras ao longo da cidade - como o prédio onde se localiza a atual Câmara e a Biblioteca Municipal e o vasto terreno agora nomeado como Country Clube, compondo o combo de posses da família Clemente Pinto. Lozada (1991) destaca que para manter tamanho poder aquisitivo e influência social, a família precisou se dividir em atividades: “o tráfico de escravos, a exploração mineira, a lavoura de café, seu financiamento e comercialização, através da função de comissários de café” (LOZADA, 1991, p.85).

A família representava o que Lozada (1991) nomeou como nobreza rural da cidade de Nova Friburgo, possuindo como maior feito a construção da estrada de ferro que trouxe para o município a possibilidade de progresso, pois viabilizou o percurso Nova Friburgo - Rio de Janeiro, facilitando a exportação de café e as demais produções locais, assim como, o tráfico de escravos. A cidade tornou-se então um lugar de passagem, o que acarretou ganhos no que diz respeito à influência e ao desenvolvimento socioeconômico.

Apesar da escolha por não entrevistá-la, compreendo que a cidade não só deu um contorno à pesquisa, como é um dos personagens principais dela.

1.5.2 Há espaço para o anonimato nesta cartografia?

As pesquisas que optam pela utilização de entrevistas como ferramenta metodológica são submetidas a conselhos e comitês de ética que, através de suas orientações asseguram que o anonimato por trás de cada fala produzida, seja garantido. Mas é importante pensar as implicações de um anonimato em uma pesquisa que surge a partir de um encontro que versa sobre a invisibilidade de mulheres negras. Não seria justo com as participantes assegurar o direito de escolha quanto o anonimato? Considerando que, o trabalho se estrutura a partir da narrativa de suas vivências. Caberia o anonimato nesta pesquisa?

Convidados são personagens passageiros que, por mais que nos esmeramos em gentilezas e desmesuras, serão sempre estranhos ao que os convidamos. No caso deste “convite”, sua participação fará corpo com nossas questões, inquietações, reflexões e publicações, tornando nosso mundo menos simples e mais sinuoso. Melhor seria propor uma parceria ou mesmo coautoria. (FERREIRA, 2014, p.117)

As entrevistas são responsáveis por uma significativa parcela desse trabalho, uma vez que atuaram como mobilizadoras das questões apresentadas. No entanto, invoco neste momento uma discussão um tanto quanto polêmica no meio acadêmico, o anonimato das entrevistadas. Essa dissertação é uma cartografia encarnada, falando sobre pessoas que estiveram e, ainda hoje, se encontram limitadas pelas barreiras da invisibilidade, que aparecem de maneira distorcida nos escritos, e que raras vezes tiveram a posse da caneta para de maneira potente contar-nos suas histórias e vivências enquanto pessoas negras em um país que carrega como herança as práticas do período escravocrata, expondo negros/as a situações degradantes e que a cada 23 (vinte e três) minutos assassina um jovem negro²⁵.

Ao formular o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), encontro uma questão importante a se pensar: o anonimato caberia nesta pesquisa? Pois bem, é indubitável que assegurar a identificação de um convidado, ou coautor como nomeia Ferreira (2014), deveria ser um ato prioritário de um pesquisador, a fim de que os riscos causados pela

²⁵ Lamentavelmente, quando não sucumbimos às estruturas de poder, somos mortos por ela ou levados a tirar a própria vida, drama que se repete há séculos desde a escravidão, sem que nada efetivo seja feito para pôr um fim nessa tragédia que se atualiza a cada dia; jovens negros são assassinados pelas estruturas de poder ou se suicidam por não suportarem a dor da exclusão. (NOGUEIRA, 2019, p.1)

exposição não prejudiquem essas pessoas que por alguma razão aceitaram compartilhar suas histórias. No entanto, compreendo que pessoas negras, de modo geral, costumam ser silenciadas e caricaturadas em diálogos, pesquisas e jornais, a todo momento somos tomados por narrativas que não partem desses sujeitos e que ao mesmo tempo versam sobre realidades incompatíveis com essa população, às vezes a sociedade esquece que pessoas pretas também são seres desejantes, amantes e viventes. “[...] Ouso perguntar em off, à distância dos olhares ciosos dos Comitês de Ética: seu desejo é de anonimato? Ou de afirmação da própria autoria de seu testemunho? Ou quem sabe ainda a coautoria com nosso trabalho” (FERREIRA, 2014, p.120).

Alinhada a discussão de Ferreira (2014) em “Ao comitê de ética em pesquisa - termo de consentimento livre e esclarecido”, nomeio as minhas entrevistadas a partir da nomenclatura “coautoras”, evidenciando a participação de cada uma delas como agentes transformadoras e formadoras desse escrito. Mas é importante destacar que, para tal colocação, as consultei, antes da entrevista, sobre a possibilidade da utilização da identificação, expondo de maneira clara e explícita, no TCLE, que a escolha em incorporar ou não a identidade nos registros das entrevistas seria uma decisão de cada entrevistada. Dando a elas a liberdade de escolher como se colocariam na pesquisa, afinal, nós pessoas pretas não estamos sempre no lugar de anonimato? “Todo esse cuidado seria desnecessário numa política de pesquisa mais cooperativa e simétrica em que você seja declaradamente nosso parceiro” (FERREIRA, 2014, p.121).

Há que se considerar que as entrevistas podem se apresentar como instrumentos metodológicos relativamente tranquilos, no entanto, é necessário pontuar que elas podem, como afirmam D’Espíndula e França (2016), ser ferramentas tão nocivas e invasivas quanto exames laborais; elas possuem um enorme potencial para provocar novas percepções na subjetividade dos indivíduos.

[...] O entrevistador deve se perguntar acerca das características do entrevistado, as quais poderão (ou não) tornar a entrevista uma experiência agradável. De igual forma, também deve reconhecer em si mesmo experiências anteriores que poderão contribuir com sua percepção e se haverá circunstâncias pessoais capazes de influir, negativa ou positivamente, na entrevista a ser realizada. (D’ESPÍNDULA; FRANÇA, 2016, p. 496)

Qual é o afeto que circunda? O que é produzido quando histórias tão semelhantes se esbarram? Imagino que a forma como as trajetórias se desenvolveram, assim como os rumos que tomaram fizeram com que esta cartografia se tornasse uma escrita tão tomada pelo afeto. Foi inevitável não colocar a minha narrativa na roda, uma vez que ela traz aspectos que se

misturam com este trabalho. Pensar o encontro com a negritude que se desperta no movimento de tornar-se negra, significa refletir sobre o meu corpo que está constantemente imerso nesse processo.

O espaço da entrevista pode ser compreendido a partir de inúmeros formatos, se considerarmos que as participantes possuem autonomia para transformá-lo constantemente. Cria-se um local seguro onde a fala pode emergir como um desabafo, que encontra na escuta ativa um acolhimento, mas também pode surgir em tom de denúncia, a fim de tomarem conhecimento de alguma injustiça ou inquietação apresentada pelo locutor diante de tamanho descontentamento.

Sousa (2012) explícita em um verbete a compreensão sobre o verbo entrevistar a partir das considerações de Gilles Deleuze. O autor define o ato como uma maneira de adentrar um território desconhecido, através da escrita, possibilitando que o outro os conduza a partir da fala a um campo prestes a ser descoberto.

Entrevistar exige tempo, paciência, e sobretudo estar aberto à escuta do que é inédito. Este é um grande desafio, pois frequentemente somos capturados em lógicas de repetição que nos fazem ouvir o que sempre ouvimos, perguntar o que sempre perguntamos e pensar o que sempre pensamos. (SOUSA, 2012, p.87)

Tedesco, Sade e Caliman (2013) pontuam a entrevista como uma ferramenta que pode ser manejada a partir do método cartográfico, afirmando que

A entrevista visa intervir, por meio do manejo, para fazer com que os dizeres possam emergir encarnados, carregados da intensidade dos conteúdos, dos eventos, dos afetos ali circulantes. A fala deve portar os afetos próprios à experiência. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 304)

Ela pode ser definida como um processo onde a experiência opera de maneira significativa no encontro, pensá-la a partir da cartografia significa concebê-la como uma ferramenta que entrega elementos, mas esses por sua vez tornam-se dados para a pesquisa ao longo das trocas entre entrevistado-entrevistador. Esse processo foi primordial para que esta pesquisa tomasse os rumos que tomou, se metamorfoseando a cada entrevista, a partir de cada novo incômodo e inquietação.

É preciso assumir que a fala do entrevistador não elicia um relato preexistente, ela atua, produz, modula o processo do dizer do entrevistado. Nesse sentido, dizemos que a entrevista não é um procedimento para coleta de dados, mas sim para a “colheita” de relatos que ela mesma cultiva. Portanto, o diálogo precisa ser modulado, manejado atentamente. Para a pesquisa cartográfica, esse caráter de intervenção da entrevista requer do pesquisador/entrevistador a atitude de cuidado. Eis um aspecto importante para a cartografia. Devido ao caráter pragmático da linguagem, toda entrevista é produtora de realidades, de experiências, conseqüentemente, é preciso estar atento aos modos de proceder na construção da experiência ao longo da entrevista, a fim de promover sua abertura às variações, às multiplicidades para impedir seu fechamento em perspectivas totalizantes. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 304)

Considerando o contexto pandêmico em que estamos inseridos enquanto humanidade, as entrevistas foram pensadas de maneira remota, a estratégia adotada tem como base o documento produzido pela Conep (2021)²⁶, que foi elaborado com o intuito de orientar os pesquisadores acerca dos procedimentos que devem ser aderidos em entrevistas realizadas no modo remoto. Disponibilizando de maneira eficiente informações sobre as especificidades do TCLE e reforçando a importância da anuência para que a entrevista seja realizada, dando ênfase aos pontos abaixo que correspondem aos procedimentos:

2.2. Quando a coleta de dados ocorrer em ambiente virtual (com uso de programas para coleta ou registro de dados, e-mail, entre outros), na modalidade de consentimento (Registro ou TCLE), o pesquisador deve enfatizar a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

2.4. Caberá ao pesquisador responsável conhecer a política de privacidade da ferramenta utilizada quanto a coleta de informações pessoais, mesmo que por meio de robôs, e o risco de compartilhamento dessas informações com parceiros comerciais para oferta de produtos e serviços de maneira a assegurar os aspectos éticos.

2.5. Deve ficar claro ao participante da pesquisa, no convite, que o consentimento será previamente apresentado e, caso, concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário/formulário ou entrevista da pesquisa.²⁷

E foi realizada sob um roteiro norteador pensado com a finalidade de facilitar o diálogo e cumprir, mesmo que minimamente, os objetivos propostos pela pesquisa, respeitando o espaço de troca como produtor de conhecimento e rachaduras, em discursos tão enrijecidos acerca do tema. A ideia consistiu em traçar um percurso longitudinal, compreendendo a infância, adolescência e a vida adulta das mulheres negras friburguenses, abordando temas como: o processo de tornar-se negra, a relação com o cabelo e os enfrentamentos ao racismo.

1.5.3 Vou começar pedindo que se apresente...

Para além de ser uma cartografia encarnada, é uma pesquisa que se construiu a partir de uma perspectiva descolonial para se debruçar sobre um cenário tomado pela branquitude,

²⁶ MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasília). Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (org.). **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, 24 fev. 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf>. Acesso em 28 março 2021.

²⁷ Ver em http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf

Nova Friburgo. A construção teórico-metodológica é formada por uma gama de autores negros brasileiros/as e norte-americanos/as que foram fundamentais para produções acadêmicas sobre a população negra em termos de produção de subjetividade, literatura negra e conhecimento afro diaspórico. Abarcando os desafios dessa população e compreendendo o racismo, que na sociedade brasileira, posiciona-se como princípio organizador, ditando o funcionamento e as dinâmicas sociais, assim como as relações de poder.

A mulher negra é pensada a partir de inúmeras reflexões, em muitos momentos é posicionada no mito da mulher guerreira, como alguém que suporta e supera as formas de opressão proferidas a partir dos recortes de classe, gênero e raça. Sendo ela impossibilitada de sentir, é ligeiramente colada diante da lógica da "superação", sendo enxergada como uma fortaleza que não se inclina às fragilidades, pelo contrário, que surfa nas ondas das adversidades e se apresenta como um corpo que tudo suporta. Dentro desse enfoque cabe informar que, pensar nessas mulheres em uma cidade que possui uma taxa altíssima de casos de feminicídio registrados²⁸ foi desafiador, pois o mito da mulher guerreira propicia sobrecarga, relacionamentos abusivos, além de endossar comportamentos violentos por parte dos companheiros e outros.

A dissertação encontra-se dividida em três partes, uma organização que foi formalizada a partir de um recorte etário, que teve por finalidade discutir trajetórias, palavra que aparece repetidas vezes nesta cartografia, mas que talvez, exprima de maneira concisa os objetivos da autora.

Ressalto a importância do conceito criado por Neusa Santos Souza (1983), o “tornar-se negra” para pensar e discutir os conteúdos produzidos nas entrevistas, assim como compreender que essa mulher se constitui a partir de um constructo social. Parafraseando Judith Butler, não se nasce mulher [negra], torna-se. O cabelo enquanto analisador das entrevistas se apresenta como elemento essencial para pensar a incorporação e identificação da mulher com o corpo preto, uma vez que ele surge como o fio condutor entre o sujeito e a negritude. “Uma visão panorâmica, rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia, realmente o corpo” (SOUZA, 1983, p.5), o corpo encarna esse campo de batalha, onde os ataques se referem, de modo geral, a cor e ao cabelo.

Há, então, um campo mais íntimo que se refere à esfera da subjetividade, que nem mesmo a intervenção familiar e um debate crítico produzido no espaço da militância ou da escola não conseguem alcançá-lo na sua totalidade. Isso não significa ignorar o peso da história, da sociedade e da cultura, mas destacar que a subjetividade

²⁸ Ver em <https://avozdaserra.com.br/noticias/friburgo-tem-mais-femicidios-que-media-do-brasil>

também tem a sua importância no processo de tornar-se negro. (GOMES, 2019, p.206)

“Um corpo²⁹ que não consegue ser absolvido do sofrimento que infringe ao sujeito torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como foco permanente de ameaça de morte e dor” (SOUZA,1983, p.6), saturado pelo acúmulo de experiências ruins, o corpo negro é historicamente privado de prazer³⁰, a equação que aponta a diferença do corpo negro para o branco resulta em auto ódio, afinal, como a autora afirma “o belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos” (SOUZA, 1983, p.5).

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p.18).

É sobre dor, mas também é sobre potência, compreendendo que o tornar-se negra é tornar-se pessoa, sobretudo, se considerarmos a perpetuação de discursos racistas e opressores. Imagine só, acordar um dia se sentindo gente, diante da possibilidade de desejar sem o receio de uma retaliação imediata, uma afirmação subjetiva que entra em conflito com a atmosfera racista, mas que ainda assim tem resistido. Souza (1983), ao falar sobre a ascensão social do indivíduo negro no Brasil, afirma que a construção dos afetos e os aspectos da ordem da emoção são simultaneamente desenvolvidos com essa ascensão, o afeto e a liberdade andam juntos, permitindo que o corpo negro, já calejado pela opressão, possa sentir algo além de dor.

A discussão interseccional se faz presente nessa pesquisa, compreendendo intersecção como uma “instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2020, p.19), pois pensar em mulheres negras, significa materializar um cenário composto por uma série de atravessamentos e personagens.

“Procurei trazer algumas cenas de pesquisa, articulando-as às questões que me inquietam” (FERREIRA, 2014, p.78). A pesquisa foi tomando forma a partir das entrevistas,

²⁹ A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída por corpos e como corpos - corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Uso a palavra “corpo” de duas maneiras: primeiro, como metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade pura que parece estar presente na cultura ocidental. Refiro-me tanto ao corpo físico como às metáforas do corpo. Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta dela (OYEWUMÍ, 2021, p.27)

³⁰ O racismo que, através da estigmatização da cor, amputa a dimensão de prazer do corpo negro, também perverte o pensamento do sujeito, privando-o da possibilidade de pensar o prazer, e do prazer de funcionar em liberdade. (SOUZA,1983, p.8)

uma ferramenta que a construiu. Uma cartografia composta por mulheres que, imersas em suas trajetórias, não hesitaram em se expor, trazendo de maneira visceral suas histórias e memórias, desde as mais traumáticas até as mais exultantes. Para além de um percurso metodológico, dedico essa seção às mulheres que gentilmente aceitaram colaborar com essa pesquisa, permitindo que esse trabalho, que mudou inúmeras vezes, pudesse adotar um formato interessante, e simultaneamente intrigante. Aflorando problemáticas que atravessaram o meu corpo como pesquisadora, mas, antes de tudo, enquanto mulher negra. No início das entrevistas, solicitei que cada mulher se apresentasse como julgasse melhor, sem perguntas prévias, cada uma delas trouxe à tona uma breve apresentação de si, destacando suas atuações que extrapolam o ser “mulher negra” enquanto condição de sujeito.

ENTREVISTA DAS	IDADE	PROFISSÃO	CIDADE ATUAL	CIDADE NATAL
Alice	25	Doula e cientista social	Rio de Janeiro/RJ	Nova Friburgo/RJ
Camila	26	Trancista	Nova Friburgo/RJ	Carmo/RJ
Caroline	24	Manicure e estudante	Nova Friburgo/RJ	Nova Friburgo/RJ
Celma	55	Costureira	Nova Friburgo/RJ	Itaocara/RJ
Eugênia	89	Aposentada	Nova Friburgo/RJ	Nova Friburgo/RJ
Maiara	26	Vereadora	Nova Friburgo/RJ	Bom Jesus de Itabapoana/RJ
Thaís	24	Embaladora	Nova Friburgo/RJ	Nova Friburgo/RJ
Vera	62	Empregada doméstica e aposentada	Nova Friburgo/RJ	São Fidélis/RJ

Tabela 1 - As entrevistadas

Alice

Uma jovem mulher negra de 25 anos, nascida e criada em Nova Friburgo, no momento reside na cidade do Rio de Janeiro. Alice é cientista social, formada por uma universidade federal, especialista em Ciência e História da África e doula. Atualmente tem se dedicado

como doula, educadora pré-natal, consultora de amamentação e gestora da loja “*Um ventre só*³¹”, fundada pela mesma. Ela narra uma trajetória com muitas curvas, umas extremamente potentes e outras nem tanto, mas que foram traços importantes na composição de sua história. Apesar de ter nascido em Nova Friburgo, é filha, neta e sobrinha de mulheres nordestinas, o que de alguma forma a conduziu a um olhar mais apurado sobre as diferenças ainda na infância, afinal, criou-se um distanciamento cultural e concomitantemente uma gama de preconceitos. A formação como doula é recente, mas Alice relata que o despertar sobre o tema surgiu na infância/adolescência, quando por curiosidade ouvia os relatos de suas tias sobre as violências obstétricas enfrentadas por elas. A curiosidade e indignação frente a violências contra o corpo feminino fez de Alice, doula, e através da prática profissional ela tem repensado elementos que socialmente são tão vinculados à figura da mulher, quando o assunto é a maternidade. Ao longo da entrevista, Alice expõe de maneira crítica o cenário obstétrico da cidade, construindo uma série de provocações que contemplam esta pesquisa, mas que também nos impulsiona a pensar outros caminhos que ainda carecem de atenção acerca de Nova Friburgo.

Camila

Camila, 26 anos, transgênero. Nascida na cidade do Carmo, um município vizinho a Nova Friburgo. Entre idas e vindas, morou no município do Rio de Janeiro e em Bom Jardim, mas acabou retornando para a cidade de Nova Friburgo. Com leveza e um tom bem humorado, Camila traz sua história para essa pesquisa, narrando o primeiro contato com a sua profissão, que atualmente tem ganhado notoriedade, mas também expondo memórias dolorosas sobre a infância na “Suíça brasileira”. Lugar onde presenciou uma significativa parcela de suas experiências sobre o racismo e o cabelo, sendo a escola, um dos principais cenários, o que inclusive, foi um dado recorrente nas entrevistas. Camila, ao narrar os momentos delicados vivenciados sobre cabelo e racismo, conta um pouco sobre os processos drásticos ocasionados pelo uso excessivo de procedimentos químicos capilares e como seu encontro com a negritude aconteceu.

Caroline e Thaís

Caroline, 24 anos, manicure e estudante do curso técnico de enfermagem. Uma jovem mulher negra, nascida e criada em Nova Friburgo, que se descreve como sonhadora e

³¹ Loja online de produtos de higiene menstrual, consultoria de amamentação e aromaterapia. Ver em: <https://www.instagram.com/umventreso/>

cocriadora do Blog Negritas, uma página do aplicativo *Instagram* pensada com o intuito de expor e propor representatividade sobre a negritude, assim como pôr em pauta discussões pertinentes à população negra. Caroline, juntamente com sua amiga Thais, construiu uma discussão muito interessante sobre a vivência de jovens pretas/os, introduzindo o cabelo como peça chave para pensarmos os processos de subjetivação das mulheres negras em Nova Friburgo. Thais, 24 anos, é cocriadora do Blog Negritas, e atualmente trabalha em uma confecção. Apesar de serem parceiras no projeto e colecionarem momentos juntas pela cidade, Thais apresenta uma trajetória mais marcada pelo racismo, principalmente nos ambientes de trabalho e vivências cotidianas. As duas tecem planos e mantêm firme a esperança de progredir cada vez mais com o Negritas, que traduz de maneira significativa o encontro de cada uma das idealizadoras com a negritude. Elas, juntas, narram a trajetória percorrida na escola, mais uma vez trazendo o cenário do corpo preto em ambientes embranquecidos, pontuando o ambiente escolar como um lugar propício para a disseminação de preconceito e racismo, mas também elencando as potências encontradas na cidade, como o carnaval e as produções de moda. Importante ressaltar que o Blog Negritas apresenta através das fotografias as participações das meninas em desfiles e produções amadoras, agregando temas como moda, estética e beleza como temáticas importantes para Nova Friburgo e também para a juventude negra da cidade.

Celma

Celma, 55 anos, casada, mãe, costureira e autônoma. Nascida em Itaocara, veio para Nova Friburgo ainda na infância com meses, e é moradora da cidade até então. Ela inicia sua narrativa com as memórias de quando era criança, reforçando que grande parte delas haviam sido esquecidas, pois nomeia como um período complicado de sua história. Perdeu a mãe ainda muito nova, dependia de muitas pessoas para garantir os cuidados necessários e acabou “se virando” desde muito cedo juntamente com os irmãos, ao todo oito crianças, sendo ela a caçula. Apesar de ser costureira atualmente, Celma conta um pouco dos empregos em que trabalhou ao longo da vida para se sustentar, afinal, crescer sem os pais fez com que ela iniciasse cedo sua inserção no mercado de trabalho. Foi babá e trabalhou em “casa de família”, termo que será problematizado mais a frente, mas que marcou presença nas entrevistas das mulheres com mais de 50 anos. Costumava ser uma prática comum entre as jovens de baixa renda, elas eram entregues em “casas de família” para trabalhar cuidando da casa e da criação dos filhos, em troca de uma remuneração que apesar de péssima contribuía para complementação da renda familiar. É evidente que o “você é quase da família” não

impedia as humilhações diárias, e sequer os casos de abusos. Foi uma entrevista igualmente potente, com reflexões necessárias para se pensar o lugar da mulher preta no mercado de trabalho e dos atravessamentos enfrentados para conquistar determinados espaços.

Eugênia

Eugênia, 89 anos, mãe, avó, bisavó, viúva e aposentada. Nascida e criada em Nova Friburgo. Foi uma entrevista particularmente emocionante, ela era amiga da minha avó materna. Dona Eugênia é uma pessoa que eu conheço desde a infância, e poder conversar com ela pessoalmente, em tempos pandêmicos, foi um privilégio. Falamos de tudo um pouco, afinal, 89 anos correspondem a muitas bagagens, histórias e experiências, dos que já se foram e dos que ainda estão debaixo do mesmo céu que nós. Sua história foi marcada por episódios extremamente violentos, ela perdeu os dois filhos de maneira muito abrupta, e relata ter superado através da fé e do suporte religioso. Trouxe muitos elementos importantes, não só sobre a cidade como também sobre as mulheres pretas idosas, que é um público que tem se reinventado a cada dia. Dona Eugênia fala da velhice como uma oportunidade de redescoberta, que começa no culto pelo rádio e termina no desejo de ir pro forró - ela relata sentir saudades neste período de confinamento. Ao passo que a solidão também aparece como um traço de sua história, as amizades se foram e a aproximação com os netos e bisnetos encontram um impasse provocado pela diferença geracional. Ao fim da entrevista, o pedido singelo para que eu encontrasse uma *roommate*³² para que ela tivesse alguém para dividir as inquietações foi comovente.

Maiara

Maiara, 26 anos, vereadora. Nasceu em Bom Jesus de Itabapoana e mudou-se para Nova Friburgo aos 6 anos de idade. Atualmente cumpre o mandato como vereadora na cidade, sendo eleita com o maior número de votos nas eleições municipais de 2020, e também é a primeira mulher negra a ocupar o cargo no município, consagrando um momento de muita alegria para os coletivos e a população negra de modo geral, mas ao mesmo tempo gerando uma apreensão acerca dos desafios que serão enfrentados enquanto única mulher negra na câmara municipal. Ao longo da entrevista, Maiara compartilha as memórias da infância na cidade nomeando as desigualdades e a presença do racismo nas dinâmicas dos cidadãos friburguenses; relata as dificuldades enfrentadas, a criação do coletivo *Império das Negas*

³² Traduzido do inglês como colega de quarto.

que, além da potência que expressa enquanto projeto, tem cumprido um papel fundamental na vida de jovens e mulheres negras da cidade, abordando temas variados que incluem a dororidade e a representação em suas ações.

Vera

Vera, 62 anos, mãe, avó, bisavó, criou os quatro filhos sozinha e é, atualmente, aposentada e empregada doméstica. Nasceu em São Fidélis, foi para o Rio com 9 anos, depois para São Gonçalo e, após casar-se, mudou-se para Nova Friburgo, onde reside há 48 anos. Constrói a sua narrativa ao longo da entrevista de maneira carismática e muito posicionada, apresentando falas críticas e reflexivas sobre a população negra, racismo e suas vicissitudes. Foi criada pelos avós, relata uma infância parcialmente tranquila, enquanto ainda estava sob a tutela deles, no entanto, após o falecimento de sua avó, a situação se complica e ela acaba tendo que ir morar com a mãe. Essa virada traz mudanças cruciais para a vida de Vera, considerando que sua permanência com a mãe estava condicionada a uma ajuda para sustento da casa, e é nesse momento que ela se vê obrigada a contribuir financeiramente, sendo ainda muito nova. Ela explica que nessa fase sua infância dá lugar a um processo de amadurecimento repentino, pois junto com as responsabilidades de provisão surge a primeira gravidez, que acontece em um momento muito anterior ao esperado ou considerado “comum”. Os desafios foram aumentando com o passar do tempo e hoje, Vera, aos 62 anos, orgulha-se em dizer que apesar de não ter tido sonhos, conseguiu cuidar dos filhos da melhor maneira possível e que, de acordo com a sua disponibilidade, tenta dar aos netos o mesmo cuidado e afeto.

1.5.4 Tra(n)çando os bons encontros

A escolha metodológica se deu no ir e vir da palavra. Assim como os fios que se entrelaçam formando as tranças, a pesquisa foi tomando forma em um movimento de experimentação, construída a partir de elementos que expressam e compõem as vivências de mulheres negras, criando uma rede diversa e ao mesmo com falas que se encontravam de forma muito coesa. É indubitável a semelhança entre uma narrativa e outra, no entanto, permeada por particularidades que aos poucos apresentaram novas facetas do ser mulher-negra-friburguense.

Uma pesquisa costuma passar por uma série de justificativas que vão de encontro com a proposta que se busca investigar, cabendo aqui interrogar, por que a cartografia?

Compreendo o método cartográfico como um movimento, para além de uma metodologia ele exprime um campo de afetações e entrelaces em que a pesquisadora precisa estar imersa, acompanhando os processos e compreendendo cada lacuna, atenta a cada detalhe que por vezes desvia dos crivos do método, mas se sobressaem em sua percepção, ao se colocar como um corpo sensível e aproximado do objeto/e ou sujeito que deseja conhecer. Cavagnoli e Maheirie (2020), destacam que:

[...] A cartografia apresenta em seu mote a busca constante pelo reconhecimento das conexões que dão formas variáveis às subjetividades, além de destacar, em seu posicionamento ético, o protagonismo dos participantes na pesquisa. Assim, busca a construção de sentidos gestados entre pesquisadores e pesquisados, engajando ambos em movimentos voltados à transformação das possibilidades de nomear e experimentar a realidade investigada. (Cavagnoli; Maheirie, 2020, p.66)

Uma cartografia que se compõe por curiosidades, por entrevistas, por olhares, por percepções, por incômodos e por desabafos. Uma cartografia sobre uma história ainda não-contada, sobre pessoas que por vezes nem são reconhecidas como gente, mas que cumprem um papel fundamental na história da cidade. São pessoas, são mulheres e são pretas, residentes na cidade de Nova Friburgo.

[...] É nítido que não pode se tratar de reconhecimento automático, pois o objetivo é justamente cartografar um território que, em princípio, não se habitava. Não se trata de se deslocar numa cidade conhecida, mas de produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, o que envolve a atenção e, com ela, a própria criação do território de observação. (KASTRUP, 2009, p.45)

O método veio de encontro ao surgimento do novo recorte. Ao realizar as primeiras entrevistas, ainda pensando a temática anterior que compreendia um estudo sobre o processo de criminalização, me deparei com duas mulheres, que correspondiam a faixas etárias diferentes e que trouxeram elementos importantes em cada fala. Ao ler cada entrevista foi possível perceber que o trabalho tomava novas formas, afinal, tinha-se produzido dados que traziam outras provocações para a pesquisa. Quem eram essas mulheres? Como viviam? O que podiam? Como eram reconhecidas? O olhar esperançoso e ao mesmo tempo apreensivo, de uma jovem que havia acabado de ingressar no meio político e a fala saudosista e entusiasmada de uma senhora, matriarca de oitenta e nove anos, esbanjando saúde, me fizeram pensar nesse grupo de pessoas, as mulheres pretas. Kastrup (2009) salienta sobre que passos seguir quando somos tomados por um pouso de atenção e obrigados a reconfigurar nossa rota de observação, o que é possível fazer?

A entrevista como uma ferramenta da cartografia foi fundamental para que a pesquisa caminhasse na direção atual, ela possibilitou um espaço de afetações que provocou novos focos para esse afeto em relação ao corpo preto na cidade de Nova Friburgo, surgindo a necessidade de um recorte de gênero. E a cartografia também permitia e mais, exigia, que o contexto atual integrasse a pesquisa.

A quarentena, palavra que se tornou frequente no vocabulário mundial no último ano, devido a pandemia da covid 19, trouxe a ideia do distanciamento como um hábito necessário que aos poucos foi sendo incorporado pela população. Os beijos de cumprimento e os abraços demorados deram lugar aos toques de cotovelos, que falham miseravelmente quando tentam substituir as demonstrações de afeto, mas que evitam que o vírus se espalhe e torne ainda mais longo esse tempo esquisito que tem sido a pandemia.

A primeira entrevista poderia ter sido realizada em um café, como brincou Maiara (26 anos). Conversando sobre Nova Friburgo e a negritude ao som de muitas vozes, tomando um bom cappuccino, com certeza teríamos muitos participantes, afinal, é uma cidade pequena, a todo instante seríamos surpreendidas por conhecidos, amigos e/ou familiares. A conversa poderia ter outro tom, não sei se mais leve, mas com certeza seria tomada por outros elementos provocados pelo lugar, pelos sons, sensações e pessoas ao redor. Acredito que algumas falas não seriam tecidas como foram com a entrevista sendo realizada virtualmente.

A tela do notebook foi o canal de comunicação, com o enquadre escolhido por ambas. Semelhante a um café, houveram barulhos, interrupções e pessoas, mas nada atravessou esse enquadre, pois o botão do *mudo* permitia que esses momentos fossem retirados das entrevistas. Só não foi possível retirar o Léo, o cachorrinho da Maiara (26 anos) que fez questão de participar dos cinquenta minutos de entrevista, bem quietinho, mas próximo e atento às falas dela, e por vezes a interrompia procurando afeto.

Kastrup (2009, p.44) considera que “cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes”. Apesar da frieza da tela de um computador munido de um botão que impedia os ruídos produzidos ao redor da entrevistada, foi possível captar o afeto gerado na entrevista. O brilho nos olhos ao falar sobre o triunfo de ter sido eleita a primeira vereadora negra da cidade, mas também os gestos que utilizava para expressar as dores enfrentadas pelo racismo reproduzido no município. Um cabelo que quase não cabia no enquadre do *zoom*³³, de tão grande e volumoso,

³³ A *Zoom Video Communication*, é uma plataforma americana que oferece serviços de videoconferências e reuniões online. Se popularizou no linguajar da comunidade acadêmica e entre os profissionais que estavam realizando suas atividades em *home office*.

mas que reforçava a autenticidade dessa mulher que escolheu o quintal de casa para falar sobre a sua trajetória de maneira tão simples, mas ao mesmo tempo com uma narrativa extremamente potente.

Ao final da entrevista me emocionei, não imaginei que seria tão tocante finalizar uma conversa com tantos elementos sem um abraço de agradecimento, dizer tchau e apertar o *desligar* trouxe o estranhamento de ter que lidar sozinha com o que havia sido produzido nesse encontro. Não só questões relacionadas a pesquisa enquanto campo de produção, mas um resgate de memórias semelhantes às que tive em alguns períodos da infância/adolescência, assim como a sensação de ter esbarrado em lacunas que ainda são complexas para a Maiara (26 anos), dores que ainda provocam incômodos a ela.

Apesar das limitações, foi um bom encontro.

Em um segundo momento, já em uma outra fase da pandemia, com uma disponibilidade maior de testagem do vírus, a segunda entrevista aconteceu. As recomendações eram de que as entrevistas deveriam ser realizadas de maneira virtual, a fim de garantir a proteção da entrevistadora e da entrevistada, no entanto, é importante alertar que nem sempre as entrevistadas dispõem de aparelhos tecnológicos e/ou não possuem habilidades para manuseá-los. Foi o caso de dona Eugênia (89 anos), que apesar de apresentar uma vitalidade invejável, não disponibilizava do suporte necessário para participar de uma videoconferência.

O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência a experiência do saber. Eis aí o "caminho" metodológico. (PASSOS; BARROS, 2009, p.18)

Na beleza dos bons encontros, o cartografar acompanha processos e esses, por sua vez, são constituídos por muitos elementos. Dona Eugênia (89 anos) que me conhece desde a infância, ansiava por esse encontro e tudo isso foi ponderado para a tomada de decisão. Entre ir presencialmente ou abrir mão desta entrevista, a escolha não foi difícil.

Como mencionei acima, estávamos em um período com uma acessibilidade maior aos testes de covid, então, optei por realizá-lo e propor uma entrevista pessoalmente, mantendo todos os cuidados de distanciamento e orientações sanitárias visando a prevenção. Ao fazer o convite, fui surpreendida com tamanho entusiasmo e a extensão do convite para um café da tarde, que seria realizado na casa dela, afinal, é uma senhora de 89 anos e se enquadra no grupo de risco. Apesar de me comprometer a não tirar a máscara, me ofereci para levar um bolo de fubá, que curiosamente era o preferido dela. Ao confirmar a data para a entrevista, ela

me pediu que eu levasse minha tia, que reside na mesma vizinhança, disse que gostaria de vê-la também.

Gostaria de adiantar que dona Eugênia (89 anos) foi uma das amigas da minha avó, ela participava do grupo da terceira idade com muitas outras mulheres, que infelizmente já não se encontram mais entre nós. Ela me conheceu quando eu ainda era criança, sempre estava nos encontros com os idosos, e fazia muito tempo que não a via. Ao chegar na casa dela, a primeira frase acompanhada de um belo sorriso com os olhos, afinal, estávamos todas de máscara, foi “*que bom que vieram, por muitos anos eu esperei para tomar um café com sua avó, infelizmente não tivemos tempo*”. Essa fala me mobilizou, naquele momento comecei a repensar as questões que havia colocado no roteiro de entrevista, me parecia um outro momento que seria experimentado ali.

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30)

Foram duas horas de muita conversa, participações de netos, vizinhos e amigos que chegavam repentinamente na casa de dona Eugênia (89 anos), músicas variadas tocando ao fundo, gritos de crianças brincando no corredor, o cheiro forte de café que ultrapassou as camadas da máscara e o tour pela casa que a cada porta-retrato dava início a uma grande prosa. Entre medalhas, fotos, troféus, perucas e discos a entrevista se construiu, ela trouxe choros engasgados, mas também a leveza de um bom encontro de gerações diferentes. Trouxe risadas espontâneas e confissões de uma mulher que se permitiu viver conforme seus desejos, mesmo diante das opressões sexistas-racistas dos anos 60.

Falas polêmicas, controversas e importantes. Falas de uma mulher que é mãe, avó e matriarca. Que narra desde o desfrute da mocidade até a perda dos filhos, e se orgulha ao mencionar os netos. Dentro do que era possível, se construiu ali, um bom encontro.

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. (BARROS; PASSOS, 2009, p. 35)

2. AS CRIANÇAS “AFRO FRIBURGUENSES”

E você lembra, assim... da sua infância aqui em Friburgo, foi tranquila... não foi? Até em relação ao cabelo mesmo... (Pesquisadora, 24 anos)

Ah, foi péssima!!! (Camila, 26 anos)

Não foi muito tranquilo não! Na escola não foi tranquilo, porque eu sempre tive muito cabelo, né! Meu cabelo é crespo, sempre foi muito cheio, então sempre tive muito problema na escola, sofri muito na escola. Porque boa parte da infância eu estudei em uma escola particular, então eu não tinha outros amigos... alunos negros, então no caso eu era sempre a única, ou tinha eu e mais um. A maioria das meninas tinham cabelo liso... as professoras eram brancas, eu sempre tive muito problema... muito problema com isso. E como meu cabelo sempre era... meu cabelo era muito cheio, né! Ainda é muito cheio, mas quando eu era criança, tinha muito cabelo e aí, tinha muito problema dentro da sala de aula, porque eu gostava de sentar na frente, sempre gostei de sentar na frente, porque pra mim era mais fácil! E só que... isso era... [travou a ligação]. Era um problema, porque eu gostava de sentar na frente pra poder ver o quadro e a professora queria me mudar por causa do cabelo. Aí no caso, a minha professora... ela... me colocava sentada no fundo da sala pra eu não atrapalhar, né! Isso pra mim foi muito traumático! Era uma coisa que me marcava muito... (Camila, 26 anos)

Mas teve alguma conversa? Ela tinha no mínimo uma sutileza? (Pesquisadora, 24 anos)

Não! Nunca teve nenhuma sutileza, ela só falava mesmo... que não tinha como eu sentar na frente porque meu cabelo estava tapando... e ela já chegava e falava “Camila, você vai sentar lá trás!” E aí eu sentava, né... no fundo da sala. Eu tinha que aceitar, né! (Camila, 26 anos)

2.1 Domado, apertado e preso - um cabelo desautorizado

É um povo que foi escondido né, e era isso... eu escondia o meu cabelo! (Maiara, 26 anos)

“Sim, um simples fio de cabelo diz muito” (GOMES, 2019, p.18). Dou início a esta discussão com a frase de uma autora que tem contribuído de maneira significativa para os estudos sobre cabelos, negritude e afins, a professora doutora Nilma Lino Gomes, pedagoga e mulher negra. Nilma comandou a reitoria da universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2013, tornando-se a primeira mulher negra a comandar uma universidade pública e federal no Brasil.

A autora define o cabelo crespo como “um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui” (GOMES, 2019, p.18), apesar de representar tanto, esse tipo de cabelo em muitos momentos foi desautorizado, tornando-se um

cabelo que não poderia aparecer, pelo contrário, deveria se camuflado, escondido e/ou modificado.

Mesmo que a cor da pele seja mais clara ou mesmo branca, a textura crespa do cabelo, em um país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo da mistura racial e, por conseguinte, é colocada em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro. (GOMES, 2019, p.18)

O cabelo crespo é sinônimo de resistência e luta, conhecido atualmente como a coroa da mulher preta, ele cumpre um papel importante nas lutas e movimentos em prol da comunidade negra, correspondendo a um dos principais símbolos do resgate da ancestralidade africana.

É necessário ressaltar que a discussão sobre o cabelo crespo ultrapassa os holofotes e enquadres estéticos, ela configura uma visão complexa e ampla sobre o ser negro e as suas vicissitudes, enquanto corpo desumanizado e estigmatizado.

A abordagem dessa temática, mesmo após uma série de estudos a respeito, segue sendo problemática, há sempre uma tentativa de enquadre que limita as possibilidades de escolha do corpo negro. Se antes existia uma pressão para que o crespo desaparecesse, agora persiste a ideia de que ele deve ser assumido a qualquer custo, e que sua recusa aponta para a negação da negritude que constitui aquele sujeito, nos impulsionando a pensar na questão apresentada na obra “História social da beleza negra” de Xavier (2021): “será que nos libertamos das antigas opressões ou usamos das artimanhas do que consideramos empoderamento estético para entrarmos em outros aprisionamentos que delimitam o que é ser negro?” (XAVIER, 2021, p.16).

A pesquisa se estrutura a partir da divisão do cabelo em três momentos diferentes, e alinhada a essa proposta, começaremos pela discussão sobre o cabelo que nomeio como domado e desautorizado, comumente observado no período da infância. Não se trata de uma pesquisa solitária, apesar do período complexo que temos enfrentado. Para tanto, conto com as narrativas tecidas ao longo da pesquisa, que não só atribuem sentido a esse trabalho, mas que evidenciam aspectos que poderiam passar despercebidos.

É... o cabelo que nessa época eu já tinha começado a alisar, antes usava trança. Minha mãe trançava meu cabelo todo, era uma gracinha, depois eu posso mandar foto pra você! Se você tiver interesse... (Maiara, 26 anos)

Maiara narra um pouco de sua infância expondo uma memória que, segundo ela, foi agradável, sobre episódios em que sua mãe trançava os seus cabelos. Gomes (2019) ressalta o valor ancestral que os penteados e tranças possuem, ela afirma que

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Entretanto, os sentidos de tais técnicas foram alterados no tempo e no

espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumar o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outros o fazem simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo (GOMES, 2019, p.202)

Essa memória me fez recordar de um livro que eu li quando era criança, se chamava “Menina bonita do laço de fita”³⁴. Trata-se de um conto sobre um diálogo entre uma menina negra e um coelho branco, que fascinado pela cor da menina, a questiona insistentemente sobre o que era necessário para que ele pudesse ter uma filha pretinha, qual era o segredo para ter uma pele tão retinta, perguntava o coelho. A menina parecia não saber responder essa pergunta, imagino que sequer havia se perguntado por que tinha a pele dessa maneira, mas considerando a insistência do coelho, ela começa a pensar em justificativas para responder o coelho. Essa literatura infantil traz de maneira muito sutil o elemento da raça como uma questão que ainda não estava posta para menina negra, mas que já era muito clara para o coelho branco. Quando a mãe da menina, enfim, soluciona o mistério, a história ganha um outro tom, afinal tanto o coelho quanto a menina começam a compreender de onde vem a cor que parece tão fascinante.

Ainda sobre a pigmentação da pele e a curiosidade infantil, Dona Eugênia (89 anos) compartilha uma história bem semelhante a narrativa do conto, ao ser questionada sobre a percepção da cidade e do racismo, ela acaba se lembrando de um episódio vivenciado na infância, em que interroga sua avó, pessoa que fornecia os cuidados e que ela chamava de mãe, sobre o porquê só a palma da mão era branca.

Eu falei assim “mamãe, por que a gente tem a mão branca assim e a pele assim..., ela falava assim... “ah, sabe porque minha filha?! Os brancos tomaram banho primeiro, saíram tudo branco! Depois, os mulatos, mulatos quer dizer morenos mulatos! E os últimos foram nós negros, água já estava suja... (Dona Eugênia, 89 anos)

Os laços, as presilhas e os pequenos elásticos coloridos fizeram parte da infância de muitas meninas negras.

As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância. (GOMES, 2019, p.201)

“Você tem que andar bem arrumadinha” - dizia minha avó, enquanto puxava e apertava meu cabelo até causar uma desagradável, e também frequente, dor de cabeça. Não posso culpá-la, afinal, atrás do “andar bem arrumadinha” existia uma série de recomendações escolares sobre como o meu cabelo deveria estar nesses espaços. Não à toa que nas fotos de

³⁴ Autora: Ana Maria Machado/ Editora: Ática, 1986.

infância, eu estava sempre com o cabelo preso, ao passo que minhas colegas brancas ostentavam seus loiros e lisos fios, gozando do privilégio de não sentir uma sensação dolorosa cotidianamente. “[...] Em nossa sociedade, há espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola” (GOMES, 2019, p.202).

A escola veicula, em conjunto com outros equipamentos centralizadores e difusores de sentido e de estética, entre eles a mídia, um modelo estético hegemônico, bem como um modelo de “saúde” que é veiculado e produzido incessantemente como o melhor, o único, o bonito e o que deve ser perseguido por todos. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; 2010, p.212)

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamento e, também, de estética. Para estar dentro da escola, é preciso se apresentar fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e os preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/a e aluno/a e dos alunos/as entre si. Na maioria das vezes, a questão racial existe na escola através da sua ausência e do seu silenciamento. (GOMES, 2019, p.45)

As regras da escola eram claras e direcionadas, não podia ir de cabelo solto, no entanto, não existia nenhuma justificativa plausível para tal determinação, assim como os bilhetes informando sobre os surtos de piolho, que ligeiramente responsabilizavam um grupo específico de crianças, como se o piolho tivesse preferência quanto à cor e/ou classe.

[...] A questão racial é um aspecto que está presente no meio escolar e acaba se tornando elemento curricular, mesmo que os professores não tenham clareza dessa ocorrência. Dessa forma, os processos de subjetivação que ocorrem na escola constituem a criança negra de maneira subalternizada e inferiorizada. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p.210)

Abramowicz e Oliveira (2010) afirmam que as experiências vivenciadas por crianças negras nas escolas podem provocar a construção de uma autoimagem negativa, e as autoras seguem pontuando que

[...] Há um tratamento diferenciado em relação às crianças negras e brancas, baseado em uma linguagem não-verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p.212)

Diferente de Maiara (26 anos), Camila (26 anos) traz à tona as violências sofridas na infância, evidenciando a falta de informação sobre o trato com o cabelo crespo, descrevendo como uma série de técnicas danosas ao couro cabeludo eram praticadas na cabeça de meninas/mulheres negras de maneira deliberada, permitindo que os aspectos da violência atravessassem um costume que consiste em uma prática de cuidado. “Solucionar o problema”

era a prioridade, fosse o piolho, o cabelo volumoso, o *baby hair*³⁵ um pouco mais arrepiado, a prioridade era conter e/ou esconder.

É... eu tive piolho também! E foi até por conta disso que minha mãe começou a trançar meu cabelo, na época, porque eu peguei muito piolho. Porque eu gostava muito de andar com meu cabelo solto e aí por conta disso eu peguei piolho, peguei muito piolho na época. Então pra mim também foi muito traumática essa fase do piolho, porque tinha que passar o pente fino e o pente fino não foi feito pra cabelo crespo, não sei porque... não sei se já existe ou se... não sei se existe um pente fino que seja um pouco mais largo... com um dente um pouco mais largo pra passar no cabelo crespo, porque não tem como. (Camila, 26 anos)

Não era muito tranquilo não! Até porque na época a gente não tinha produtos, né! Voltados pro nosso tipo de cabelo, então tinha que usar os cremes que tinham... tinha que comprar, sei lá... um Seda, Neutrox que todo mundo usava muito, o Casulão... que eu acho péssimo, né! Hoje em dia eu não consigo nem sentir o cheiro que eu fico traumatizada, eu só lembro que a minha mãe me botava no meio das pernas dela e ficava puxando meu cabelo. Minhas tias a mesma coisa... era sempre muito...acho que foi doloroso pra todo mundo, essa parte. (Camila, 26 anos)

É fundamental a compreensão de que o discurso racista que tem como um dos objeto-ofensa o cabelo afeta meninos/as/es negros/as/es, no entanto é possível observar que ele se desenvolve de maneira diferente de acordo com o gênero. Os meninos, desde muito cedo, são incentivados a cortar e, por vezes, raspar a cabeça, desenvolvendo e perpetuando esse hábito que é introduzido através de uma percepção racista de que um menino com cabelo crespo e grande representa o malcuidado, sujo, desarrumado, não são raros os casos de escolas que orientam os pais a cortarem o cabelo dos alunos a fim de que estes ocupem o ambiente escolar de maneira mais "apresentável". Com base nessa afirmação, Anita Pequeno (2019) pontua que

Longe de negar as consequências disso para os homens negros, me debruçarei, por uma questão de escopo, mais sobre as mulheres negras. Elas conhecem a violência do racismo desde muito cedo, principalmente através da maneira como a sociedade taxa o cabelo crespo como “ruim”. Acredito que esse é um dos discursos racistas mais abertamente postulados. (PEQUENO, 2019, p.1)

Ao mencionar e de certa forma priorizar as mulheres como personagens mais calejadas por esse tipo de situação, Pequeno (2019) traz um destaque para a discussão que pode ser pensada, inclusive através de uma discussão de gênero. Considerando que para os meninos existe uma “alternativa”, que em muitos casos é indolor. Importante frisar que me refiro aos impactos físicos, pois acredito que raspar a cabeça contra a vontade seja uma situação traumática independente do gênero. No entanto, pensando o corpo físico, esse ato, apesar de racista, encurta o caminho da relação odiosa com o cabelo e de certa maneira poupa o corpo da exposição às diversas substâncias químicas que devoram o couro cabeludo das pessoas negras ainda na infância. Ressalto que em ambos os casos as ditas “alternativas” com o efeito

³⁵ Baby hair são os fios localizados na linha capilar em volta do rosto, esses por sua vez costumam ser finos e curtos.

de camuflar o cabelo crespo produzem o enfraquecimento da autoestima dessas crianças, assim como propiciam uma série de complexos relacionados ao corpo.

Ao contrário da dita “praticidade” adotada no cuidado com o cabelo dos meninos, temos as meninas negras que crescem vinculadas a esse cabelo que, por meio do racismo, carrega o peso do ódio e da inferioridade. A ideia do cabelo crespo natural como “ruim” foi criada e instituída como um defeito irreparável, com base no imaginário de que mesmo que ele assuma novas formas através de procedimentos, ainda assim, continuará sendo visto como “ruim”, fixando a visão de um cabelo que é menos quisto do que outros, sendo ele “naturalmente” indesejável, independente do que se faça para alterá-lo.

E é curioso pensar na ambiguidade que algumas palavras apresentam, se pensadas no contexto de pessoas pretas no Brasil, como por exemplo a própria palavra natural/naturalizar, que costuma ser uma palavra muito cara para a população negra. Afinal, desde a infância até a vida adulta essas pessoas ouvem, repetidamente, que possuem corpos que são naturalmente inferiores, desprovidos de valor, com traços ruins e uma cor vinculada a signos negativos, uma perspectiva pensada pela branquitude, pautada em uma cosmovisão eurocêntrica, ocasionando um movimento que empurra essa população para um distanciamento de tudo que remete ao natural, impulsionando o movimento de modificação dos cabelos e dos traços, quando existem condições favoráveis para tal.

É muito comum, por exemplo, mulheres jovens/adultas relatarem que não sabem qual é a textura “natural” do próprio cabelo, isso porque o mesmo já foi submetido a tantos procedimentos que os fios acabam assumindo uma outra estrutura. O desejo latente pelo espaço de aceitabilidade permite que mudanças sejam operadas, criando-se um corpo que o sujeito desconhece devido ao excesso de modificações. O nosso cabelo é um campo de memórias. Apesar de se regenerar, ele coleciona marcas e traumas a que foi submetido, sejam eles os físicos ocasionados por práticas capilares inadequadas, e/ou marcas subjetivas originadas de falas e discursos racistas.

Aprendemos a não cuidar do nosso corpo “natural”, a ingerir alimentos que nos fazem mal, a entrar em uma série de enquadres que nada tem a ver conosco, somos ensinados a nos odiar e a deslegitimar as características que nos constituem. As descobertas sobre cuidados simples e cotidianos surgem tardiamente, eles só começam a ser pensados quando nós, negras, olhamos com mais afeto, para o “natural”, que a branquitude insistentemente aponta como defeito. Trata-se de uma tarefa árdua, no entanto, gera a seguinte provocação: “quando nossas crianças saberão que são negras por uma via positiva?”, quando seremos capazes de fornecer

elementos para que a negritude se manifeste como potência e que esses corpos possam incorporá-la, ainda na infância?

Com a inflexão proposta pela sociologia da infância permitiu-se pensar a criança como sujeito e ator social de seu processo de socialização, e também construtora de sua infância, de forma plena, e não apenas como objeto passivo desse processo e/ou de qualquer outro. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.49)

Crianças são sujeitos! Elas amam, odeiam, sentem raiva e ficam felizes. Quando nos referimos às crianças pretas precisamos nos atentar para as produções subjetivas que são costuradas e vinculadas a elas. Características que oscilam entre “crianças tímidas/caladas” e “crianças agitadas/levadas”, formando classificações sem investigações, que propiciam categorias vazias, e soam como a repetição de um clichê repleto de estereótipos. Não buscar compreender o porquê crianças pretas se isolam ou são constantemente preteridas no âmbito educacional, é grave. E revela uma certa conveniência e concordância com o sistema racista e opressor.

A postura negativa frente à vaidade pode ser um dos sintomas para se pensar como racismo opera de maneira articulada. Cria-se uma relação conflituosa com o corpo, como se tudo que o compusesse fosse demais para aguentar, torna-se pesado se reconhecer negro e construir depois de anos uma boa relação com o corpo e a carga subjetiva atribuída a ele.

Mas para trabalhar com essas particularidades, faz-se necessário revisitar a estrutura e os movimentos que foram de extrema importância para a produção de um corpo mais potente. Destaco dois grandes marcos que incluíram a estética negra na discussão como divisores de águas para pensar processos de subjetivação mais potentes: o movimento *Black Power* e o *Black is Beautiful* foram duas manifestações que transbordavam afeto, cuidado, empoderamento e a autonomia necessária para ser o que quiser.

O movimento Black Power teve origem nos Estados Unidos, em meados dos anos 60/70, período em que o regime militar regia o Brasil, ou seja, momento consagrado como um dos mais opressores do país. Ao ganhar grande notoriedade na América do Norte, o movimento obteve apoio da população negra de outras federações, como o Brasil, que replicaram suas ações, e aos poucos foram entendendo a necessidade de incorporação de algumas lutas.

[...] A maneira pela qual o cabelo crespo torna-se moda no Brasil, a partir da inspiração de artistas e de ativistas norte-americanos nos permite pensar que este momento conduziu-se em direção a uma reflexão sobre representatividade, tornando-se um viés político, fazendo emergir um movimento que fomentava a opção pelo uso do cabelo Black Power por parte dos seus adeptos, sendo também uma maneira de trazer para a discussão, a forma como o corpo negro esteve preso a padrões que não considerava as particularidades da corporeidade negra. (LOPES; FIGUEIREDO, 2018, p.5)

Nesse momento, o cabelo crespo³⁶ começa a atuar em um campo político, ele ganha uma dimensão mais ampla, passa a ser "reconhecido". Opto por utilizar a palavra "reconhecer" de maneira provocativa, pois não é como se a raiz crespa se transformasse em potência, ao passo que ser reconhecida fornece elementos para que o sujeito se torne negro/a. Quando os indivíduos se percebem enquanto potência, portadores de história e ancestralidade, eles se inserem no processo de tornar-se.

É necessário, antes de tudo, se reconhecer! Bento (2012, p.99) afirma que "[...] a consciência que um negro tem de seu pertencimento racial é elemento fundamental para seu engajamento na luta política". Revelando que, não basta ser negra, é necessário que haja um processo de reconhecimento, incorporando um corpo racializado. A autora segue pontuando que, a maneira como a pessoa negra vai se reconhecer está atrelada a alguns fatores, como: "[...] O grau de miscigenação e a presença de traços negroides em seu fenótipo, as experiências de discriminação racial que vivenciou, a consciência de seus direitos enquanto povo fundante do Brasil" (BENTO, 2012, p.99).

É um processo ético-estético-político; pensar o cabelo é discutir sobre as potencialidades do corpo, posicionando-se politicamente, e atrelada a essa complexidade surge a necessidade de introduzir na discussão o conceito de estética preta, ou melhor, recuperá-la, afinal, são noções que foram desmanteladas pelo período escravista com estratégias incansáveis, que de maneira muito agressiva aniquilaram culturas e costumes, impondo-lhes novos modos de vida.

Pequeno (2019, p.7) afirma que "embora o afro tenha sido claramente o mais poderoso símbolo estético das políticas do *Black Power* e do *Black is Beautiful*", é necessário evitar o equívoco em associar a revolução do cabelo crespo apenas a esses movimentos pós anos 60, considerando que ainda nos anos 50 mulheres negras foram precursoras do cabelo crespo como algo estiloso, "*fashion*" nas palavras da autora. Sendo importante ressaltar que personalidades negras que possuíam uma significativa notoriedade como a cantora Nina Simone já utilizavam o cabelo sem alisamento, Pequeno resalta que esse movimento se dava muito em função da "busca por um cabelo saudável ou pelo desejo de expressar solidariedade para com os países africanos que se tornaram independentes" (PEQUENO, 2019, p.8). O resgate de mulheres que abriram os caminhos para se pensar a liberdade da raiz crespa e/ou

³⁶ Nos anos 1960 e 1970, com os movimentos "*black is beautiful*" e "*black power*", o cabelo crespo passou a significar orgulho e poder. James Brown perfeitamente expressou esse momento no seu hit de 1968: "*say it loud – i'm black and i'm proud*" ("Diga alto: eu sou negro(o) e me orgulho disso!"). [...] O "*black is beautiful*" foi um movimento cultural e comportamental norte-americano dos anos 1960 que reposicionava a ordem simbólica dominante, que tratava as características físicas associadas aos negros como esteticamente inferiores. (PEQUENO, 2019, p.7)

que até mesmo que fizeram de seus corpos linha de resistência contra a opressão direcionada a estética preta, torna-se uma tarefa diária, para não sermos envolvidos por discursos que situam atravessamentos de gênero que posicionando mulheres negras como personagens passivas em movimentos extremamente significativos para a comunidade negra, de modo geral.

Com os movimentos “Black is Beautiful” e, sobretudo, “Black Power”, o afro passou a ser associado à rebelião. Tornou-se, assim, símbolo da masculinidade negra e foi essencial para o surgimento da imagem do militante, do “virulento homem negro”. Essa masculinização do afro permaneceu mesmo após os movimentos e contribuiu para um retrocesso contra as mulheres negras com cabelo natural. Mesmo tendo sido uma mulher negra, Angela Davis, um dos grandes nomes do movimento “Black Power”, o uso do cabelo afro por ela também recaiu nos problemas dessa masculinização. [...] Por isso, para as mulheres negras, mais do que para os homens negros, assumir o cabelo crespo “natural” tem consequências diferentes. (PEQUENO, 2019, p. 8)

Mas é importante pontuar que mesmo depois de manifestações tão necessárias em defesa da beleza negra e da valorização dos traços negroides, em prol da construção de uma imagem positiva sobre o corpo negro, ainda assim, homens e mulheres seguiram sendo atingidos por causa do processo de inferiorização. Muito do que foi reivindicado não se sustentou em sua integralidade, principalmente no que diz respeito ao cabelo, considerando que as pessoas negras eram as que ocupavam e que ainda ocupam as camadas mais baixas da sociedade, isso dificultou o acesso à tecnologias direcionadas aos cuidados com o cabelo e afins, ampliando as movimentações da branquitude, que aos poucos foi se aprimorando no desenvolvimento de técnicas que não contemplavam a raiz crespa e ainda a submete a procedimentos agressivamente tóxicos e prejudiciais à saúde, como é o caso dos produtos à base de “formaldeído³⁷”, comumente conhecido como formol.

A falta de produtos específicos voltados para raízes crespas juntamente à escassez de recursos e a pressão estética branca-eurocêntrica contribuíram efetivamente para que mesmo após uma afirmação, a partir de um movimento tão significativo para a comunidade negra como *Black Is Beautiful*, ainda projetássemos o sentido de ódio e rejeição sobre nossos corpos. Todos esses elementos fortaleceram a perpetuação do auto ódio como um sentimento comum à infância preta, assim como o esvaziamento afetivo. Aprendemos a lidar com os “nossos” de maneira mais ríspida, performando um ensaio do que possivelmente encontraremos nas ruas, sendo uma pessoa negra. Os episódios de orientação podem ser identificados na construção subjetiva de mulheres negras adultas, um exemplo clássico desse comportamento pode ser observado em situações em que uma pessoa preta recebe um elogio, e o constrangimento e a dúvida surgem imediatamente, raros os casos em que mulheres

³⁷ Ver em <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/solventes/formol>

pretas, por exemplo, que conseguem se visualizar dentro de narrativas positivas, e quando conseguem são brutalmente hostilizadas - *“ponha-se no seu lugar, além de preta é metida”*.

Falar em um cabelo domado, preso e contido significa dizer que foi estabelecida uma barreira que tem como objetivo impedir que a pessoa negra se sinta confortável com a sua aparência. Prender o cabelo nesse sentido não estaria ligado, apenas, ao controle dos piolhos nas escolas ou na preservação de higiene, como as instituições de ensino insistem em apontar, entretanto, diz respeito à produção de limitações e impossibilidades para meninas/os negras/os, expondo as barreiras quanto à liberdade de “ser o que quiser”, resistir frente a uma corrente opositora que ainda enxerga o cabelo crespo como um defeito; significa se deparar, constantemente, com a impossibilidade.

2.2 Ah, a minha infância...

“Uma questão importante que se coloca é, como, em idade tão tenra, as crianças podem estar tão ligadas às dimensões de fenótipos bem como aos valores que informam essas dimensões” (BENTO, 2012, p.101). A infância preta no Brasil tornou-se objeto de pesquisa, devido à tamanha complexidade envolvida em seu processo de desenvolvimento. Tornaram-se corriqueiras as queixas de crianças pretas, relatando incômodos gerados em espaços públicos e no âmbito educacional, em função de ataques racistas. Bento (2012) destaca que a identidade racial pode aparecer na vida dessas crianças ainda na primeira infância, no entanto, se constrói de maneira negativa, uma vez que a criança é capaz de captar a diferença racial e a hierarquização arquitetada através dela. A autora segue sinalizando que elas costumam ser mais atentas do que crianças brancas, em relação a essas diferenças.

Bento (2012), ao falar sobre a infância preta, traz constatações importantes para pensarmos como o racismo começa a operar de maneira precoce. Em uma delas, a autora afirma que “crianças pequenas são particularmente atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, percebendo rapidamente o fenótipo que mais agrada e aquele que não é bem aceito” (BENTO, 2012, p.101). O contato com valores “bom x ruim” e “feio x bonito”, durante o período da infância tem propiciado projeções negativas a respeito do corpo e da imagem, produzindo um olhar deturpado sobre os corpos negros, assim como o auto ódio e o desconforto acompanhado de uma série de inseguranças referente a autoestima e as potencialidades.

As noções de diferença e de hierarquia raciais em nossa sociedade são adquiridas na família, no espaço da rua, nas organizações religiosas e, posteriormente, nas creches e nas escolas. Crianças brancas e negras aprendem que ser branco é uma vantagem e ser preto, uma desvantagem. (BENTO, 2012, p. 102)

A noção de que crianças ocupam uma posição passiva no cenário social permitiu que a imposição dos valores estabelecidos no meio adulto prevalecesse, posicionando-as em um lugar marginalizado, desprovido de credibilidade. Discutir a infância de crianças pretas dentro desse contexto torna-se uma situação desafiadora, afinal, como é que essas crianças podem se enxergar como sujeitos se constantemente se encontram atreladas ao silenciamento e os não-lugares? Elas não são ouvidas e com o decorrer do tempo aprendem a não falar mais.

A infância preta é marcada por uma série de signos que se encarregam de produzir e acarretar perplexidades para a vida da criança, e também são responsáveis pela produção de estigmas que situam sujeitos negros/as em posições de desvantagem em relação à população branca. E talvez seja conveniente nos interrogar, quando nos propomos discutir as infâncias no Brasil: conseguimos abarcar diferenças e especificidades?

Necessitamos entender se o campo teórico da cultura é apropriado para o entendimento daquilo que as crianças produzem em suas múltiplas relações. E precisamos responder como a cultura infantil aparece nos espaços onde encontramos as crianças atuando: como no tráfico de drogas, no trabalho doméstico, na prostituição, nas ruas da cidade oferecendo doces, pedindo esmolas, expondo seus corpos e suas brincadeiras para conseguir dinheiro? (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.50)

Algumas histórias carregam momentos trágicos, somos seres complexos e situados em contextos tomados por uma realidade que oscila entre potências e impotências. Uma infância marcada por episódios catastróficos, por muito tempo, tem sido vinculada a pessoas negras, narrativas construídas ao decorrer do tempo, trazendo o abandono, a fome, a orfandade e a miséria como características marcantes de infâncias pretas no Brasil. A vulnerabilidade, de fato, está presente no cotidiano das famílias pretas brasileiras, apontando para um percentual mínimo que tem conseguido desviar dessa profecia autorrealizável, mas que ainda assim, é atingida através do olhar estigmatizante da branquitude.

Se não se construírem políticas raciais, sempre haverá mais negros nessa situação. Ainda é bastante presente, no debate sobre discriminação no Brasil, a tese de que o preconceito de classe é mais forte que o preconceito racial. No entanto, tal tese é desmentida por todos os principais estudos feitos sobre o tema nos últimos anos. A pobreza tem, entre outras coisas, cor. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.51)

Ao longo das entrevistas muitas histórias foram contadas, de maneiras singulares, mas apresentando similaridades. Talvez por um traço geracional algumas se encontram mais próximas do que outras, no entanto, retratando realidades e desfechos que, apesar de parecidos, são únicos.

A infância não é singular! Ela é plural, diversa e é importante pensá-la a partir de recortes, como afirmam Abramowicz e Oliveira (2012),

[...] Nos processos e práticas sociais que incidem e constituem as crianças, desde o início, há o recorte de gênero/sexualidade, etnia, raça e classe social produzindo diferenças. Por outro lado, buscamos entender as experiências de infâncias que atravessam a sociedade em determinado período de determinado jeito, enquanto “devir”. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.52)

As vivências de Celma (55 anos) e Vera (62 anos), da mesma faixa etária e classe social, nos mostram um pouco esses atravessamentos.

Minha infância não foi muito legal não! Foi uma infância que eu preferia até esquecer um pouco. (Celma, 55 anos)

Infância... tive até os 7 anos, depois foi só peleja. (Vera, 62 anos)

Embora as entrevistas tenham sido abertas, havia um roteiro com questões disparadoras, abarcando infância/juventude/vida adulta e seus respectivos atravessamentos: família, escola e trabalho, etc. As memórias sobre a infância marcaram o início das entrevistas, informações como o lugar e as condições criavam um cenário imaginário naquele momento, onde o rememorar a história tornou-se um convite ao passado e a vivências experimentadas por essas mulheres. Nenhuma delas se opôs a falar sobre, no entanto, Celma (55 anos), de maneira muito afetada, relatou que lembrar dessa fase da vida era complicado e que, se pudesse, esqueceria. Reforçou que muitos momentos foram apagados de sua memória, afirmando que foi algo positivo, afinal, as dificuldades enfrentadas provocaram um gosto amargo na infância dela.

Uma mulher que ainda menina teve que aprender a lidar com o mundo da pior maneira possível, caçula de oito irmãos, sendo cinco mulheres e três homens, relata ter perdido sua mãe ainda muito nova, o que fez com que dependesse de outras pessoas para sobreviver. Crescer atrelada à orfandade revela uma série de perdas para a criança, mas a principal delas está relacionada ao campo afetivo. Ao narrar sua trajetória, Celma (55 anos) não só relata os desafios, mas também a postura que teve que assumir frente a eles, não permitindo que a vulnerabilidade tivesse espaço, como se o amadurecimento fosse forçado por questões de sobrevivência.

Eu fui criada sem mãe, e quando você é criada sem mãe você tem que... pra sobreviver você tem que fazer muita coisa. Fui muito babá, tomei conta dos filhos dos outros, trabalhei muito na casa dos outros, trabalhei muito em casa de família, até que um dia eu resolvi que ia mudar. (Celma, 55 anos)

Em paralelo, Vera (62 anos), ao compartilhar suas memórias da infância, revela que também cresceu distante da mãe, no entanto, não foi exposta a tamanha vulnerabilidade no

processo de separação, que ocorreu devido à escassez de recursos dos pais, que a tiveram ainda muito novos e acabou sendo criada pelos avós maternos, que ofertaram cuidado e supriram as principais necessidades até o falecimento de sua avó.

E você falou da sua infância, queria que você contasse um pouquinho sobre como foi... (Pesquisadora, 24 anos)

Olha, na verdade não foi só lixo não, minha infância foi muito boa... eu não fui criada pela minha mãe, fui criada pelos meus avós, é... na época os pais eram muito duros e minha mãe engravidou muito cedo, cuidou de mim até meus oito meses de idade, depois teve que me entregar pra minha avó que eu chamava de mãe, [ela] veio pro Rio e eu fiquei com meus avós. Eles me criaram como filha, não tinham outra opção, fui amamentada pela minha avó, aí quando eu estava com 6 anos minha avó descobriu que estava com tuberculose, mas aí minha mãe já tinha contato comigo, já tinha ido lá me ver, minha avó batalhou com a saúde, mas não deu e ela se foi, e aí minha mãe teve que me pegar! Mas assim, quando criança, meu Deus, era maravilhoso! Tive uma infância com muito carinho dos meus avós, eu fui a primeira neta e acho que eles se sentiam culpados por não ter deixado minha mãe ficar próxima de mim, então eles davam carinho em dobro. Só tive que me separar porque minha avó se foi e meu avô era de roça, não tinha como cuidar, tinha mais dois filhos menores e me entregou pra minha mãe. (Vera, 62 anos)

Duas infâncias marcadas pelo distanciamento dos pais, criação de terceiros e o contato, ainda precoce, com a vulnerabilidade e a responsabilidade pela sobrevivência. Vera (62 anos) segue relatando que após o falecimento de sua avó teve que voltar a morar com a mãe, que estava inserida em um contexto de instabilidade financeira, o que fez com que Vera (62 anos), ainda muito nova, ingressasse no mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar. É o momento em que ela percebe que a infância é interrompida, e nesse ponto, a história dela repete a trajetória de Celma (55 anos), quando por alguma razão, os seus genitores não são capazes de suprir as necessidades, ocasionando o movimento que Celma (55 anos) nomeia como “se virar”.

Com uma agilidade que é passada como um saber ancestral, as duas entrevistadas relatam que criaram os filhos transmitindo os ensinamentos que tiveram ao vivenciar situações difíceis, não só em relação ao racismo, mas também pensando nas vivências cotidianas. Outro ponto interessante, que é possível ressaltar, é como a dimensão do cuidado se fez presente na criação dos filhos, e no caso de dona Vera (62 anos), os netos e bisnetos. Assim como uma garantia de que esses não seriam submetidos às mesmas situações catastróficas, tanto Vera (62 anos) quanto Celma (55 anos) ressaltam que ensinaram aos filhos qual era “o lugar deles” e que acreditam que eles sabem se posicionar e se defender.

Como escapar dessa maquinaria de socialização das crianças na qual o lugar do diferente é posto e visto com desvio, anormal, antiestético etc.? Quais as resistências, processos de socialização e de subjetivação das crianças negras empreendidas por suas famílias que se contrapõem ao racismo existente na sociedade brasileira? (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.56)

Em contrapartida, uma outra geração que não foi submetida ao trabalho doméstico e a outras atividades remuneradas de cunho braçal, também trouxeram suas contribuições sobre as memórias da infância em Nova Friburgo. Alice (25 anos), Camila (26 anos), Caroline (24 anos), Maiara (26 anos) e Thais (24 anos) contam histórias muito semelhantes sobre a experiência vivenciada aqui. Se em um momento anterior, nossas entrevistadas atribuem as dificuldades da infância a anomalias sociais e precariedade, muito em função do contexto socioeconômico, agora, no relato das meninas/mulheres é possível perceber uma questão que é visivelmente atrelada ao racismo, é assim que elas percebem, e que apesar de não possuírem episódios trágicos ou fatais, ainda assim foram tomadas pela força sufocante da opressão derivada do preconceito racial, que as sentenciam a um lugar de exclusão.

“O racismo é uma forma de governo, no sentido foucaultiano do termo” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.56), de corpos impossibilitados a corpos indesejáveis, as crianças pretas incomodam. Nas escolas, nas ruas, nas instituições, e em quase todos os espaços, elas produzem incômodos que são perceptíveis. Um afeto que é construído pela via do medo e do temor que transformam as crianças negras em potenciais “inimigos”, desviando da ideia de que a infância é sinônimo de pureza e ingenuidade, que geralmente é associada a branquitude.

Mesmo considerando os fatores de homogeneidade entre as crianças como grupo com características etárias semelhantes, são fatores de heterogeneidade que devem ser considerados (classe social, gênero, etnia, raça, religião etc.), pois os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.58)

A branquitude constrói mecanismos que sustentam a hegemonia branca como padrão e modelo ideal, dentro dessa articulação a profecia auto realizável se apresenta como um dispositivo importante para a perpetuação de algumas violências e opressões vivenciadas pelos grupos minoritários. De certo, a profecia de que determinados indivíduos devem ocupar espaços subalternos, tendo a evasão escolar como parte da trajetória, e concomitantemente o deslocamento do lugar de infância para a vida adulta de maneira deveras abrupta.

2.3 Quais as produções de subjetividade possíveis nas escolas?

O despertador toca às 6 horas da manhã, o sol ainda não raiou, parece que a noite de sono não foi suficiente para sanar o cansaço ocasionado pela intensa rotina. Começou mais um dia, deixar as crianças na escola, na esperança de uma realidade com mais oportunidades.

E as recomendações vêm logo após o “bom dia” - “leve a escola a sério, seu futuro depende disso”. Essa era a rotina da minha mãe, que foi se repetindo com os passar dos anos até se tornar comum, sendo possível perceber que não era uma particularidade dela, muitas mulheres negras das camadas populares apresentavam uma rotina semelhante e cultivavam a ideia de que os filhos poderiam se sobressair através da educação. O que nos coloca uma questão, o que a escola pode oferecer enquanto projeção de futuro a essas crianças?

Bell hooks (2017) relata a importância da educação como ferramenta política para a emancipação e o fortalecimento da luta antirracista, destacando a escola como espaço onde percebeu a aprendizagem como ato revolucionário. A autora segue destacando que a fidelidade aos estudos representava uma transgressão frente ao sistema hegemônico, como forma de resistência anticolonial. No entanto, o que se apresentava como prática libertadora dá espaço a um ambiente produtor de conhecimento e docilidade, conduzindo os corpos à obediência e alinhamento aos desejos da branquitude e, talvez, essa face da escola tenha mais similaridade ao que me propus a pensar a partir das falas das entrevistadas. “Para crianças negras, a educação já não tinha mais a ver com a prática da liberdade (hooks, 2017, p.12).

É importante descrever esse “corredor” que a criança percorre ao sair de sua casa e entrar na escola. Por exemplo, nessa passagem entre o ofício da infância para o ofício de aluno, que tipos de socialização, individuação, processos de subjetivação estão postos, na perspectiva da criança? O que as crianças negras têm a dizer como porta-vozes de suas próprias histórias? (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.59)

Gomes (2002) compreende a escola como um espaço que não se limita unicamente ao processo de formação, mas que abarca campos e discussões presentes no contexto da sociedade brasileira, como “[...] valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (GOMES, 2002, p.40).

Alinhada à compreensão da autora, proponho uma discussão sobre a infância das meninas negras na cidade de Nova Friburgo, destacando o ambiente escolar como uma instituição que propicia disseminação de preconceitos e discriminações, da mesma maneira que potencializa um discurso negativo sobre a infância preta.

Pensar em produção de subjetividade em ambientes escolares implica investigar como o racismo é disseminado, destacando-o como produto estruturante da sociedade brasileira, mas que também opera de maneiras diferentes a depender da situação e do contexto. Moreira (2020), ao discutir a definição de racismo simbólico, afirma que

Se as construções culturais que reproduzem a noção da superioridade moral das pessoas brancas operam como um ego ideal, como um ideal moral a que a pessoa aspira, a negritude está ligada a uma série infinita de significações de caráter negativo do qual as pessoas procuram se afastar. As associações da negritude com a escuridão, com a falta de caráter e com a degradação moral estruturam a atitude de

desagrado que pessoas brancas sentem em relação a negros. (MOREIRA, 2020, p.48)

Gomes (2002) ressalta que dentro das temáticas não-escolares que merecem uma atenção especial ao pensar as instituições educacionais, a relação do sujeito negro com o corpo e o cabelo ganham destaque. Parafraseando a autora, me pergunto, o que as pessoas negras têm a dizer sobre suas vivências corpóreas dentro das escolas (friburguenses)? Ao questionar as entrevistadas, pude perceber que o ambiente escolar era contextualizado com base em violências e preconceitos que costumam ser recorrentes em escolas brasileiras.

Eu sempre estudei em colégio particular, eu era uma das únicas crianças ali... uma das poucas com o cabelo black... o pessoal chama de bullying, mas é racismo e o mais perverso possível. Minha mãe continuou fazendo isso, mas eu nunca gostei, nunca me senti à vontade. Quando chegou na adolescência, eu lembro bem da formatura da minha irmã que minha mãe mandou fazer foto de alfa né, minha mãe me obrigou a fazer relaxamento e eu odiava porque ficavam várias partes lisas e aí... eu esqueci de te falar essa parte, eu faço acompanhamento com psiquiatra e psicólogo, tenho depressão e ansiedade e acredito que já era depressiva nessa época. Eu não conseguia me olhar no espelho, eu chorava me olhando no espelho, não conseguia sair de casa e minha mãe me obrigou a sair com o cabelo relaxado e meu grande gatilho era justamente estar com o cabelo relaxado, porque eu me achava a coisa mais horrorosa do mundo com o cabelo relaxado. (Alice, 25 anos)

Como eu falei né, não pelo sobrenome né, eu sofri muito bullying na escola, muito mesmo. Eu sofri bullying pelo sobrenome, por eu ser sempre muito magrinha e a verdade de tudo é que eu sempre andei em um grupo de pessoas brancas, mulheres brancas, eu era a única preta. Eu estudei em colégio particular a maior parte do tempo e por vezes eu fui a única preta da sala, e meu irmão e eu éramos os únicos pretos da escola. Quando eu fui pro público (escola), tive mais problemas com bullying e o fato de ser preta, o cabelo diferente... o cabelo crespo que era diferente, e tudo isso foi um processo longo. Eu acho que... eu falo acho porque ainda estou amadurecendo a ideia, eu consegui afirmar isso tem mais ou menos um ano e meio. Porque até então eu não tinha aceitado, aceitado cabelo, aceitado nada...traço nenhum. (Thaís, 24 anos)

[...] Sociedades condenam manifestações abertas de racismo, muitas pessoas afirmam que não discriminam membros de outros grupos. Mas, mesmo condenando práticas racistas, esses indivíduos dão suporte a instituições que perpetuam a discriminação racial. (MOREIRA, 2020, p.50-51)

Em concordância com Gomes (2002), aposto na trajetória escolar como uma etapa importante para compreender como se constroem as narrativas de mulheres negras na cidade, entendendo esse lugar como um cenário importante no processo de construção subjetiva da infância preta. Apontando a experiência no âmbito escolar como produtora de estereótipos, preconceitos e distorções, proporcionando uma terra fértil para o desenvolvimento do auto ódio ainda na infância. Gomes (2002) segue complementando: “falar sobre o negro na sua totalidade refere-se ao seu pertencimento étnico, à sua condição socioeconômica, à sua cultura, ao seu grupo geracional, aos valores de gênero etc.” (GOMES, 2002, p.42).

A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente

inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender. Apesar disso, essa política já não era contra hegemônica. O tempo todo, estávamos somente respondendo e reagindo aos brancos. (hooks, 2017, p.12)

O cabelo é um elemento que faz com que pessoas sejam tratadas de maneiras distintas, ele é fundamental para pensarmos a construção imagética da estética negra, assim como corresponde a uma peça imprescindível para o reconhecimento de si. No entanto, ao mesmo tempo que ele surge como gatilho para o processo de enegrecer, como foi apontado nas entrevistas, ele pode, em um momento anterior, suscitar um desconforto para a branquitude, e conseqüentemente para pessoas negras.

Ao narrar os episódios cotidianos de racismo enfrentados na escola, Camila (26 anos) levanta uma problemática sobre violências que, por vezes, são naturalizadas, compreendidas como brincadeiras entre crianças e/ou descuidos por parte dos adultos. Pensar em produção de subjetividade nas escolas é uma tarefa complexa que implica pensar outros eixos, e até mesmo agregar uma maior complexidade à discussão, delimitando de maneira clara que tipo de escola e quais crianças, se busca abordar.

Camila (26 anos), assim como outras personagens dessa cartografia, passou grande parte de sua formação escolar estudando em colégios da rede privada, um dado interessante se considerarmos que as entrevistadas se apresentam como mulheres de camada popular. Por se tratar de ambientes majoritariamente embranquecidos, torna-se indispensável um olhar mais aprofundado sobre as dinâmicas das escolas particulares, principalmente no que diz respeito às relações e vínculos construídos, que ressaltam algumas disparidades: exclusão, bullying e racismo.

[...] Apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e na adolescência. [...] Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra e outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre os brancos. [...] Para muitos negros essa é uma das primeiras situações de contato interétnico. É de onde emergem as diferenças e se torna possível pensar um “nós” - criança e família negra - em oposição aos “outros” - colegas e professoras brancas. (GOMES, 2019, p.204)

As crianças pretas costumam ser a minoria em escolas privadas, isso ocorre muito em função dos espaços precarizados que, de modo geral, são ocupados pela população negra, correspondendo a pessoas que, em muitos casos não dispõem de recursos necessários para arcar com os custos impostos pela educação privada. Dar aos filhos uma educação de qualidade costuma ser o maior desejo dos pais, geralmente sob o ensejo de oferecer a eles elementos de uma vida mais confortável e distante da realidade dos pais. E quando se trata de famílias afrocentradas a situação se complexifica, pois elas de imediato se ancoram a ideia de

que a educação pode provocar um deslocamento dos signos fixados ao corpo preto: pobreza e criminalidade. hooks (2017) ao compartilhar sua experiência em instituições privadas, pontua “levei pouco tempo para perceber que a classe social não era mera questão de dinheiro, que ela moldava os valores, as atitudes, as relações sociais e os preconceitos que definiam o modo como o conhecimento seria distribuído e recebido (hooks, 2017, p.236).

E... você estudava com a grande maioria branca, provavelmente seu círculo de amizades também circulava em torno daquilo, né?! (Pesquisadora, 24 anos)

Sim! Exatamente assim [...] acho que isso meio que expandiu mesmo no ensino médio, porque eu estudei só por um tempo mesmo na escola particular, depois eu fui pra escola pública. Quando eu fui pra escola pública, meu círculo de amizades meio que expandiu, com mais pessoas pretas também [...] tinha mais amigos pretos [...] então isso mudou. (Camila, 26 anos)

A produção da invisibilidade das crianças negras nas escolas é uma prática “comum” no território brasileiro, existe uma preocupação mais voltada para a segurança, quando essas crianças surgem como personagens, a educação deixa de ser o eixo prioritário, dando espaço para processos marginalizantes dessa infância. “Se uma pessoa não provinha de um grupo social privilegiado, poderia progredir se adotasse uma conduta semelhante à de um tal grupo. Os alunos ainda precisam assimilar os valores burgueses para serem considerados aceitáveis” (hooks, 2017, p.237).

Maiara (26 anos), ao mergulhar em suas memórias sobre o período da infância, diz se recordar do baixo quantitativo de alunos negros, ressaltando também a ausência de professores negros, reforçando a falta de representatividade e identificação das crianças.

Então desde criança eu via as diferenças né, de perceber que o trato com as crianças de cabelo liso era de um jeito e o trato com crianças de cabelo crespo era outro. Até entender também os lugares sociais que essas crianças ocupavam, conforme as peles eram mais escuras a gente conseguia entender que existia ali uma carência [...] eu sentia muito isso, as crianças pretas na escola eram vistas como mais pobres né, eram tratadas muito nesse lugar. E [...] era um pouco a realidade daquilo também né, eu percebia muito isso de... da merenda, porque a gente vai vendo pelo que a gente conhece. As merendas eram diferentes, isso que a gente trazia de casa né, algumas não tinham e comiam a merenda da escola que todos nós comíamos, mas alguns conseguiam trazer alguma coisa de casa. (Maiara, 26 anos)

A infraestrutura das escolas reforça as disparidades sociais, situando determinados alunos no campo da impossibilidade. O trato com as crianças, que a partir do pacto com a branquitude reforçam potencialidades de crianças brancas em detrimento das crianças pretas, enaltecendo desde o desempenho intelectual até as características estéticas, posicionando a negritude sempre em último lugar.

Embora ninguém declarasse diretamente as regras que deveriam governar nossa conduta, elas eram ensinadas pelo exemplo e reforçadas por um sistema de recompensas. Como o silêncio e a obediência à autoridade eram mais recompensados, os alunos aprenderam que era essa a conduta apropriada na sala de

aula. Falar alto, demonstrar raiva, expressar emoções e até algo tão aparentemente inocente quanto uma gargalhada irreprimida eram coisas consideradas inaceitáveis, perturbações vulgares da ordem social da sala. (hooks, 2017, p.236)

Os espaços escolares no Brasil, ainda operam como dispositivos que evidenciam as diferenças produzindo hierarquias nas relações interpessoais que situam as crianças pretas em posições inferiores. Pensar esse cenário implica discutir também a relação familiar, partindo do pressuposto de que essas crianças são previamente “preparadas” psicologicamente para o impacto gerado após sua inserção em âmbito social.

A noção sobre preconceito e discriminação aparece como parte desse preparo, uma vez que ele é, constantemente presente na vida de crianças pretas em detrimento das brancas. Devido a uma exaustiva pressão social, a família torna-se coprodutora de estigmas que situam as crianças em lugares “marginalizados”, propiciando a produção de subjetividade nas instituições. É necessário ressaltar que o modo de criação adotado por famílias pretas, visa desviar os filhos dos alvos racistas e do processo de exclusão, e em muitos momentos a estratégia vigente gira em torno da invisibilização dessas crianças. [...] E era impossível supor que o resultado desse processo fosse a formação de identidade negativa e baixa autoestima” (BENTO, 2012, p.104). O que se inicia com a ridicularização do cabelo crespo pode se estender até a produção de silenciamento, que promove uma atmosfera de docilidade sob a infância preta, apagando de maneira abrupta as características que a tornam autêntica e revelando o longo percurso a ser percorrido para alcançar o “modelo padrão”.

Ao mencionar os filhos e netos, três entrevistadas apresentam pontos de vista divergentes, mas que ao mesmo tempo revelam um pouco do funcionamento das famílias negras e como o racismo se introduz de maneira sutil em nossas relações, nos impulsionando a reproduzi-lo entre nós mesmos, pessoas pretas.

“Eu sei o meu lugar”

E como você enxerga o impacto do racismo na cidade, você enxerga Friburgo como uma cidade racista? Você contou um pouco da sua história na infância que foi difícil, imagino que tenha sido muito complicado não só pelas condições que você já estava inserida, mas também pela cor né, que não é bem aceita em lugar nenhum. Como é que você enxerga, você vê a cidade como um lugar racista... você acha que melhorou... piorou? (Pesquisadora, 24 anos)

Olha, eu acho que tem muito racismo sim! Mas eu te falo uma coisa, não me atinge muito não, porque eu como uma negra sei onde é o meu lugar então eu não abaixo muita cabeça, tanto que sempre ensinei minha filha “você nunca será mais e nem menos que ninguém, tem que olhar todo mundo por igual”, eu sei que eu vou em lugares e as pessoas não olham com bons olhos, mas eu também finjo que não vejo (risos). Eu to ali e meu dinheiro vale o mesmo que o deles, não me sinto por baixo não. Essa história de racismo tem muito, muito mesmo! Mas a gente tem que saber viver e levar, eu sou o que sou e vou em frente! (Celma, 55 anos)

Gomes (2019, p.205) afirma que “em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar que possibilitam a construção de uma autorrepresentação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo.

“Eu os ensinei a se defender”

Mas... com seus filhos, você fez algum tipo de orientação de como eles deveriam se comportar ou do que eles poderiam esperar em relação a racismo? (Pesquisadora, 24 anos)

Olha, falo pra você que a discriminação é vivida até na escola, desde criança... a criança já sofre com isso, eu mesma levava uns apelidos horríveis, porque na escola que estudava... a primeira escola depois que vim da roça era uma escola particular em São Gonçalo, era só... bem dizer, de brancos! Eram apelidos, umas implicâncias e eu morria de medo dos meus filhos sofrerem com isso, mas até hoje, graças a Deus... eles não reclamaram disso, então é porque souberam se defender! Porque eu ensinei a se defender, até dentro de casa você sofre preconceito. Eu tenho quatro filhos da minha barriga e tenho uma de coração, então eu tenho uma que tem os olhos claros e a pele bem clara, meus filhos tem os olhos claros e a minha filha de coração que é essa que eu criei é negra, bem fechadinha. São irmãos de sangue, pois são filhos do mesmo pai, mas a cor não saiu igual. (Vera, 62 anos)

“Eles não sofreram porque são bonitos!”

E os seus filhos, netos [...] você percebe que eles sofreram racismo de alguma forma, por policiais, ou por outras pessoas, ou em loja [...]? (Pesquisadora, 24 anos)

Não, meus filhos não! Meus filhos..., o William não, é porque meu filho não..., é o modo de dizer [...] era um preto muito bonito, muito bom, tá entendendo?! Maravilhoso... morou com a Rosa, uma mulata que mora lá no final, me deu essa neta linda, se você ver ela... da nossa cor, mas ela é muito bonita! (Eugênia, 89 anos)

Celma (55 anos) e Vera (62 anos), destacam que a criação dos filhos aponta para um movimento de empoderamento, os incentivando a construir o próprio espaço, assim como, mecanismos de defesa que os auxiliem frente aos insultos e hostilidades derivados do racismo. Tal conduta revela uma nova roupagem aderida por famílias afrocentradas e/ou interracialis que, motivadas pelo ativismo negro, tem promovido uma perspectiva positiva acerca da negritude, reforçando a importância da ancestralidade, da autenticidade da estética preta e viabilizando as potencialidades do corpo preto, o reposicionando em um lugar de possibilidades e potência. É importante frisar que a noção da existência do racismo como a violência estruturante da sociedade brasileira também entra como pauta na condução da criação dos filhos, no entanto, não como um elemento que os situa em uma condição limitante.

[...] Levar a criança a se perceber como indivíduo negro e de auxiliá-la a se perceber com potencialidade igual à do branco. As famílias se preocuparam em não expor

ideias negativas sobre o negro frente à criança pequena e buscaram apresentar personalidades negras à criança para que a noção de igualdade e capacidade se materializasse. (BENTO, 2012, p.105)

Em contrapartida, Dona Eugênia (89 anos), aponta de maneira muito incisiva que, o fato dos filhos e netos serem providos de “beleza”, isso permite que eles sejam isentos dos insultos, há uma questão geracional que deve ser considerada, o fato dela ser uma senhora de 89 anos evidencia as marcas que o racismo vai fixando ao longo do tempo. Ela, inclusive, associa essa ausência das violências raciais por parte dos netos, ao fato deles se relacionarem afetivamente com pessoas brancas, ressaltando que a família dela não costuma se dar bem com pessoas da nossa cor, sempre recorrendo a relações interraciais.

Enquanto uma pessoa incorpora um discurso racista ou homofóbico, outra encontra naquilo motivação para resistência. É nesse sentido que a construção da identidade é um processo extremamente complexo, e que permite a singularidade de cada um de nós. As heranças, o acúmulo coletivo, o aprendizado de hoje formam um amálgama, diferente para cada sujeito ao interagir com aspectos muito particulares que trazemos em nosso aparelho psíquico. Ou seja, identificar-se é conviver e interagir, e também pode ser separar-se do outro, diferenciar-se, constituir-se em suas singularidades. (BENTO, 2012, p.107)

“O sentimento de ser à parte, de ser diferente dos outros, em primeira instância, deriva da experiência sensível da alteridade física do outro” (BENTO, 2012, p.107). O que pode ser produzido nesses espaços que ressignifique as potencialidades da negritude?

A cidade é muito boa, pra mim até hoje eu não tenho o que reclamar... em termos de serviço sempre tive portas abertas, porque eu saio de um e já tem outro me chamando, então isso você quem constrói com seu caráter, sua boa índole e educação. Mas agora eu falo pra você, tenho medo do futuro em relação aos meus netos e bisnetos, se vai continuar nessa vibe, eu vejo que são todos trabalhadores, mas acontece que as coisas estão muito difíceis. [...] Agora você imagina daqui pra frente, vai piorando cada vez mais. Então a gente tem medo, a gente não está na cabeça de todo mundo. A educação é a prioridade primordial pra gente, e hoje é a primeira coisa que eles estão tirando do pobre, das pessoas humildes... aí onde a gente vai chegar? [...] Onde você vai chegar sem um estudo, sem uma educação... se o próprio país exige isso. Eles próprios estão cortando isso, você vê que as faculdades a grande maioria estão fechando. (Vera, 62 anos)

2.3.1 Síndrome da Senhorita Morello

É... (risos) a gente costuma brincar que é aquela síndrome da Senhorita Morello, do Todo mundo odeia o Chris, que ela imagina ali muitas situações de anomalia social e isso só se refletia em cima do aluno preto. Algumas vezes na escola, e deles ficarem... quererem dizer alguma coisa que na realidade não tinha muito fundamento. (Maiara, 26 anos)

A senhorita Morello é uma personagem do seriado norte-americano “*Everybody Hates Chris*”³⁸ (Todo mundo odeia o Chris³⁹). A sitcom conta a história de um adolescente negro que cresce no Brooklyn, juntamente com sua família, retratando de maneira cômica os atravessamentos raciais e socioeconômicos de pessoas afro-americanas nos anos 80. É possível se identificar com muita facilidade ao longo dos episódios, a série conta com quatro temporadas e é sucesso mundial, uma vez que trata o racismo e tantos outros preconceitos pela via do humor, expondo de maneira bem aberta a realidade enfrentada por famílias negras nos Estados Unidos.

Chris é o protagonista do seriado, para diferenciá-lo dos outros adolescentes do bairro, que em sua grande maioria estão inseridos na criminalidade, sua mãe opta por matriculá-lo em uma escola fora do Brooklyn, sendo Chris o único aluno negro da escola. A convivência do menino com o ambiente educacional é complicada, Chris é injustiçado pelos professores e responsáveis da instituição, agredido e hostilizado pelos colegas e tem suas reivindicações negligenciadas no ambiente familiar todas as vezes em que tenta expor as situações ocorridas na escola.

Em grande parte dos episódios, Chris tem aulas ministradas pela senhorita Morello, personagem que se tornou destaque na série pelas falas e comportamentos polêmicos e racistas. A professora se refere ao aluno como um indivíduo com limitações intelectuais e preso às anomalias sociais, insistindo na ideia de que Chris é fruto de um lar disfuncional, crescendo com a ausência do pai e tendo um número exorbitante de irmãos, características que ela atribui ao aluno pelo simples fato dele ser negro. Sempre se refere ao menino de maneira pejorativa e em diversos momentos se coloca como *White Savior*⁴⁰, alegando que a família do jovem enfrenta carências socioeconômicas. Não é difícil identificar pessoas que operam sob a mesma ótica que a de senhorita Morello, em nossa vida cotidiana.

A ideia de que pessoas negras estão sempre situadas na zona da vulnerabilidade faz com que pessoas brancas desenvolvam um olhar depreciativo sobre a negritude, enquadrando esses indivíduos em realidades que, em muitos casos, não são equivalentes a suas vivências.

³⁸ *Everybody Hates Chris* é uma sitcom norte-americana estreada em 2005 pela *United Paramount Network* e encerrada em 2009, após quatro temporadas. Apesar de não ter sido renovada por mais tempo, a série segue tendo muita repercussão, principalmente no Brasil devido ao excesso de reprises do seriado em canais abertos.

³⁹ É um seriado que no Brasil emerge, pela sua trajetória constituída do outro, o quanto narrativas críticas podem passar despercebidas, apagando alguns efeitos e destacando outros. São lentes que se direcionam para como esse contexto trata de questões étnico-raciais e a silencia em favor da recepção passiva, mas que se desdobra sobre a perversidade do humor e o que ele esconde sob a sensação de brincadeira e não-seriedade. (ALMEIDA, 2017, p.150)

⁴⁰ Complexo do branco salvador.

Pensando a negritude com base em signos estereotipados e reducionistas, atrelando esses corpos à hipersexualização, à pobreza, à primitividade, à exotização, à falta de intelecto, além do constante preconceito às religiões de matrizes africanas. “Uma criança e negra é um esforço de tornar possível pensar raça, gênero, sexualidade e classe social, como categorias “minoritárias”” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.53).

A síndrome da senhorita Morello pensada em espaços sociais, como as escolas, revela uma série de preconceitos que têm sido cristalizados sobre a população negra. Ao apontar as anomalias sociais como parte da rotina dessa população, trazendo um destaque para a perpetuação de mulheres negras em posições subalternas, cargas excessivas de trabalho, número expressivo de filhos, essas características são sempre pontuadas do ponto de vista da irresponsabilidade e falta de planejamento familiar. Em geral, ao olhar para pessoas negras em espaços escolares, os indivíduos que operam sob a lógica da síndrome, costumam pressupor e atrelar a criança preta à precariedade, tecendo comentários que afetam diretamente a subjetividade delas. Inclusive é comum se deparar com a escola demandando muito mais das mães, partindo da suposição de que essas mulheres são mães-solo, e atribuindo ao corpo feminino a dimensão do cuidado.

Os brinquedos né, tinha a sexta feira dos brinquedos e conseguia perceber ali as crianças né, com os brinquedos que eram mais simples e outras com os brinquedos mais caros. Foi algo assim, que me marcou muito durante a minha infância ver como era ser preto em Friburgo! Como era diferente né, e muitas das vezes né, as pessoas questionavam se minha mãe tinha condição mesmo de cuidar de mim e da Michele, se tinha mesmo um pai em casa. (Maiara, 26 anos)

Os comentários pejorativos como reprodução de um preconceito construído a partir da associação da negritude com a pobreza, negligência e ausência de afeto têm sido agentes ativos na produção de adoecimento, principalmente porque são atrelados a uma visão que retrata as crianças pretas como sinônimos de carências nutricionais e afetivas, pressupondo que a dinâmica familiar é marcada por tais precariedades. OLIVEIRA e ABRAMOWICZ (2010), no artigo intitulado “Infância, raça e “paparicação””, discutem sobre o cotidiano de creches brasileiras com foco em como surgem as questões étnico-raciais. A dimensão afetiva torna-se um dos focos da discussão, pois revela a ausência de afeto e cuidado atrelado à diferença racial apresentada pelas crianças.

As pesquisadoras revelam que a falta de afeto era marcante, sendo perceptível o carinho excessivo direcionado a crianças brancas e, por vezes, um distanciamento das crianças negras. Pensar a dimensão afetiva é um exercício necessário, porque é nesse período, através do desenvolvimento (nocivo ou afetivo) dos vínculos que a criança passa a pôr para fora suas habilidades emocionais. Questões relacionadas ao baixo rendimento escolar,

timidez, entre outros podem ser resultado desse esvaziamento afetivo e falta de investimento emocional em relação a essas crianças. “Conforme as crianças crescem, elas associam cada vez mais o amor a gestos de atenção, afeição e carinhos” (hooks, 2002, p.60).

Como é possível pensar o corpo que começa a ser preterido na infância a partir das brincadeiras, sendo encarado como aquele que não deve ser escolhido e que não é prioritário? E como isso pode influenciar, significativamente, mulheres pretas na vida adulta?

As relações afetivas podem ser pensadas como primeiro ponto, considerando que é perceptível a recorrência de envolvimento de pessoas pretas em relacionamentos abusivos em amizades e em relacionamentos amorosos, episódios que colaboram para que essas mulheres subjuguem o próprio corpo e a existência, compreendendo que o lugar de prioridade nunca será dela, carregando o peso do preterimento.

A mulher negra é preterida socialmente, esse comportamento é embasado em uma estrutura racista que corresponde ao sistema organizador da sociedade brasileira que de maneira incisiva posiciona esses corpos na margem desde a infância, limitando-os diante da dimensão do desejo. Quando o sucumbir entra como regra, o desejar torna-se uma transgressão.

As escolas contribuem significativamente para que crianças aprendam a se posicionar em posições subalternas e inferiores, e essa articulação começa nas brincadeiras. Os jogos e dinâmicas coletivas são exemplos claros de uma segregação entre os colegas, esse movimento também pode ser observado nas atividades extraclasse, como por exemplo as danças de festa junina, onde crianças negras são frequentemente deixadas como última opção.

3. “DA NOSSA COR, MAS ELA É MUITO BONITA” - OS ATRAVESSAMENTOS DE UMA JUVENTUDE NEGRA EM NOVA FRIBURGO

E aqui, há muito tempo eu falei assim “mamãe!”, por que eu chamava minha avó de mãe e minha mãe eu chamava pelo nome, Jovelina. Minha avó eu chamava de mãe, porque me criou, eu falei assim “mamãe, por que a gente tem a mão branca assim e a pele assim..., ela falava assim... “ah, sabe por que minha filha?! Os brancos tomaram banho primeiro, saíram tudo branco! Depois, os mulatos, mulatos quer dizer morenos mulatos! E os últimos foram nós negros, água já estava suja... (Eugênia, 89 anos)

E isso te convencia quando era mais nova? (Pesquisadora, 24 anos)

Eu falava assim “ué, mas que negócio é esse?”. Então a gente vai ficar toda a vida assim... ela falou “vai! É uma pele bonita, minha filha! Não fica triste não! É uma pele muito bonita, sabe por quê? Deus sabe todas as coisas, Deus não fez acepção de pessoa. Deus ama o preto, o branco, o mulato, moreno, todo mundo! Eu hein”. Não, tá certo sim! tem que lutar pra isso mesmo. (Eugênia, 89 anos)

E algum dos seus netos ou seus filhos já fizeram alguma pergunta desse tipo também, do por que era negro ou por que tinha a pele assim? (Pesquisadora, 24 anos)

Não! Não perguntavam não! Porque o William era muito bonito, tinha muita branca atrás dele! (Eugênia, 89 anos)

3.1 Cabelo autorizado

“Eu já estava com o cabelo mais aceitável na época, meu cabelo já podia ficar solto, era bem liso e foi algo que me acompanhou por bastante tempo no pós período escolar.” (Maiara, 26 anos)

O drama da menina negra. Coloca química, alisa o cabelo, queima o couro cabeludo, mas “fica linda”. “Sabia, você deveria fazer isso mais vezes, ficou ótima!” - ressoa o comentário que travestido de elogio pesa também como uma crítica. O fio alinhado, o frizz⁴¹ foi embora, só sobram as dores geradas a cada três meses, que é o tempo que o “feitiço químico” dura, impedindo que a raiz crespa dê o ar da graça. Um sacrifício válido? Hoje, afirmaria que não, mas durante a adolescência, qualquer “elogio” a esse cabelo produzia um mínimo de autoestima, que de alguma maneira nos aproximava do signo de beleza.

⁴¹ Consistem em fios arrepiados que sinalizam a falta de hidratação dos cabelos.

Gomes (2019, p.201) afirma que os rituais de beleza enfrentados pelas meninas negras produziam tanto sofrimento, ao fazer penteados, que a adoção de técnicas que facilitassem o manejo era bem-vinda “a sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo”.

Além dos sacrifícios para mudar a estrutura, também éramos submetidas aos sacrifícios cotidianos. Tomar chuva, pular na piscina despreocupadamente, lavar o cabelo fora de casa, e até dormir em outros lugares eram ações impensáveis e desconfortáveis, produzindo a sensação de que você deveria se mover o mínimo possível para não “ouricar” demais o cabelo.

No fim do ensino médio fiz uma viagem com os colegas da escola, a grande maioria, branca. Não preciso nem dizer que a viagem me trouxe incômodos, apesar de se tratar de uma memória que preservo com muito afeto. Fomos para praia, um lugar péssimo para quem precisa manter o cabelo seco e “escovado”, não existia a possibilidade de não o molhar, ao passo que, estar fora de casa e ter que “dar um jeito no cabelo” entrou como questão. Meus amigos nunca tinham me visto dessa maneira, vulnerável eu diria, afinal, o cabelo era e é até hoje meu ponto de equilíbrio e desequilíbrio, ele influencia toda a dinâmica do meu dia. Cremes, gel fixador, água... nada era suficiente para “domar” esse cabelo, que ignorando o meu desespero ficava cada vez mais volumoso. Lembro-me também da época em que minha avó penteava meu cabelo e dizia “tem que ficar sossegada! Não fica pulando porque vai estragar o penteado e você vai ficar com esse cabelo feio”. O “fique sossegada” foi um dos grandes gatilhos que justificava a minha inibição e timidez no período da adolescência, como se eu estivesse à espera do momento em que meu cabelo me envergonharia. Ele era autorizado, desde que cumprisse as exigências estabelecidas pelos padrões estéticos da época.

Eu vou mandar um papo reto/Gatinha vê se me escuta/ se você fez escova vê se leva o guarda-chuva/ô não tô de caô, gata não tô de gracinha/ se você fez implante, alisante ou chapinha/tome muito cuidado sabe o que que aconteceu/ ih choveu cabelo encolheu todinho/ih choveu cabelo encolheu/Para as princesas do baile um beijão no coração/ você que é vaidosa e vai sempre no salão/ gatinha bonitinha do cabelo de henê/se tu marcar pra mim/ gata eu saio com você.⁴²

Essa composição musical tornou-se um sucesso na época da escola. De maneira infeliz, retrata não só uma dinâmica complicada enfrentada por meninas negras e crespas que não se identificavam com suas raízes, e por esta razão se submetiam a procedimentos capilares com a utilização de compostos químicos que, além de danificar os cabelos, fragilizava a autoestima e propiciava comportamentos depreciativos. Era comum ouvir piadas racistas que, travestidas de brincadeiras, tomavam conta dos ambientes de convivência da

⁴² “Cabelo encolheu” - Intérprete: Mc Frank/ Compositor: Jorge Henrique da Silva.

juventude. O cabelo que na infância era constantemente rejeitado e classificado como inapropriado agora dava espaço para um cabelo que, apesar de aceito, estava diariamente à prova, ele precisava estar impecável para seguir nesse status.

E aí... eu queria saber, sei lá... não conhecia mais meu cabelo, não sabia como meu cabelo era e no natal anterior... eu sempre quando escovava o cabelo eu fazia coquinhos na minha cabeça toda pra facilitar né..., na hora de separar as mechas e escovar o cabelo. E aí eu tinha feito no natal anterior né, me aproximando das meninas e tinha soltado assim, tinha ficado com preguiça de fazer escova, e tinha soltado. Meu cabelo tinha ficado todo cacheado, num *blackinho* cacheado. Também posso mandar foto, se você quiser. E aí... é... eu tinha achado bonito, mas assim, não era a estética que eu estava acostumada a usar, mas tinha achado bonito até! E aí as meninas falavam, falavam... e eu estava com o cabelo que eu sempre quis, um cabelo lisão, mas mesmo assim tinha que tomar cuidado com a chuva, passava muito Henê né (risos). (Maiara, 26 anos)

E aí, um belo dia eu entrei de férias da loja e falei, não... se dá trabalho, vou descobrir agora! Fiz textura no cabelo, que são esses minis coquinhos né e depois soltei pra ele ficar cacheado, deu super certo e comecei a usar! Todo mundo rindo, falando “você não vai aguentar ficar com o cabelo assim, você não vai aguentar ficar com o cabelo assim, porque você sempre alisou muito o cabelo, seu cabelo é lindo e você demorou um tempão pra chegar nele e eu acho que você não vai aguentar não, você não vai aguentar” e eu fui ficando só de raiva! (Risos) porque dizem que romantizam muito a transição né?! (Maiara, 26 anos)

Os ambientes familiares também contribuíram significativamente no processo de modificação da raiz crespa, muito em função da promessa de uma realidade menos hostil para as meninas, que agora com as madeixas modificadas estariam “mais próximas” do padrão estabelecido como bom e belo. No entanto, as alterações nunca se apresentavam como suficientes para perpetuar um status, e sequer fornecer subsídios para uma autoestima saudável para essas meninas. Apesar de em muitos momentos ser visto como preocupação supérflua, o cabelo cumpre na adolescência um desfecho, que arriscaria dizer, que é um pouco mais cruel do que na infância, se considerarmos que agora ele transforma-se em outra coisa, ou seja, ele ganha uma nova forma que atribui à pessoa novas características, afastando-a de sua roupagem natural, e simultaneamente produz ganchos para outras mudanças que são apresentadas como “necessárias” para conquistar os holofotes da beleza branca-europeia, mas que na realidade são formas de se negar os traços negroides, os situando como heranças negativas e incompatíveis com os signos de beleza.

É preciso confrontar o peso da hegemonia da brancura nessa desqualificação estética das mulheres negras, que tem impacto na sua empregabilidade e na sua possibilidade de mobilidade social, além de impactar negativamente a sua capacidade de disputa no mercado afetivo. Além da reconstrução de um imaginário sobre as mulheres negras, capaz não apenas de reverter essas imagens de controle que as aprisionam, faz-se necessária a formulação de propostas que permitam a circulação igualitária das imagens das mulheres recortadas pela raça. (CARNEIRO, 2020, p.283)

Mudar o nariz, afinar os lábios e clarear a pele são modificações que com o tempo e as pressões externas tornam-se itens básicos para a “garantia” de uma visualização como uma

pessoa que atinge os critérios estéticos aceitáveis. Não à toa, artistas famosas ao ascenderem socialmente acabam se submetendo a uma série de cirurgias plásticas para mudar os traços, sob a promessa de uma nova identidade, menos empretecida e, conseqüentemente, mais aceita. É importante destacar que mesmo com os progressos em relação a aceitação do cabelo crespo como um cabelo bonito, símbolo da resistência preta, sendo a peça chave e mobilizadora do empoderamento de mulheres negras, ainda assim, há um movimento que provoca rejeição a esse cabelo, o diferenciando a partir de uma classificação hierárquica como um cabelo inferior ao cabelo cacheado. E nesse momento trago destaque para a discussão sobre colorismo que nos auxilia a compreender como o racismo pode ser desmembrado e potencializado, a depender do sujeito a que se dirige.

Está relacionada com as respostas à radiação de raios ultravioletas. A pele mais escura, com mais melanina, protege as populações originárias de regiões próximas do equador. É, pois, na sua origem uma resposta físico-biológica ao meio ambiente. Como é que, apesar de a origem da humanidade ter ocorrido em regiões com maior radiação ultravioleta, a cor da pele acabou por se converter em marcador de desumanização? Foi um processo histórico longo que, em alguns contextos, foi evoluindo para converter a pele clara e a pele escura em conotação de rígida hierarquia social, o que designamos por racismo e por colorismo. A percepção da cor deixou de ser uma característica física da pele para se tornar um marcador de poder e uma construção cultural. (SANTOS, 2021, p.1)

Santos (2021) pontua que é impossível pensar em colorismo sem o racismo e o colonialismo; o termo surge justamente para intitular o tratamento que se apresenta de maneira diferente a depender da tonalidade da pele. O autor reitera que a lógica do colorismo opera com base na proximidade com os signos da branquitude, ou seja, quanto mais “clara” for a cor da pele, maiores serão as chances de aproximação de vantagens conferidas a pessoas brancas.

Lembro de um episódio, [...] tinha uma menina na época e ela é até conhecida daqui ela estava de trança... só que... não é que ela é padronizada, mas ela não é uma preta tipo eu e a Carol. Preta que a gente vê na rua, que anda sem maquiagem, preta mulher... que só é mulher. E aí... “nossa, mas vocês têm que ver o cabelo dela sem trança”, eu senti naquela hora “o dela é lindo e ponto”, não tive reação, disse “ah, eu já vi e é bonito mesmo”. Mas eu senti que ela falou aquilo numa forma de impacto, sabe! O cabelo dela é lindo! Então quando a gente chegou perto das mesmas pessoas sem trança, por incrível que pareça, foi um choque maior... porque elogiaram até mais do que ela. E eu fiquei “caramba!”. (Thaís, 24 anos)

Quando Thaís (24 anos) destaca o “preta que a gente vê na rua”, ela não só traz o foco para a discussão sobre colorismo, que em muitos casos reforça a ideia de que mulheres negras de pele clara possuem vantagens em detrimento de mulheres negras retintas, por possuírem uma raiz capilar não tão crespa, sendo situadas nas proximidades dos lugares de beleza, mas também produz uma provocação para pensarmos sobre as pressões estéticas enfrentadas dentro da comunidade negra na cidade de Nova Friburgo. No capítulo inicial, que relata o

percurso da pesquisa, tomei a liberdade para pontuar que as mulheres cariocas jamais saberiam como é ser uma mulher friburguense, e volto a esse ponto para pensar as pressões estéticas que perduram no município de maneira muito latente.

Coloquei as tranças, ninguém nunca tinha me visto de tranças, só com black e afro puff⁴³, aí quando eu apareci falaram assim “essa menina já era metida com esse cabelo, aí ela volta aqui loira”, mas como assim eu tô loira “sim, você está loira”. E eu “caraca, realmente...” e eu, caramba, em outra época eu não usava nem batom vermelho porque falavam que ficava feio pra mulher preta. Eu já escutei isso, que batom vermelho era só pra meninas brancas! (Thais, 24 anos)

O cabelo, a pele, as vestimentas e até o calçado compõem o combo do cidadão friburguense, não à toa que muitas mulheres são barradas nas entradas de lojas em Nova Friburgo, por apresentarem aparência “simples” e, em muitos casos, “não condizente com a realidade das lojas”. Esse critério baseado em preconceito e racismo é aplicável na grande maioria dos estabelecimentos, desde as lojas até os eventos.

E tem algum lugar ou lugares que você não frequenta por causa disso, ou foi hostilizada de alguma forma ou sofreu alguma coisa? (Pesquisadora, 24 anos)

Acho que a maioria dos lugares, aquelas lojas de roupa do shopping... eu já nem atrevo a entrar, porque eu sei o que vai acontecer... as lojas de roupa do shopping, alguns eventos também, que eu imagino que... não sei... é que tem evento que parece que já tá na cara que quase não vai preto nenhum. Que a maioria vai ser branca... então, eu já meio que evito. E é o que mais tem na cidade. (Camila, 26 anos)

Discutir sobre o cabelo autorizado dentro desse cenário nos impulsiona a pensar como algumas práticas capilares agressivas à saúde e ao cabelo fizeram, e ainda hoje, fazem parte da adolescência das meninas friburguenses. O cabelo autorizado é o que tenta, de alguma maneira, camuflar a negritude. Compreenda, meu objetivo não é julgar as pessoas que preferem ver suas raízes lisas, acredito que nós, mulheres negras, somos livres para usar e abusar das tecnologias capilares existentes. No entanto, entendo a necessidade de problematizar as práticas que têm se naturalizado e produzido adoecimento em muitas instâncias.

A começar pela saga até o cabelo autorizado, são incontáveis os produtos químicos utilizados até o encontro com o “liso perfeito”, assim como os cortes químicos causados pela incompatibilidade dos fios com a substância contida nos produtos, que em geral costumam conter compostos agressivos demais para a utilização na raiz. Os cabelos crespos que são descritos como arredios e rebeldes, na realidade, são cabelos finos e que carecem de uma atenção maior. Ao serem expostos a uma série de procedimentos, a queda acaba sendo

⁴³ Afro puff é um penteado comumente utilizado em cabelos crespos, muito em função da praticidade. Ele consiste em um coque volumoso na parte mais alta da cabeça.

inevitável, pois além de serem privados dos nutrientes necessários devido à falta de informações e recomendações no que diz respeito ao cuidado e manutenção, também são submetidos a produtos excessivamente fortes.

O acúmulo de químicas ministradas sob o cabelo, o uso diário de chapinha e do secador provocam uma sensação aprisionante de um ritual de beleza que parece ser eterno, e também contribuem para um enfraquecimento natural dos cabelos em função da sobrecarga operada sobre ele. É importante frisar que a utilização de química nem sempre tem como finalidade alisar os fios, também é muito comum na comunidade negra o uso do permanente afro, que é uma técnica que alisa apenas a raiz e produz um efeito que forma ondulações nas pontas dos cabelos, se assemelhando a cachos. Mas, semelhante aos produtos destinados ao alisamento, as substâncias usadas no permanente também podem provocar o enfraquecimento dos fios e até mesmo a queda, em casos de ausência da manutenção.

E hoje em dia, bom, em Friburgo só tem um instituto que lida com cabelo crespo sem química. E essa amiga nossa que fala que o cabelo dela é 3c⁴⁴, o cabeleireiro disse pra ela que o cabelo dela é liso na raiz e só é cacheado nas pontas. Eu fiquei olhando e pensando “amiga, seu cabelo é tipo o meu” não tem como um cabelo crespo ser liso na raiz e cacheado nas pontas, eu nunca vi, da forma que o cabelo dela está não tem como ser. Mas ela leva isso e ela... toda vez ela entra no processo de transição e diz que vai fazer, mas ela sempre volta pro cabelo liso. Ela fica muito bonita de cabelo liso, combina muito com ela! Acho que ela ainda não se descobriu, ela fica tentando, esse mês ela faz cacheado, mês que vem ela já quer liso. Fica oscilando, eu tenho pena do cabelo dela! Se eu fosse ele ia falar “não quero mais, acabou!” (Caroline, 24 anos)

O permanente, de uns anos para cá, tem sido propagado como a “transição capilar”, uma vez que seu resultado apresenta um cabelo com aspectos semelhantes ao “natural”, no entanto, ele foge da proposta ao expor os fios a alterações da estrutura, ou seja, ao fazer o uso de compostos químicos ele se assemelha ao alisamento, que funciona com manutenção, fazendo com que mulheres negras se tornem ainda, dependentes da substância.

A cidade é muito racista como um todo. Acho que se eu colocar o pé pra fora do portão já começa... ou é algum olhar por causa do cabelo, ou algum comentário, até que, não sei se é por conta da pandemia, mas agora nem está acontecendo tanto. Mas sempre rolava de alguém querer colocar a mão no meu cabelo... aí de vir “ah, mas você faz seu cabelo onde? É no Beleza Natural? Ah, seu cabelo é natural?”. Isso me estressa muito! (Camila, 26 anos)

O Instituto Beleza Natural é conhecido na atualidade como um dos principais centros de “tratamento” de cabelos crespos no Brasil, tendo como fundadora e proprietária a Zica Assis e a cofundadora e sócia, Leila Velez. A rede de salões tem se popularizado entre as mulheres negras que possuem o desejo de assumir as raízes crespas abandonando o

⁴⁴ Usa-se a nomenclatura 3a-3b-3c para se referir aos cabelos cacheados, os fios com textura 3c correspondem aos cachos menores e mais definidos.

alisamento, mas que relatam não ter um “bom” manejo com o cuidado da raiz. Sendo o procedimento operado no Beleza Natural um facilitador para o cuidado com os cabelos.

Cruz (2013), em sua dissertação sobre os “cabelos mágicos”, trabalho em que discute sobre a identidade e o consumo de mulheres no referido Instituto, sinaliza uma das características que pode ser responsável pelo destaque da rede de salões frente a outros espaços de tratamento de beleza. A autora destaca que “[...] um dos fatores que contribuem para o sucesso do salão é exatamente o silenciamento da raça e a emergência da identidade cacheada criada pelo Beleza Natural, que parece estar em perfeita consonância com o discurso da identidade nacional” (CRUZ, 2013, p.67).

O Instituto Beleza Natural propõe um modelo de transformação do qual passa pelo acolhimento desta mulher, que segundo eles não era bem-aceita em outros salões; cria um elo entre suas clientes e funcionárias através da crença na transformação desejada, e assim essa mulher ressignifica seu corpo e sua linguagem, adequando-se à nova identidade cacheada. (CRUZ, 2013, p.68)

Cruz (2013) enfatiza que a passagem por salões como os do Instituto de Beleza Natural provoca a inversão de sentido atribuído ao cabelo crespo, passando da vergonha para o orgulho, no entanto, trata-se de uma valorização do cabelo pautada em padrões estéticos referentes a mestiçagem nacional, ao modificar o cabelo adaptando-o a uma estrutura socialmente aceita, as mulheres negras passam a ter mais possibilidades de inserção e mobilidade social.

[...] Os ganhos que o cabelo crespo conseguiu no mercado da “boa aparência” se reveste de cachos, e a identidade que emerge da negação do cabelo crespo, nos moldes previamente descritos, surge como uma identidade que nega a raça, afinal serão todas simplesmente cacheadas. (CRUZ, 2013, p.79)

Por que a grande maioria não sabe, né! E até pra comprar creme é muito engraçado “ah, pode ser qualquer um aí que você tiver... e geralmente vem um escrito ‘cabelo cacheado’” e o efeito não vai ser o descrito na embalagem. (Pesquisadora, 24 anos)

Geralmente eles sempre vendem o cacheado, não o crespo! (Caroline, 24 anos)

“Nossa, mas seu cabelo é cacheado” - não, é crespo! “Mas esse é pra cabelo cacheado” - não, amor... é crespo! “Mas qual é a diferença?”, e aí dá vontade de você ir embora e nem ser atendida. (Thaís, 24 anos)

A verdade é que eles veem o cabelo crespo como o que não tem definição nenhuma, eles só visam o 4c e não é assim... esses dias eu vi... é que eu trabalho em salão, então tenho contato com muitas pessoas. (Caroline, 24 anos)

“O sujeito negro é forçado a desenvolver um relacionamento com o eu e a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador, produzindo em si mesmo a condição, internamente dividida, de despersonalização” (KILOMBA, 2019, p.119). Aprende-se a ser e a desejar padrões e realidades que demarcam um distanciamento do que se é, como se o corpo

dispusesse de uma insuficiência atrelando a negritude a um estado de limitação e escassez de valor, de potência e de habilidade. O corpo negro visto como qualquer coisa que deve ser modificada, para que seja considerado.

A adolescência é um dos momentos fortes na construção da subjetividade negra. Alguns/mas depoentes ao falarem sobre a sua relação com o cabelo, relembram as experiências vividas nesse ciclo da vida e falaram da sensação de “desencontro”, de mal-estar e de desconforto em relação ao seu tipo físico, seu cabelo, sua pele e sua cor, vivida na adolescência. (GOMES, 2019, p.206)

Ao performar uma personalidade, as jovens negras se orientam pelos signos ofertados socialmente, que na maioria das vezes a deslocam e as inserem em cenários que não dispõem de referências que reforçam a negritude de maneira potente, pelo contrário, a situam como um “defeito” a ser camuflado e/ou superado. “Os negros, que são social e psicologicamente convencidos dessa suposta realidade, desenvolvem estratégias que acreditam aproximá-los da posição socialmente mais desejável” (GOMES, 2019, p.140).

Ao modificar os cabelos, essas meninas, mesmo que de maneira superficial, se sentem mais pertencentes e conseqüentemente confortáveis em alguns espaços sociais. É necessário ressaltar que atualmente têm crescido progressivamente os movimentos que se mobilizam em prol da potencialização do cabelo crespo, que tem sido promovido por ativistas e coletivos negros e feministas, fruto dessas mobilizações é a marcha do orgulho crespo, um movimento que tem tomado proporções exorbitantes, elevando a autoestima de meninas e mulheres negras facilitando o processo de aceitação da beleza negra.

3.2 Qual é a cara da juventude friburguense?

[...] A fantasia colonial de que “alemã/o” significa branca/o e negra/o significa alheio; desconhecido (Fremd/er) ou estrangeira/o (Auslander). Trata-se de uma construção na qual “raça” é imaginada dentro das fronteiras nacionais específicas e nacionalidade em termos de “raça”. Ambas, a negritude e a alemanidade/ (ou europeidade) são reproduzidas aqui como duas categorias contraditórias que se excluem mutuamente. Uma pessoa é negra ou alemã, mas não negra e alemã; o “e” é substituído por “ou” tornando a negritude incompatível com a alemanidade. (KILOMBA, 2019, p.112)

As jovens negras, mulheres que a todo momento se reinventam; mudam o cabelo, mudam o estilo e mudam as estratégias de sobrevivência. No entanto, sua autenticidade é diariamente engolida, e situada no campo da exotividade. São convidadas para falar, para performar, para desfilarem, para modelar e contribuir com seus saberes e técnicas, frutos da

ancestralidade. No entanto, seguem ocupando o lugar da invisibilidade. Ribeiro (2017, p.45) nos atenta sobre as implicações da invisibilização da mulher negra, ela pontua que:

Tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para que fuçamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação da universalidade que exclui. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. (RIBEIRO, 2017, p.44)

A mulher negra tem cumprido o papel da personagem coadjuvante na história contada sobre Nova Friburgo. Ao passear pelo imaginário sobre o município, histórias e diálogos tomaram espaço, apresentando versões interessantes e intrigantes sobre a construção imagética da cidade e, conseqüentemente, expondo como a população negra é automaticamente excluída nessas narrativas. O que nos impulsiona a pensar, pois então, qual é a cara da jovem friburguense? Quando olhamos para Friburgo, e somos influenciadas a não imaginar a presença negra, o que afirmamos com isso?

Se aprofundarmos a discussão é possível perceber que as cidades serranas, principalmente da região sudeste, são representadas no imaginário brasileiro como locais bem situados, devido ao clima e à estrutura da cidade, fugindo da realidade dos grandes centros urbanos, sendo cidades mais reservadas e conservadoras. Mas também ocorre uma associação imediata, que talvez seja um ponto central dessa discussão, em geral, no imaginário popular: são municípios compreendidos como bem organizados financeiramente. Ou seja, ao pensar nas cidades de serra, muitas pessoas visualizam os resistentes como indivíduos portadores de bens e com alto poder aquisitivo, ostentando um estilo de vida que foge completamente da realidade de outras cidades. E talvez comece aí a dificuldade em assimilar pessoas negras à realidade de cidades serranas, afinal, dificilmente se associa à população negra a liberdade financeira e poder aquisitivo, estes por sua vez são constantemente posicionados em estado de vulnerabilidade extrema e/ou a margem da sociedade.

[...] Pois o racismo, o ceticismo e a exclusão social a que as mulheres negras estão submetidas se potencializam e se retroalimentam para mantê-las numa situação de asfixia social, que põe em perspectiva as condições mínimas necessárias para o empoderamento das mulheres negras em nossa sociedade, de forma a quem sabe um dia, potencializá-las para a disputa de poder. (CARNEIRO, 2020, p.282)

Dentro disso caberia um exemplo. No início da pandemia, procurei ajuda psicológica tendo em vista toda a complexidade provocada pelo período pandêmico. Devido a toda a dificuldade de locomoção em função das restrições sanitárias, iniciei o acompanhamento de maneira remota, com uma profissional residente de outro município. No primeiro contato com a psicóloga, fui surpreendida por um comentário que até hoje é evocado quando penso nas discussões trabalhadas na pesquisa: “Nossa, é a primeira vez que conheço, de fato, uma

peessoa negra de Nova Friburgo!” - Claro que a frase tem um tom de exagero, mas ela aponta para uma dissociação da figura negra de um espaço que foi naturalizado como branco. Seríamos intrusos? É uma questão a se pensar! Mas fato é que aprendemos a naturalizar a imagem das cidades serranas como hegemonicamente brancas, ignorando a pluralidade cultural que ela possui. Como afirma Maiara (25 anos), somos “*afro friburguenses*”, ou seja, somos pertencentes a esse espaço!

Chamar *afro friburguense*, que é o termo que a gente cria pra dizer que é genuinamente daqui e genuinamente preto, não branco, não suíço, não alemão! É algo que é realmente pra afirmar que a gente pertence aqui e que essa terra também é nossa, sabe?! (Maiara, 26 anos)

Como é ser jovem e negra, em uma cidade como Friburgo? (Pesquisadora, 24 anos)

Eu preciso dizer que é doideira! Porque as pessoas ainda não sabem lidar com a situação, eu reparei muito isso quando eu assumi meu black, as pessoas me olhavam assim... tipo... “por que ela está andando assim?”, na minha concepção, imagino que seja isso. E eu gosto muito de fazer penteado, sei fazer maquiagem... essas coisas, então sempre gosto de andar bem arrumada, e as pessoas olham assim “impactadas”. E... lógico, tem pessoas que elogiam, mas tem pessoas que olham assim meio torto, mas eu acho que a população friburguense ainda não sabe lidar com mulheres jovens e negras. (Caroline, 24 anos)

“Eu acho que a população friburguense ainda não sabe lidar com mulheres jovens e negras” (Caroline, 24 anos), esta seção se inicia com essa frase declarada por uma das entrevistadas da pesquisa. Caroline (24 anos) é jovem, mulher e negra, nascida na cidade de Nova Friburgo, manicure, estudante de enfermagem e cocriadora do blog Negritas, um perfil idealizado na rede social - *Instagram*, que segundo ela tem como finalidade falar sobre a negritude a partir da representatividade. O projeto também conta com Thaís (24 anos), uma jovem negra, de 24 anos e atualmente trabalha como embaladeira em uma confecção na cidade. Apesar do perfil ter desviado um pouco da proposta inicial, que era trabalhar com vídeos e diálogos, ainda assim, tiveram êxito ao transmitir a mensagem através de ensaios fotográficos que já comunicam muito por si só. O Negritas foi definido pelas criadoras como:

É uma coisa muito engraçada, porque disseram assim “por que vocês não fazem uma rede? Um lugar pra falar como vocês são” e aí a gente decidiu fazer, mas não era pra ser foto, era pra ser vídeo. Mas aí virou para as fotos e acaba que só pelas fotos já se expressou de uma forma bem maior. Não sei definir o que é Negritas, ele é grande e tem um propósito e o fato de só pelas fotos ele já conseguir transmitir alguma coisa, já é... muito! Eu vejo como uma forma de representar sem modificar o que é a mulher preta. (Thaís, 24 anos)

E o que é o negritas: o negritas é um sonho bem... como posso dizer, bem longo. Eu sonhei com o Negritas pelo simples fato de gostar de falar e me expressar, apesar de ser um pouco tímida eu sou mais espontânea. E o negritas veio pra mim através de um sonho, sonho mesmo. Eu estava dormindo e sonhei com o nome Negritas e falei “é esse aí!”. E compartilhei com elas e a intenção não era só foto, como a Thaís falou, era mais conversas, mais vídeos, mas acabou sendo foto. E o nosso objetivo é crescer, apesar do corre-corre e querendo ou não, as portas não são tão grandes, mas

estamos tentando chegar lá. O Negritas é um sonho que eu quero colocar mais força, para que ele cresça ainda mais, basicamente é isso! (Caroline, 24 anos)

Ocorre um processo de desterritorialização constante do elemento negro na cidade; como ele já se faz ausente na construção histórica, torna-se ainda mais simples invisibilizá-lo nas relações cotidianas que remontam a narrativa sobre o município. Ao sermos questionadas quanto ao grau de pertencimento à cidade somos convocadas a justificar a presença em um território embranquecido, como se o corpo negro trouxesse um desequilíbrio para a dinâmica estabelecida. Reforçando a ideia de que é preciso pôr cada um em seu lugar para que haja harmonia.

É assim que se cria 'o lugar do negro', e a frase - 'No Brasil não há preconceito racial porque aqui o negro reconhece seu lugar', bastante conhecida, traduz o clima das relações raciais no país. Basta que o negro se contente com o lugar socialmente a ele determinado para que jamais perceba ou exista a discriminação. Se, no entanto, ousar ascender, não lhe bastará ser competente: terá de ser, no mínimo, excelente. (LOZADA, 1991, p.127)

Ocupar alguns espaços não significa pertencer, frequentemente envolta por um sentimento de “fora”, desterritorializada, reconhecendo que determinados lugares não consideram nossos corpos como pertencentes. Os ambientes que ocupamos são responsáveis por produzir uma série de sensações, nos assombrando constantemente com o sentimento de (des)pertencimento. Collins (2020) introduz o termo “*Outsider within*” - que traduzido para o português pode ser compreendido como as “*forasteiras de dentro*”, e essa noção é cunhada pela autora quando ela narra a trajetória acadêmica e sua percepção nesse espaço, como se apesar de possuir uma vinculação, ainda assim não se sentisse pertencente.

Como os “Outros” da sociedade, aqueles que nunca poderão ser realmente parte dela, os estranhos ameaçam a ordem moral e social. Ao mesmo tempo, são fundamentais para a sua sobrevivência, porque os indivíduos que estão à margem são os que explicitam os limites da sociedade. (COLLINS, 2019, p.136)

Collins (2016) discute sobre a qualidade do “estrangeiro” e do lugar de marginalidade que somos inseridas à medida que habitamos ambientes que não comportam nossa presença, enquanto mulheres e negras. A autora faz uso dessas noções para descrever a experiência como acadêmica, mas é possível pensá-las além dos muros da universidade, e para tanto farei uso da palavra-conceito para discutir sobre o sujeito negro e a cidade de Nova Friburgo. Primeiro ponto que precisa ser enfatizado: nascer nesta cidade não nos garante o “passe” do pertencimento, muito pelo contrário, mesmo que haja uma adaptação aos moldes da “Suíça brasileira”, ainda assim não será suficiente para que o sentimento de pertencimento se desenvolva. E isso é notável no relato das entrevistadas. Quando Camila (26 anos), Caroline (24 anos) e Thaís (24 anos) expõem os incômodos e as dificuldades quanto ao frequentar

determinados lugares da cidade, ressaltando o baixo quantitativo do público negro, e as abordagens medonhas nas ruas, que evidenciam o cabelo e os traços da negritude como elementos exóticos e excêntricos.

Mas eu falo que é complicado, por eu também assumir meu black tem um ano, eu nunca tinha andado com o meu cabelo natural, eu nem lembro qual foi a última vez que eu vi o meu cabelo virgem, até ter 23 anos. É estranho, porque as pessoas olham pra você de uma forma muito diferente, você não via as mulheres com cabelo natural, com volume e quando vê fala “nossa, ela não vai fazer uma escova?”. Não é fácil ser... ainda mais aqui, porque... aqui em Friburgo eu vejo uma cidade muito pequenininha, você no Rio, em Salvador, você está vendo e já está acostumada “as pretas daqui...”, aqui em Friburgo é diferente. Se eu e a Caroline chegarmos em uma festa parece que eles ou estão olhando algo muito incrível ou estão olhando alguém que nunca viram, porque parece uma tensão... parece, não! É uma tensão! Um momento totalmente diferente até a hora que a gente sair do lugar. (Thaís, 24 anos)

E às vezes eles olham assim, como se a gente fosse uma atração e eles quisessem apreciar... tanto é que eles chegam e perguntam do cabelo, querem botar a mão “como que você lava?”, começa a questionar umas coisas que a gente não tá ali pra responder, estamos ali pra viver o rolê e ponto. Mas eles não entendem, tem esse detalhe! (Caroline, 24 anos)

Recentemente a gente foi em um lugar aqui em Olaria, a Carol ainda nem tinha chegado ainda... estávamos eu e um outro menino preto, quando ela chegou ele olhou e falou “não tem um preto aqui, só tem a gente!”, não ficamos lá mais que vinte minutos. Eu olhei e disse, “pois, é!”, ele falou “ah, é muito estranho!”, ele ficou até meio desconfortável! e a gente também fica, mas eu acho engraçado, engraçado é o modo de falar. A gente no primeiro momento faz o que você falou, a gente dá um grau e olha assim, aí eu penso já que estão olhando, que olhem! A gente não precisa fazer nada, a gente passa em um lugar e é uma atenção tão grande, quer me matar é querer botar a mão no meu cabelo, com trança ou sem, mas quando eu estou sem vem aquele toquezinho... (Thaís, 24 anos)

Também se presentifica quando Camila (26 anos) compartilha o drama do irmão, que como um homem negro tem sua mobilidade limitada pelo simples fato de ser negro, o que para o sistema de segurança pública já é motivo suficiente para aplicar uma abordagem violenta. A fala da mãe de Camila (26 anos) se assemelha a narrativa de Vera (62 anos), que apesar de trazer de maneira consciente a questão da discriminação, deposita sua confiança na criação dada aos filhos, afirmando que a índole e o bom caráter podem produzir caminhos para a “superação” de injustiças sociais. Apesar de não parecer ser a intenção, o discurso de Vera (62 anos) dá espaço, e até mesmo margem para episódios como o mencionado na introdução desta dissertação, sobre o morador do prédio que ao ser constrangido com a informação de que eu era moradora como ele, dispara a seguinte frase - “*eu adoro pessoas negras, nem todas são perigosas, tem muitas que como você correm atrás e se esforçam*”, como se o meu corpo tivesse desviado do destino comum ao corpo preto - a criminalidade.

Meu irmão vai fazer 22 anos e aí ele... coisas que acontecem com a maioria dos homens pretos né - *tomar dura*, não poder andar muito tarde na rua porque vai *tomar dura*, *toma dura* de graça o tempo todo. Isso acontece com ele com bastante

frequência e aí ele sempre falava isso pra minha mãe, e minha mãe sempre achava que ele estava exagerando, pra ela não era uma coisa que acontecia. E aí ela até viu aquela série na Netflix “Olhos que condenam”⁴⁵, isso meio que expandiu a mente dela, porque aí ela viu que o buraco era bem mais embaixo... (Camila, 26 anos)

A discriminação vem em todos os sentidos, todos... apelidos, você entrar em uma festa e ser olhado diferente, então sobre isso eu as ensinei, estudaram só não foram adiante porque não quiseram, ao invés de estudar mais e engajar sobre isso... todo mundo tem uma profissão, sempre orientei eles “a dignidade da gente é: o nome, a palavra e a cor”, se você é negro tem que lutar pelos seus ideais, melhorar, correr atrás, não deixar ninguém pisar em você! Mas ser honesto, primeira coisa na pessoa é a honestidade, ter uma índole e um caráter bom e por aí a gente vai superando. (Vera, 62 anos)

As mulheres negras são incompatíveis com a configuração da cidade, no entanto, são “aproveitadas” como força de trabalho e ao mesmo tempo permanecem invisibilizadas. De certo que, desde o período colonial, a partir da resistência dos quilombos, temos nos feito presentes, ocupando e resistindo pelo direito à cidade, mas ainda segue como um desafio.

[...] O direito à cidade foi alçado como um direito no bojo dos direitos humanos e fundamentais, isto é, tornou-se um direito proclamado nos documentos das instâncias internacionais – como na Conferência Habitat III das Nações Unidas – e nos ordenamentos jurídicos nacionais – como no caso do Estatuto da Cidade no Brasil. Configurou-se, assim, como um direito juridicamente exigível. (OLIVEIRA; NETO, 2020, p.2)

3.2.1 “Menina não, Maiara Felício!”

“Oi, menina, você parece tanto com uma pessoa que já trabalhou para mim, ela era assim como você - cabelo assim... meio... como que fala, tem um termo específico, né?! Desculpa! Não quero parecer racista!” (Pesquisadora, 24 anos)

As meninas e garotas, quase sempre pretas, e curiosamente parecidas, são os alvos de um discurso racista e geralmente machista que além de invisibilizar mulheres pretas, reforçam a ideia de Outro do Outro. Ao analisar o material produzido nos encontros, foi perceptível a facilidade que a sociedade tem em nos enquadrar em corpos e identidades (des)potencializadas. A Maiara (26 anos) era a “menina”, a Vera (62 anos) a “empregada”, a Alice (25 anos) “irmã da gestante”, a Celma (55 anos) a “operária da moda”, Carol (24 anos) e Thais (24 anos) as “*negritas*”, Camila (26 anos) a “trancista” e Dona Eugênia (89 anos) “a matriarca”. Apesar de apresentarem narrativas e trajetórias diferentes, suas histórias foram marcadas por “identificações” que não correspondem à sua totalidade e complexidade subjetivas.

⁴⁵ “When They See Us” – “Olhos que condenam” é uma série norte americana lançada em 2019, disponível na plataforma de streaming Netflix, que conta a história de cinco jovens do Harlem que foram acusados injustamente de terem realizado um ataque no Central Park. A série de gênero dramático é baseada em fatos reais.

Akotirene (2020), ao discutir o conceito de interseccionalidade, reforça que mulheres negras estão costumeiramente na mira da discriminação, expostas e vulneráveis aos efeitos da margem que contorcem seus corpos e subjetividades com os mecanismos de opressão de gênero e de raça. “[...] O cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras” (AKOTIRENE, 2020, p.63), o ato de esquecer o nome e fazer associações desnecessárias, que provocam constrangimentos, são mecanismos racistas. Assim como as piadas racistas, essas ferramentas são compreendidas como micro agressões, como conceitua Moreira (2020), destacando que esse desdobramento do racismo corresponde ao

[...] Poder de criar imagens deturpadas do outro, o que induz a uma série de comportamentos conscientes e inconscientes de natureza sutil que expressam desprezo por minorias raciais. Esses comportamentos não são apenas atos abertamente racistas. [...] Se manifestam na forma de expressões verbais, de representações culturais e de reações físicas como rituais sociais que demonstram desprezo por minorias raciais. Eles estão baseados em sentimentos de natureza negativa em relação a membros de grupos minoritários, sentimentos decorrentes de diferenças de status cultural entre grupos raciais presentes em uma sociedade. (MOREIRA, 2020, p.52)

Esse tipo de violência denota o sentimento de inferioridade de alguns grupos sobre outros, permitindo que agressões, que no âmbito social são consideradas banalidades ou até mesmo brincadeiras, sejam perpetuadas contra grupos minoritários.

As pessoas parecem que esqueceram meu nome, só me chamam de menina, menina, menina... menina não, por gentileza! É Maiara Felício! As pessoas caem muito nesse lugar, de você se parecer com alguém que trabalha na minha casa ou parece com alguém que me serve de alguma forma em algum espaço. Como se pudesse ter essa intimidade, passar dos limites e chamar da forma que for conveniente. (Maiara, 26 anos)

Maiara Felício (26 anos) foi a primeira entrevistada desta pesquisa, é uma jovem mulher que foi eleita como a primeira vereadora negra na cidade de Nova Friburgo. Durante a entrevista ela compartilhou de maneira breve como foi o processo da campanha política, explicando como articulou cada detalhe, desde o contato com o Partido dos Trabalhadores - PT até a formação de equipe de panfletagem. Maiara (26 anos) também ressalta os desafios de se construir uma campanha política a partir da escassez de recursos, pontuando que ao estruturar o marketing e demais detalhes, ela se encarregou de estudar sobre assessoria jurídica, contabilidade e demais organizações. Dividindo os anseios e receios sobre a proposta de ingressar no meio político, relatando a afetação provocada pelo assassinato de Marielle Franco⁴⁶, como a tentativa de silenciamento de uma mulher negra no âmbito político e social,

⁴⁶ Marielle Franco foi uma mulher negra, socióloga e política brasileira, eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro, filiada ao partido Socialismo e Liberdade (Psol). Em março de 2018, ela foi brutalmente assassinada juntamente com seu motorista, Anderson Gomes, enquanto voltava de um evento na cidade do Rio de Janeiro. Após quatro anos do triste episódio, ainda nos resta a pergunta “quem mandou matar Marielle?”.

também mencionou as ameaças sofridas por outras companheiras de partido e do campo progressista de modo geral.

Eu tive que fazer a produção dos meus vídeos, gravar vídeos, editar vídeos, legendar vídeos. Precisei ter expertise de publicidade nas redes sociais, eu precisei fazer o meu discurso, eu precisei fazer as minhas propostas de campanha, que foram treze! Eu precisei pensar em articulação de rua, eu precisei organizar e moldar as pessoas que foram pra rua na última semana panfletar pra mim, pra ser do meu jeitinho, que eu gosto de trabalhar! Eu precisei articular o Império das negas porque eu não poderia atuar, eu precisei articular a minha presença numa coletiva de mulheres, eu precisei articular a minha presença num grupo humanitário que eu tenho, fora outras coisas que eu precisava. Isso com um sorriso no rosto e dando atenção pra todo mundo! Então é muito fácil né, eles pensarem né! Que um homem branco faria isso com maestria, enquanto eu tive que me virar sem dinheiro pra fazer isso tudo né, e ainda assim não ter o reconhecimento por isso! (Maiara, 26 anos)

Infantilizar mulheres negras é uma prática recorrente operacionalizada principalmente pela branquitude, a mulher passa a ser vista como inferior e suas opiniões, percepções e desejos são facilmente questionáveis, principalmente por homens-brancos. Esquecer o nome, submeter a situações constrangedoras e desagradáveis, assim como pressupor que pessoas negras estão constantemente em uma posição de disponibilidade de servidão é, também, uma das artimanhas do racismo. Ser eleita como vereadora não impediu que Maiara (26 anos) se esquivasse do tratamento oferecido a mulheres negras, que em geral surgem com uma dose de desprezo.

[...] No corpo estão inscritos significados racionalizantes: ele está imerso em um campo de significados construídos por uma ideologia racista. Portanto, ao ser percebido socialmente, esse corpo emerge do campo ideológico marcado, investido e fabricado por significados inscritos na sua própria corporeidade. Trata-se de uma heterogeneidade que corresponde a uma escala de valores raciais, segundo a qual alguns sinais/marcas físicas balizam uma hierarquia que vai do branco ao preto, cujo status/valor é distribuído de maneira desigual entre os sujeitos. (SCHUCMAN, 2018, p.87)

A linha que conduz a trajetória de Maiara (26 anos) até o momento atual é marcada por curva e nó, semelhante a um fio de cabelo crespo que embarça e desembarça a depender das circunstâncias ao redor. Após quase dois anos de mandato, e conseqüentemente da entrevista, é possível dizer que ela cumpre hoje uma tarefa desafiadora, expondo-se como mulher negra e progressista, em uma realidade esmagadoramente conservadora. Não à toa os ataques, os questionamentos acerca de sua capacidade, o racismo e os sexismos que combinados provocam uma série de percepções distorcidas sobre a Maiara (26 anos) vereadora.

Maiara (26 anos) traduz sua campanha e seu processo de mandato como um grande incômodo à sociedade friburguense. É um incômodo ver uma mulher preta ocupando um lugar de poder e manejo de pautas tão caras aos grupos minoritários. “[...] Ao se posicionarem

como mulheres negras, ao produzirem outras formas de se conduzirem e de se relacionarem consigo e com as/os outras/os, certamente novas formas de ser e estar no mundo tornam-se possíveis” (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019, p.11) Apesar de ser um símbolo de resistência e representação, não podemos e não devemos nos lançar nas ciladas que reforçam a sobrecarga de mulheres em determinadas posições sociais, que com a mesma intensidade que exaltam sua presentificação nos espaços, também ignoram suas fragilidades e atravessamentos que nos tornam gente.

O nosso desejo é que, uma vez reconhecendo-se como mulheres negras, estes sujeitos possam vivenciar outras formas de relacionar-se consigo e com os outros que resultem em práticas de liberdade e em relações étnico-raciais menos violentas. Acreditamos que esses espaços interseccionais possam criar no outro, não negro ou não mulher, uma sensibilidade para entender a vida de uma mulher negra em toda sua complexidade, em sua dor e (re)existência. (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019, p.12)

No decorrer da entrevista, Maiara (26 anos) expôs sua percepção sobre o racismo e as dinâmicas que a envolvem, pontuando como o posicionamento frente às pautas sociais importantes pode gerar incômodos, e, em algumas situações, pode ser visto até mesmo como ameaça. Ela sente que no período pós campanha ficou muito clara a relação de hostilidade se manifestando de maneira velada, que apesar de considerar uma afronta ter uma mulher negra ocupando uma posição de poder, expondo seus posicionamentos sem restrições e pior, desfilando com seu cabelo crespo que fala por si só, ainda assim, não se permitiram questioná-la.

É... conforme você vai se domesticando, se enquadrando, se encaixando no que as pessoas querem... é muito bom te ver! E não necessariamente no lugar de destaque, mas é bom assim saber que você tá obedecendo, sabe! Então as pessoas não vão te ver como ameaça, pro que é visto como normal né, e como conservador, então você fica ali! Você não é uma ameaça! Agora quando você se propõe a ser fiel ao que você acredita, ao que você é né! Nem todo mundo tá afim de te respeitar, de te ver né! É assim, tem muita gente que tem medo quando vê o cabelo crespo assim, grande... de falar alguma besteira! Eu sinto isso na política também, depois da eleição. As pessoas ficam com medo de falar uma besteira, elas se policiam, elas pedem desculpas..., mas antes, elas se permitiam falar qualquer grosseria e subestimar, me colocar em um lugar de inferioridade e aí acho que nas duas posições tem coisas muito interessantes pra pensar sobre! De como quando você se impõe, se coloca... as pessoas vão te ler como ameaça ou com... acho que num lugar de intocável né! “Ah não vou nem falar do cabelo dela não, porque se já tá desse tamanho aí, ela já deve ter até resposta pronta, então não vou!” E em contrapartida, “ah esse cabelo dela, gente! Pelo amor de Deus... todo mundo sabe que cabelo liso é mais bonito, e eu acho que ela deveria usar cabelo liso, porque se enquadra né, dá pra dar uma escondida nesse cabelo feio, né! Nesse cabelo sujo...” que é o que eu ouço muito, escuto muito isso. Que cabelo crespo é sujo! As pessoas sempre quando veem meu cabelo, já vem com um papinho de piolho, é bizarro! É bizarro, e aí a gente vai pra esse enfrentamento que é aí que a gente impõe o respeito! E o respeito veio também depois da eleição, assim... se for colocar numa balança a palavra é “domesticados”, é isso que eles querem que a gente continue! Porque quando a gente vai falar sobre racismo ou vai querer levantar a questão racial, é... eles ficam muito assustados, eles não querem discutir, né! Eles querem que a gente fique quieto! Que a gente obedeça! E eu acho que a palavra mesmo é “domesticada”, eles

querem o povo preto domesticado. Quando a gente se coloca pra isso né, contrário... a gente vira ameaça. (Maiara, 26 anos)

3.3 Ser 5x melhor - a complexidade da negritude

Na experiência coletiva, a negritude pode ser apreendida como o fruto de amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sobre a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora. (CÉSAIRE, 2010, p.8)

Aime Césaire, ao introduzir o conceito de negritude, desmembrando-o e posicionando-o fora da lógica colonial, afirma que a “negritude foi colocada de maneira radical e inequívoca diante do mundo, então denominado totalmente pelo capitalismo predador, expansionista e militarista do século XIX” (CÉSAIRE, 2010, p.9). Reforçando o imaginário social racista cunhado pela Europa colonizadora de que ser portador da negritude “é uma lástima”. É nascer fora de todos os parâmetros estabelecidos socialmente, um significativo desvio da “norma” - branca cis heteronormativa.

A negritude tal qual conhecemos hoje se encontra em processo de constante transformação, isso porque o fator colonização incutiu a ideia de que o conceito está diretamente ligado ao fracasso civilizatório, alimentando o imaginário de que pessoas negras estão atreladas ao estado de inferioridade congênita. Apesar dos esforços incontáveis de autores negros e ativistas que através de seus escritos e gritos se empenharam para que a noção deturpada do conceito fosse ressignificada, ainda assim, lidamos diariamente com as marcas provocadas pela disseminação do discurso negativo sobre a negritude.

Mediante aos esforços, a “negritude se transformou, rapidamente, numa formidável arma teórica de reivindicação coletiva, racialmente grupal, em prol de grande mudança social” (CÉSAIRE, 2010, p.17). Ela surge em oposição ao movimento europeu que inferiorizava a população africana e os negros da diáspora, invertendo o sentido da palavra-conceito seria possível, converter de maneira positiva o ser negro, rumo a construção de uma identidade racial. “Na concepção de Aime Césaire, negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específicas. Césaire definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade” (DOMINGUES, 2009, p.198).

Como construir uma identidade que expressa e incorpora a negritude a partir das potencialidades em uma sociedade que manifesta o racismo de maneira velada, e propaga o mito da democracia racial como uma característica marcante do país.

Você percebe o trato diferente quando está com trança, laces, apliques ou alguma outra tecnologia capilar pra quando você está com o cabelo solto, natural... te tratam diferente, te veem diferente? (Pesquisadora, 24 anos)

Sim! Isso também é bem sério, eu acho que eu sofro mais quando eu estou de trança do que quando eu to com o meu cabelo mesmo. (Camila, 26 anos)

Sério?! Que curioso!! (Pesquisadora, 24 anos)

Sério! E o pior que a maioria das minhas clientes falam a mesma coisa. Elas escutam mais piadinhas também... até quando elas entram em comércio assim também. Tem uma colega minha, ela pegava uma carona com uma menina sempre que ela saia do trabalho, depois que ela colocou a trança a menina simplesmente parou de dar carona pra ela, depois que ela saia do trabalho e isso acontece mesmo. (Camila, 26 anos)

Assumir uma identidade racializada significa se expor ao combo de consequências atrelados a ela. E pensando especificamente na população a partir do período que compreende a juventude, a fluidez desses processos podem gerar conflitos internos e externos. No momento em que acionamos a negritude e a reivindicamos enquanto marca emblemática da identidade social, não só posicionamos o corpo quanto ao espaço que ele habita, mas também alteramos o seu status, agora percebido pelas pessoas ao redor. Camila (26 anos) traz um relato interessante sobre o tratamento diferenciado quando está com os cabelos trançados, essa informação traz um dado importante, pois compreendemos hoje, a trança, com uma simbologia cultural que resgata a ancestralidade negra, então perceber que o cabelo que já é crespo está envolto em um arquétipo que reafirma a negritude, pode gerar um incômodo social.

“Ela é preta, mas é bonita”, “ela é negra de alma branca”, “é negra, mas é inteligente”, “preta como você, que corre atrás - eu gosto”, “ela é preta, mas é trabalhadora”. O simples fato de sermos negras nos deslocam e nos posicionam em lugares de desvantagem na sociedade, isso porque a cor preta foi associada à negatividade, criminalidade, preguiça, esvaziamento afetivo, incapacidade física e intelectual, e isso faz com que sempre sejamos as últimas nas entrevistas de emprego, nas escolhas de equipe, nas relações amorosas, entre outros aspectos e campos da vida. Caroline (24 anos), que em seu blog *Negritas* expõe uma série de ensaios fotográficos produzidos por ela e suas amigas, desabafa ao compreender que é preterida em relação a escolha dos rostos e corpos que serão escolhidos para representar as marcas locais, afirmando que nunca corresponderá ao biotipo escolhido por estas. Ela também levanta uma crítica sobre o baixo quantitativo de mulheres negras nos espaços em que é

convidada para modelar, lembrando um episódio vivenciado por ela e a Thaís (24 anos), em que foi convidada para compor o corpo de modelos de um desfile étnico no Senai Modas, mas que ao chegar lá, percebeu que apenas ela e a Thaís (24 anos) eram negras.

Vendo agora as blogueiras de Friburgo, a maioria delas são magrinhas, fazem divulgação de treinos e essas coisas assim, e eu olho, apesar de ser magra eu não tenho o biotipo delas, às vezes eu fico pensando, uma marca nunca vai querer que eu os represente, porque eu não tenho o biotipo que ela tem! Entendeu?! Quando... no dia que eu vi que só tinha uma eu fiquei pensando, será que falta eles procurarem pessoas, mas também penso que a gente fica nas redes sociais o dia inteiro é fácil achar alguém, sim!! (Caroline, 24 anos)

Eu por exemplo, nunca vi vocês e achei (risos) (Pesquisadora, 24 anos)

É verdade!! (risos) (Thaís, 24 anos)

Se existe desejo por algo, deverá ter paralelamente muito esforço para alcançar, nós, pessoas pretas estamos em uma corrida constante, no entanto, sempre atrás da linha dos privilégios e vantagens. E quando, porventura, um de nós conquista alguma posição é tomado pelo discurso meritocrático de que é necessário enfrentar barreiras e as limitações, para no final obter êxito. É óbvio que na prática muitos de nós não ocupam lugares de vantagem e prestígio social.

É muito comum, em famílias negras, a presença da baixa escolaridade, tendo poucos membros ingressantes no ensino superior, muito em função da desigualdade social e a inserção precoce no mercado de trabalho. Eu mesma fui a primeira pessoa da minha família a cursar uma universidade federal e a ingressar em uma pós-graduação *stricto sensu*. É duro pensar que mesmo com todos os avanços em direitos das crianças e adolescentes, que assegurem que estes estejam inseridos em unidades de educação, e com a implementação das ações afirmativas, ainda assim, poucos de nós têm a educação como porta para a emancipação.

As pessoas de classe trabalhadora que estão na academia adquirem poder quando reconhecem que são agentes, reconhecem sua capacidade de participar ativamente do processo pedagógico. Esse processo não é simples nem fácil: é preciso coragem para abraçar uma visão da integridade do ser que não reforce a versão capitalista segundo a qual sempre temos de renunciar a uma coisa para ganhar outra. (hooks, 2017, p.243)

“A complexidade do ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada à pobreza, inferioridade, incompetência, feiura, atraso cultural tornam a construção da identidade racial dos negros e negras um grande desafio” (BENTO, 2012, p.99). “*Oh, não se esqueça de levar a identidade! Vai sair como indigente? E se acontecer alguma coisa?*” - Uma orientação muito comum entre os adolescentes e jovens negros, raros os casos de pessoas negras que não disseram e/ou ouviram essa frase. “Leve a identidade, carregue

sempre uma prova de sua cidadania” - perceba, quando os pais e responsáveis dão essa orientação, a preocupação chave desta questão está direcionada a um momento catastrófico (acidentes) e ou por situações violentas/constrangedoras (incidentes), e a segunda justificativa costuma afetar, na maioria dos casos, pessoas pretas.

Já notou isso? Você entra no supermercado e já tem alguém por trás de você pra ficar te olhando, a discriminação está muito grande, a gente tem que lutar pra melhorar isso! Tirar essa... o Brasil era nosso, dos negros e dos índios, e nós somos a minoria hoje... em termos de melhorar, eles não dão oportunidades, somos sempre tratados como... umas pessoas que vão assaltar, que não sabem ler e não tem um... não vai crescer na vida, então temos que mudar isso! Eu fico muito feliz em ver você lutando por essa causa! (Vera, 62 anos)

A complexidade da palavra identidade para a população negra extrapola os significados apresentados pelo dicionário, primeiro porque o encontro com ela ocorre de maneira complicada, devido a uma série de atravessamentos que por vezes distanciam os indivíduos e impossibilitam esse encontro que permite o reconhecimento do corpo e seus respectivos elementos. Segundo porque, como define Bento (2012), identidade corresponde também à cidadania, bem-estar e saúde plena, ou seja, direitos que são cotidianamente negligenciados, quando direcionados à população preta.

Seja a melhor! E não se esqueça, para ocupar e se manter em determinados espaços “reservados” para a branquitude, é necessário ser a melhor. A pressão e o descrédito andam juntos. Ao compartilhar as fases da campanha política, Maiara (26 anos) relatou os comentários proferidos por colegas e companheiros com ideais políticos semelhantes, que se excederam ao depositar expectativas que extrapolam as possibilidades de atuação de Maiara (26 anos).

O estranhamento se dá quando esse mundo inteligível ao qual nos habituamos sofre alguma alteração. E, sobretudo, quando muda por ações intencionais ditadas pelo princípio democrático de respeito à diversidade. Somente quem pertence a grupos historicamente discriminados sabe dos inúmeros negros, das incontáveis mulheres e homossexuais que deixaram e deixam de ser lembrados para ocupar posições nas estruturas de poder por essa lógica de exclusão que o racismo e o ceticismo determinam. (CARNEIRO, 2020, p.280)

Tem uma galera aí falando que eu sou o sopro de esperança, e uma galera forte né, da esquerda! E eu acho isso chacota, porque... (risos) eu sou uma mulher, e eles estão depositando em mim um trabalho que deveria ser coletivo, e olha que perigo! Porque nós negros, nos pretos nunca conseguimos atingir o lugar de seres humanos. A gente sempre fica no lugar de sub humano com as anomalias sociais, mas quando você tem uma ascensão, você vira um super humano, porque você tem que ser o melhor em tudo! (Maiara, 26 anos)

“Eu sou uma mulher, e eles estão depositando em mim um trabalho que deveria ser do coletivo”, sobrecarregar as mulheres negras é um comportamento típico da sociedade brasileira, a mulher que “dá conta de tudo” suprimindo as necessidades, que é multitarefa e que

está constantemente na mira da sobrecarga. Nós temos que ser excelentes, eficientes, aplicadas e estão frequentemente sendo avaliadas quanto ao desempenho. Há uma cobrança excessiva sobre elas, como se a trajetória, o currículo e a experiência não bastassem. São excessivamente cobradas e, cotidianamente descredibilizadas. Carneiro (2020) indica que há que se construir condições para que a mulher negra possa ser descolada da lógica da subalternidade, posição em que esse grupo social foi ancorado, lugar que tem sido constantemente naturalizado.

[...] Nas poucas experiências que nós temos nessa relação da mulher negra com o poder emerge, a meu ver, a força que essas determinações de raça e de gênero têm sobre as mulheres negras, mesmo as poderosas, conduzindo-as a trajetórias erráticas e diferenciadas nas instâncias de poder a que lhes têm sido possíveis ascender. (CARNEIRO, 2020, p.275)

Reforçando o pensamento de que nunca somos boas o suficiente, precisamos estar em constante movimento nos superando a cada passo, e ainda, sob o risco de não “atender” às exigências impostas pela sociedade, por nossos possíveis parceiros, pelo mercado de trabalho, pela academia e outros espaços formativos. “[...] Há discriminação quando as regras não se aplicam igualmente a todos, ou melhor no fato de que alguns devam ser exemplarmente punidos e outros não (CARNEIRO, 2020, p.277). É como peregrinar, apesar de poder tocar e usufruir de algumas vantagens, a sensação de que não faz parte é vivida e presente.

Acho que um fato que colabora muito com a minha fala é o Lewis Hamilton⁴⁷. Tem gente que não dá o braço a torcer pra falar que o cara é o número um de todos os tempos! Mesmo sendo com o maior número de vitórias, mesmo sendo tão simbólico tudo o que ele passou, a história da família dele... as pessoas não dão o braço a torcer, mesmo o cara... acho que quem fala isso, acho que é o Chris Rock⁴⁸! Ele mora num condomínio que os vizinhos dele são dentistas, que ele e a Mary J. Blige⁴⁹ moram num bairro, que tipo assim, a galera que é dentista, uma galera que trabalha em banco né! Não é uma galera que tipo, ganhou um Emmy (risos), tá ligada? A gente sempre tem que fazer muito, muito pra ter uma consideração assim! Então as pessoas estão questionando ainda e isso muito me intriga, né! De caramba! Foi a primeira vez que eu vim, é a primeira mulher preta né, a ocupar a câmara, a primeira mulher mais jovem né, a ocupar... isso sem recorte de raça, no partido dos trabalhadores que nunca tinha feito um feito assim! Como a mais votada. E... fora as outras coisas, foram recordes que a gente... eu não sei nem falar o que... que recorde que a gente bateu, porque foram alguns. E ainda assim tem pessoas se perguntando se a gente tem capacidade de ocupar aquele lugar! Porque se fosse um homem branco a bater todos esses recordes, né! Ele ia ser aclamado de uma forma e ninguém ia duvidar do potencial dele. Durante a campanha... (Maiara, 26 anos)

⁴⁷ Lewis Carl Davidson Hamilton é um homem negro britânico, considerado um dos maiores pilotos automobilísticos de todos os tempos, ostentando o título de campeão em sete mundiais de Fórmula 1.

⁴⁸ Christopher Julius Rock III, é um homem negro americano, tem como eixo de atuação a comédia onde é ator, produtor, roteirista, dublador e cineasta. Mais conhecido como Chris, por ter tido sua vivência narrada no seriado criado por ele mesmo, o *Everybody hates Chris*, ostenta prêmios importantes referentes ao seriado baseado em sua vida real, até o momento quatro Emmy Awards e três Grammy Awards.

⁴⁹ Mary Jane Blige é uma mulher negra norte-americana. Cantora, compositora e produtora, conhecida por suas produções no estilo musical R&B, soul e hip hop.

Ao articular a construção da campanha, Maiara (26 anos) destaca os esforços em prol da preparação, ratificando a ideia de que não temos o direito e sequer a audácia de executarmos as coisas de qualquer jeito, não podemos alimentar rumores e dar margem para críticas, que já estão coladas aos nossos corpos. Maiara (26 anos) foi responsabilizada, e posteriormente será cobrada em medida superior aos demais companheiros de mandato. A todo momento somos expostos a uma lógica produtivista e racista, que exige excelência e sobrecarrega as pessoas negras. “A excelência e a competência passam a ser percebidos como atributos naturais do grupo racialmente dominante, o que naturaliza sua hegemonia em postos de mando e poder” (CARNEIRO, 2020, p.280).

Ribeiro (2017, p.46) enfatiza que “[...] ser essa antítese de branquitude e masculinidade dificulta que ela seja vista como sujeito. O olhar tanto de homens brancos e negros e mulheres brancas confinaria a mulher negra num lugar de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado”. O peso de algumas conquistas, assim como ocupar alguns espaços "reservados" para a branquitude, podem nos custar um alto preço.

Pois é, porque do campo progressista e de esquerda, só eu que entrei! E aí, né! Aí coloca a responsabilidade em cima de mim de uma galera que já tá há anos na política que não me ajudou a construir nada durante a campanha, nem durante o império das negas, nem durante parada LGBTI nem nada! Olha o perigo da coisa! E aí quando a gente fala muito sobre direita e esquerda não contemplarem cem por cento a população preta, é sobre isso! São pautas que a gente acredita, são direitos que a gente defende, mas que muitas das vezes essa construção não é feita internamente nos partidos. Olha o problema disso! (Maiara, 26 anos)

A justificativa sempre nos acompanha, assim como as notas fiscais quando saímos das lojas, os documentos que carregamos para legitimar nossa cidadania, precisamos provar nossas ações e nos resguardar acerca das consequências delas o tempo todo.

Eu vou ter uma transparência absurda no meu mandato! Para as pessoas saberem o que está sendo votado na câmara, para as pessoas saberem qual é a minha posição, porque eu estou me posicionando de tal forma, para as pessoas conseguirem chegar perto de mim pra falar coisas, pra poder realmente. Gente, o povo tem voz, mas não é porque vai ser só pro povo preto, mas é porque vai ser um lugar muito próximo das pessoas! Eu quero receber as pessoas, eu quero ouvir, eu quero trazer demanda, eu quero trabalhar nesse sentido. Eu acho que isso aí é a prioridade do mandato! A transparência e ser acessível, a gente tem que tá perto das pessoas, não tem como! Não tem como ser uma liderança longe das pessoas! E acho que isso se perde depois que as pessoas ganham pra vereador, elas esquecem desse sentido, elas esquecem de voltar nos bairros, elas esquecem de conversar com o povo! E isso que é o problema, não é nem “ah, não consegui aprovar tal projeto, por conta disso... disto, aquilo outro...”. Às vezes a população nem intriga por conta disso, mas porque você não voltou pra contar, estar próximo. E o que eu espero pros próximos anos é conseguir fazer isso de forma acessível, estar perto das pessoas como sempre foi! (Maiara, 26 anos)

3.4 Que horas ele chega? - amor, afeto e cor

Famílias pretas são sementes de comunidades vivas
 Por isso que eu dou minha vida
 Pra nunca deixar morrer
 Essa coisa bonita que entre nós se fortifica
 Preta, hoje tu tá linda, então deixa o tempo correr
 Porque ele só te deixa melhor
 "Tá contigo é muito mais do que não tá só
 Me ajuda a ser melhor do que eu sou
 Me ajuda a entender que a vida começou

Dengo - Thiago Elniño/Zé Manoel⁵⁰

Nascimento (2016) em sua discussão sobre “O genocídio negro brasileiro” menciona o processo de exploração sexual da mulher africana como um marco na sociedade brasileira, enfatizando a desumanização dos escravizados, que eram impossibilitados de constituir e/ou dar continuidade a seus laços familiares. A mulher preta entra nessa dinâmica como o “brinde” do colonizador. O autor reforça que o Brasil, um país estruturado a partir de um sistema patriarcal, expôs esse grupo social à degradação, à exploração sexual e ao trabalho. Nascimento esclarece que havia uma diferenciação entre as mulheres negras, incluindo a discussão sobre miscigenação como um ponto importante na destinação dessas mulheres, posicionando as ditas “mulatas” frente a exploração sexual e as negras diante da exploração servil. A mulher negra, tem desde o período escravista o seu corpo objetificado, estando continuamente posicionada entre o hipersexualização e a força de trabalho, essa corporeidade foi forjada e sentenciada nas margens sociais.

O amor preto como resistência? A mulher negra sendo o outro do outro, teria um espaço para desenvolver afetos dentro dessa dinâmica? Desde o período escravista, foi possível observar uma força tarefa que impossibilitava a união entre pessoas pretas, assim como a noção de família e comunidade entre os escravizados. Não era interessante para os senhores de escravos permitir que seus subalternos desenvolvessem qualquer sentimento além de temor, também é necessário pontuar que essas pessoas que já tinham como obrigação servir seus senhores, tinham seus corpos violados com a finalidade de fornecer prazer a seus “donos”. Fico me perguntando se histórias de amor seriam possíveis em um cenário como este, considerando que seu amado/a poderia ser vendido/a ou espancado/a até a morte a qualquer momento.

⁵⁰ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=9kt0WOY4vyc>

O parecer prescrito em torno das mulheres negras, como submissas as transformam em indivíduos sociais que são forçadamente direcionados a abdicarem das relações que envolvam amor, cuidado, afeto e prazer para si mesmas, mas que se estabeleçam como sujeitos que detêm a obrigatoriedade de fornecer subsídio emocional e prazer aos demais, ideia essa transmitida historicamente pelas amas de leite, que cuidavam e amamentavam os filhos das sinhás e as escravizadas que tinham relações consensuais ou não para gerar mão de obra escravizada. (CRUZ, 2021, p.56)

O amor era compreendido por pessoas pretas como um sentimento difícil de ser experimentado, sendo, na maioria das vezes associado a impossibilidade, isso porque mulheres negras escravizadas eram forçadas a conviver com a inconstância de seus sentimentos, sensação provocada ao ver seus pares, filhas/os e irmãs/os serem violentados e/ou afastados de sua presença com determinada frequência, além de serem constantemente violentadas sexualmente.

O amor era concebido como um sentimento potente e doloroso ao mesmo tempo, não aprendemos a lidar com ele, porque, talvez ainda paire sobre nós a dor da falta, hooks (2020, p.39) destaca que “mulheres, com frequência, falam de um lugar de falta, de não terem recebido o amor que desejavam”. Se no período colonial escravagista tínhamos as separações abruptas que rompiam laços de afeto de forma agressiva, agora, temos a ausência de investimento afetivo, expondo mulheres negras a situações degradantes de preterimento e, conseqüentemente, a solidão.

Mulheres brancas se relacionam com homens negros, quando não são interessantes o suficiente para homens brancos - leia-se fora do padrão de beleza exigido pelas pressões de gênero -, enquanto homens negros se casam com mulheres brancas, também, porque querem ascender socialmente e, assim, se apaga a herança negra da família, em especial, por causa da branquitude. Neste jogo, a mulher negra é a figura merecedora do menor valor porque pertence a duas minorias históricas (mulher e negra). Trata-se de uma tese que pretende desnaturalizar a ideia de que “gosto não se discute” e ainda de que “gosto é gosto”. Gosto é um constructo social e histórico que é influenciado pelas relações de poder e de opressões. (SCHUCMAN, 2018, p. 40)

Pois bem, convoco-os a pensar sobre os encontros possíveis dentro da realidade da cidade e a partir de um olhar racializado sobre a discussão. Considerando a solidão da mulher negra e as dinâmicas racistas que permeiam o município, ousaria perguntar, o que é possível pensar sobre o amor em Nova Friburgo?

É uma pergunta um tanto quanto polêmica, muitos dirão “amor é amor, independentemente da cor”. Na teoria se apresenta como um pensamento que ultrapassa as barreiras do preconceito racial, no entanto, a prática mostra que a discussão pode ser ainda mais complexa. O amor é poder, tornando-se inviável pensá-lo apenas como um sentimento. Ele também é revolucionário, possui um potencial capaz de provocar mudanças significativas. “[...] O amor não tem nada a ver com fraqueza ou irracionalidade, como se costuma pensar.

Ao contrário, significa potência: anuncia a possibilidade de rompermos o ciclo de perpetuação de dores e violências para caminhar rumo a uma sociedade amorosa” (hooks, 2020, p.10).

Oito mulheres foram entrevistadas ao longo da pesquisa, e conversamos sobre diversos assuntos: trabalho, sonhos, racismo, cabelo, filhos, política, entre outros, porém, em nenhum momento pautamos o amor como uma temática importante. O que não significa dizer que não tenhamos falado sobre relações afetivas, algumas entrevistadas até mencionaram o assunto de maneira breve, mas pouco se falou sobre a dimensão afetivo-sexual das mulheres pretas.

Idades distintas, realidades diferentes e ainda assim, o amor não surgiu como reflexo. Diferente do cabelo, ele não teve um protagonismo nas narrativas construídas ao longo das entrevistas. Apesar de não ter sido mencionado diretamente, ele foi apontado ao falar dos filhos, dos amigos, dos projetos, mas de certa forma, não houve espaço para o amor romântico nas entrevistas. Mencioná-lo agora é uma provocação, uma vez que falar sobre mulheres negras implica pensar a dimensão afetiva que atravessa suas realidades.

Amar às escondidas, reprimir os sentimentos ou retirar o investimento afetivo foram “estratégias” adotadas por essas mulheres ao decorrer do tempo. A omissão, e até mesmo um certo controle das emoções pareciam táticas interessantes de sobrevivência, a inclinação para a racionalidade surgia como um mecanismo importante na manutenção da vida e sanidade, diante de tantos acontecimentos durante a era colonial.

[...] O papel majoritário de mulheres negras nos relacionamentos está ligado a erotização dos seus corpos, visto que apenas (7%) dessas mulheres se casam, e elas são maioria como mães solo no Brasil, o condicionamento à solidão é gritante, visto que a raça é um fator predominante para a escolha dos parceiros. (CRUZ, 2021, p.58)

Nós, pessoas pretas, aprendemos a não falar sobre o amor, como se ele revelasse uma fragilidade que não somos capazes de assumir, o racismo e tantas outras opressões, principalmente as de gênero não nos oferecem espaços para sermos frágeis. A mulher que está exposta a lógica de superação dos limites e da realidade em que está inserida, “não tem tempo para amar”, criando assim um espaço mínimo e irrelevante para experimentar o amor. De certo, ele é difícil, porém não impossível. “A ideia de uma mulher negra “forte”, contribui para a solidão dessas mulheres e esses encargos se refletem nos mais variados espaços sociais” (CRUZ, 2021, p.54). Muitas de nós conseguem construir relações afetivas pautadas no amor e cumplicidade, se expondo, amando, sofrendo e se deixando envolver pelas nuances do amor. Mas a realidade esmagadora é que esse sentimento não contempla uma parcela significativa de mulheres pretas, que estão atreladas a ausência de amor.

O ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que

trabalha e é super explorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do carnaval cuja sensualidade recai na categoria do erótico-exótico. (GONZALEZ, 2020, p.170)

“[...] Não nos ensinaram a ser hábeis, e as escolhas que fazemos tendem apenas a reforçar a sensação de que o amor é inútil e sem esperança” (hooks, 2020, p.33). A urgência da vida nos empurra a ideia de que não há tempo para o amor, para além de todas as crenças que o racismo cria ao longo das trajetórias de mulheres negras, as distanciando do lugar do enamoramento por não possuir a beleza que é desejável, e por estar constantemente vinculada a objetificação tendo o corpo hipersexualizado, ainda é imposto sobre ela uma sobrecarga que a obriga a abrir mão de se aventurar nas tortuosas ruas do amor, por uma necessidade em ter que priorizar outras demandas e até mesmo por não ser concebida como uma pessoa desejável.

A confusão surge, pois, a maioria das pessoas que pensam não serem dignas de receber amor tem essa percepção porque, em algum momento de sua vida, foi socializada por forças fora de seu controle para se ver indigna de amor. Nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmos ou de outra pessoa. Contudo, nascemos capazes de reagir ao carinho. Conforme crescemos, podemos dar e receber atenção, afeição e alegria. Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso. (hooks, 2020, p.94)

O amor torna-se secundário na vida de muitas mulheres, uma vez que outras questões e exigências tomam o topo das prioridades, o que pode provocar um distanciamento da dimensão afetiva dessas pessoas. O amor apresenta inúmeras facetas, articulando de maneira intensa com o corpo que se faz disponível no momento, quando experimentado, tem o poder de promover liberdade, tranquilidade, noções e percepção mais apurada sobre si e com o outro.

É necessário reforçar que, uma pequena parcela de meninas negras, conseguem de fato adentrar no campo das afetividades durante o período que compreende a adolescência, isso porque a ideia de que a negritude é uma característica negativa, carregada por seus elementos (lábios grossos, cabelo crespo, nariz largo, entre outros), acaba por atrasar o encontro dessas meninas com os primeiros contatos com o amor e as relações de afeto, isso porque elas acabam sendo ancoradas no lugar do preterimento. Não se sentir desejada, em um período em que a subjetividade está sendo construída, assim como as noções de si, tornam essa fase que já possui uma complexidade, uma etapa ainda mais traumática.

São inúmeros os mecanismos utilizados para que o lugar de preterimento seja reforçado socialmente, principalmente no período da adolescência, uma fase em que as descobertas tomam conta da juventude. Para além de um desfecho amoroso, muitas meninas

negras são impossibilitadas de explorar seu corpo e sua sexualidade de maneira saudável, principalmente por terem seus corpos sexualizados ainda muito novas, o que pode trazer possíveis conflitos em relação ao corpo e a auto estima, viabilizando um embotamento afetivo que dificulta as formas de se relacionar e de lidar com os sentimentos e desejos.

“Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são “destinados” às mulheres negras”. (PACHECO, 2013, p.24). Longe de ser uma questão supérflua, o esvaziamento afetivo é parte de um projeto para desumanizar a população preta. Nós não aprendemos sobre o amor e crescemos reféns de cenários em que constantemente somos preteridas. Na atualidade, pessoas pretas têm conseguido ocupar lugares de visibilidade, principalmente no mercado de trabalho, no entanto, mesmo que uma pequena parcela da população negra tenha alcançado alguns espaços de prestígio, ainda hoje, seguem sendo assolados pela escassez de afeto que atinge principalmente as mulheres pretas.

“E visto que, de acordo com o pensamento sexista da época, os homens na verdade não gostavam de mulheres ‘inteligentes’, partia-se do pressuposto de que quaisquer sinais de inteligência selava o destino da pessoa” (hooks, 2017, p.10). Atualizando tal afirmação é cabível dizer que nos dias atuais, o sexismo ainda impera como um dos norteadores das relações interpessoais, é importante reforçar que avançamos bastante, mas no que diz respeito às mulheres negras, andamos a passos lentos quando a pauta da discussão corresponde ao afeto. A solidão tem se feito presente na realidade dessas mulheres, muito em função de uma visão caricatural e estereotipada dessas pessoas. Ainda é visto como afronta uma menina/mulher preta ingressando em instituições de ensino superior, liderando grandes comissões e assumindo cargos de confiança, dirigindo o próprio carro, residindo em locais nobres e sendo desejadas para além do que seu corpo pode oferecer, ou seja, ocupando espaços “separados e destinados” a branquitude.

3.5 As transições e seus múltiplos significados

Finalmente um Henê com três tipos diferentes
 Henê Preto Pelúcia
 Forte - Médio - Suave
 Forte para cabelos fortes e resistentes
 Médio para cabelos normais
 Suave para cabelos finos ou frágeis

Pelúcia é diferente! Alisa, Amacia e Tinge
E deixa o cabelo sedoso como a pelúcia
Henê Pelúcia, a carícia da pelúcia

Comercial Henê Pelúcia - 1977⁵¹

Mãe: “Hoje Carol faz quinze anos,
lembro do que a minha mãe fez por mim nesse dia”.
Carol: “mãe, mãe... ah! Caio falou que vai à festa!”
Mãe: “Hoje é o dia da sua primeira transformação!
Sei que ela vai lembrar pra sempre desse momento”.
Hairlife. Conquiste a beleza da vida.

Comercial Hairlife - 2009⁵²

Vem comigo mulher preta, você não está sozinha
O poder é o seu crespo, com seu black de rainha
É real e dá orgulho, hoje temos o nosso espaço
Tô de trança, de turbante
Tô de crespo e tô de cacho
Essa é pra quem tem o dom, no passinho da Salon
Para mulheres reais, cabelos sensacionais
Eu sou crespo e cacho, sou um esculacho de
Beleza e de poder, e vai ser bem maior
Porque estamos todas, juntas e somos uma só
Meu cabelo é a primeira, e todos vem atrás
Depois da Salon Line, eu sempre quero mais.

Comercial Salon Line - 2021⁵³

Grada Kilomba (2020), em sua obra intitulada “Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano” afirma que “não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação” (p.121). Utilizarei tal afirmativa para pensar os processos de transição a que o cabelo crespo é exposto ao longo da vida de mulheres pretas. É válido destacar que as pressões estéticas, que forçam um padrão de beleza atingem as mulheres como um todo, inclusive as que de alguma forma se aproximam minimamente desse arquétipo. No entanto, nesta discussão, me deterei apenas a problematizar o uso de procedimentos capilares, as transições e os danos causados a cabelos crespos.

É importante iniciarmos compreendendo o que é o cabelo crespo, destacando que existe uma série de adjetivos associados a esse tipo de cabelo, que de maneira pejorativa o tornam conhecido como o “cabelo duro, ruim e feio”, entre outros comentários que poderiam causar gatilhos a leitoras negras, afinal, compõem o combo de episódios racistas cotidianos, parafraseando Kilomba (2019). O cabelo crespo pode ser compreendido como aquele que

⁵¹ Ver em https://www.youtube.com/watch?v=4zKd7p_Nb1w

⁵² Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=Ouz6tuGDtoU>

⁵³ Ver em <https://youtu.be/6vJ0hsxK5u4>

possui uma curvatura com pouca definição, isso corrobora para que a oleosidade da raiz não passe para os fios, tornando-o mais opaco que os demais. Vale salientar que os cabelos são definidos por tipos, que estão além da definição grotesca, e preconceituosa do senso comum que os categoriza como “cabelo bom ou cabelo ruim”. Foram classificados de maneira sistemática, visando os cuidados necessários para cada tipo de cabelo, considerando desde o modelo de pente/escova a ser utilizado para pentear até os procedimentos mais complexos como cortes, hidratações e etc.

Existem tabelas que circulam na web e que também costumam estar presentes em recipientes de linhas de cuidados capilares, como cremes de pentear, shampoos e afins. É possível dividir os cabelos em quatro tipos, dentro de cada grupo há pelo menos três variações da curvatura dos fios.

Os cabelos lisos que possuem fios mais retilíneos, correspondem à numeração *1a-1b-1c*, sendo *1a* os fios lisos e finos; *1b* os fios lisos e mais encorpados; *1c* os fios lisos e grossos. Seguindo a sequência das tabelas, temos os fios ondulados, como o próprio nome já diz, possuem ondulações, correspondem a classificação *2a-2b-2c*, sendo *2a* os fios com uma leve ondulação; *2b* os fios com ondulações mais acentuadas; *2c* os fios com uma curvatura mais marcada, o formato se assemelha a letra S. Logo após, tem os cabelos cacheados, esses por sua vez se dividem em *3a-3b-3c*, sendo *3a* os cachos mais abertos; *3b* os mais fechados e um pouco mais definidos; *3c* os cachos menores e mais fechados. E por último, o cabelo crespo, *4a-4b-4c*, a compreensão desse fio pode parecer um pouco mais complexa, visto que muitas pessoas possuem até quatro tipos de fios diferentes de cabelo, o que dificulta o entendimento em relação a textura e curvatura, e até mesmo uma dúvida em relação aos cuidados necessários para o cabelo.

O cabelo *4a* costuma ter uma curvatura semelhante ao *3c*, no entanto possui uma diferença em relação a textura sendo um fio um pouco mais seco e crespo. O *4b* é um cabelo que possui fios que se assemelham a letra Z, geralmente não possuem formação de cachos e apresentam uma curvatura mais fechada; o *4c* é formado por fios com curvas em ziguezagues, o que impossibilita a definição como os demais tipos. Cabe destacar outros fatores que acometem esses cabelos, como o fator encolhimento e o *frizz*⁵⁴ que complexifica a compreensão sobre os cabelos cacheados e crespos.

O fator encolhimento pode ser considerado nos cabelos classificados como *3c-4c*, pois esses tipos de cabelo apresentam um tipo de crescimento diferentes dos demais. Explicando

⁵⁴ Consistem em fios arrepiados que sinalizam a falta de hidratação dos cabelos.

maneira até um pouco grotesca, eles não crescem para baixo como é comum entre os *1a-1c*, os crespos crescem formando uma curva, o que em muitas situações favorece o discurso mítico de que os cabelos crespos não crescem e/ou demoram mais tempo para se desenvolverem.

Quando as propagandas referem-se aos produtos de alisamento e relaxamento para “cabelos étnicos”, elas trabalham com a seguinte ideia: a aplicação do produto não só fará o cabelo do negro e do mestiço adquirir uma aparência “lisa”, “menos crespa” ou “anelada” como também resultará numa mudança estrutural na vida da pessoa. (GOMES, 2019, p.256)

Por vezes, procedimentos “milagrosos” acabam capturando mulheres utilizando como base essa falácia. A própria técnica de relaxamento capilar⁵⁵ é propagada como um facilitador para lidar com os fios que possuem curvaturas mais fechadas, o procedimento consiste em alisar a raiz, “abrindo” os cachos e curvaturas mais fechadas. De fato, em certa medida o cabelo exige menos quanto ao desembaraço da raiz, os produtos com essa finalidade costumam evitar o famoso *nó de fada*⁵⁶, que costuma ser o inimigo das crespas. No entanto, o que se apresenta como um “aliado” acaba gerando um processo de dependência no cabelo e nas mulheres, uma vez que o crescimento da raiz crespa começa a contrastar com a parte do fio que está relaxado, gerando duas texturas, que posso afirmar, no lugar de uma *ex usuária química*, que incomoda demasiadamente.

Três horas em um salão de beleza, torcendo para o novo procedimento funcionar, e na prática não tinha muita diferença: alisamento, relaxamento, escova progressiva; se tivesse a presença de formol na composição, a agressão ao couro cabeludo era uma certeza. O que mulheres, em especial negras, suportam em nome da *beleza* beira ao absurdo. Até onde é possível se submeter em prol de uma aproximação de valores e normas estéticas?

Ao conversar com uma das entrevistadas, me senti fortemente representada quando ela começou a narrar um episódio trágico sobre o cabelo. Ela nomeia o processo como primeira *transição forçada*, expressão que pode ser mais explorada posteriormente. Camila (26 anos) é uma mulher negra de 26 anos, friburguense, trancista e que concordou em colaborar com a entrevista contando um pouco de sua trajetória, já inicia sua fala dizendo que usa assumidamente seu cabelo ao modo natural - crespo.

Eu fiz duas transições. Eu fiz uma com 10 anos... as duas foram forçadas! A de 10 anos foi porque meu cabelo caiu todo, porque eu estava usando um monte de química doida... aí meu cabelo caiu todo! Aí meu pai me levou num salão que

⁵⁵ É uma técnica de alisamento capilar, comumente utilizada por indivíduos com cabelos cacheados ou crespos, com a finalidade de diminuir o volume e promover mais mobilidade para os fios.

⁵⁶ Pequenos embaraços formados entre os fios, ocasionados por hábitos prejudiciais ao cabelo. Exemplo: prender os cabelos molhados.

ninguém [conhecia]... era um salão perto de casa. E a gente nem conhecia a mulher do salão, nem nada. Aí meu pai me deixou lá e foi pra rua, depois ele voltou e a mulher tinha cortado meu cabelo todo. E aí eu fiquei com aquele cabelo curto, fiquei desesperada com aquele cabelo curto, mas assim que ele cresceu um pouquinho já taquei alisante de novo. E voltei pra química de novo! E aí depois, eu já estava com 20 e fiz a transição de novo, que também foi forçada porque meu cabelo caiu de novo (risos). E aí tive que passar pela transição. (Camila, 26 anos)

Assim como uma significativa parcela das mulheres negras brasileiras, Camila (26 anos) fazia uso de tratamentos capilares com adição de compostos químicos. Ao longo de nossa conversa, ela conta com detalhes as experiências vividas por causa da utilização desses produtos, além das mudanças sofridas por causa de resultados não desejados nos procedimentos realizados para alisar os fios.

O corte químico, pior do que se deparar com muitas texturas, é ver o seu cabelo cair excessivamente. A primeira propaganda exposta no início desta seção é um comercial datado em 1977, divulgando um produto chamado *Henê*, que inclusive segue sendo comercializado após ser incorporado pela linha de beleza *Embelleze*, no entanto, apresentado no mercado com uma composição menos nociva que a original. O comercial do *Henê Pelúcia* começa destacando uma inovação no produto, a linha estava oferecendo tipos de químicas diferentes para cabelos diferentes, a partir de uma divisão que era no mínimo, curiosa: “cabelos resistentes, cabelos normais e cabelos frágeis”. Levando em consideração que na época, a grande maioria dos produtos com a finalidade de alisar não eram compatíveis e, portanto, não alisavam as raízes crespas, vejo como proposital a adjetivação dos cabelos crespos como os “resistentes”, considerando a difícil aderência do produto, inclusive caberia averiguar a diferença na composição dos produtos “Henê - Forte” e o “Henê - Suave”, deixo como provocação.

As pressões estéticas para sustentar um cabelo alinhado, domado e “fácil” de manter, eram inúmeras. Durante a infância, tanto os ambientes escolares quanto familiares se encarregaram de produzir modos, quase padronizados, de transformar esse cabelo em qualquer outro formato que o distanciasse do natural. Liso, apertado, preso; diversas estratégias para modificá-lo e torná-lo aceitável.

Sim... até porque a gente era pequena também, acredito que você tenha passado por isso também. Bem pequenininha e tinha... pentear o cabelo e ficar puxando, esticando, porque tem que ficar igual japonesa, né... não pode deixar um fiapinho pra fora que a mãe fica desesperada já! Porque não pode mandar a criança assim pra escola de jeito nenhum! Tem que estar com aquilo esticadinho, perfeito. (Camilla, 26 anos)

O olhar colonizador atribuiu ao cabelo o significado de marcador que sinaliza a diferença racial, em um tom de denúncia, principalmente quando uma pele mais clara está

acompanhada de uma raiz mais crespa. É um comportamento que blindava o que Nilma Gomes chama de “redoma de vidro da branquitude” (GOMES, 2019, p.18), uma série de comportamentos, modos de ser e padrões que foram sendo aprimorados desde o período colonial, e que sustentam a branquitude em espaços intocáveis, apesar de questionáveis.

O cabelo crespo figura como um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui. Mesmo que a cor da pele seja mais clara ou mesmo branca, a textura crespa do cabelo, em uma país miscigenado e racista, é sempre vista como um estigma negativo da mistura racial e, por conseguinte, é colocada em um lugar de inferioridade dentro das escalas corpóreas e estéticas construídas pelo racismo ambíguo brasileiro. (GOMES, 2019, p.18)

“Não acredito que você vai estragar o seu cabelo, estava tão bonito! Vai deixá-lo duro de novo?” - Disse minha tia em uma pequena comemoração familiar. Imediatamente todos olharam para mim, esperando uma resposta, afinal, eu deixaria meu cabelo endurecer novamente? O silêncio tomou conta do espaço, uma resposta à altura poderia comprometer a convivência daquele momento em diante, então optei por não responder. Um constrangimento, assim como em muitos outros momentos ao longo da minha infância/adolescência. Era inadmissível esse movimento de retornar às minhas raízes, era uma afronta para as pessoas que estavam naquele ambiente, aceitar a exposição de algo que parecia bem escondido, camuflado.

Ao narrar o percurso até o cabelo “ideal”, Maiara também pontua os traumas e os medos que a assombravam durante a infância/adolescência, um deles era o medo de ser exposta e ter seu cabelo natural “revelado”. É importante destacar que devido ao aumento da aderência aos alisamentos, escovas progressivas e afins, tornou-se muito “comum” ouvir piadinhas de colegas e familiares sobre os cabelos crespos não poderem ter contato com a água, devido ao fator encolhimento.

Mas depois quando entra na adolescência, a gente quer meio que se encaixar de alguma forma nos espaços e aí o incentivo era alisar o cabelo, alisar o cabelo, alisar o cabelo... é aquelas coisas né, porque você alisava o cabelo quimicamente e era um processo até chegar no cabelo ideal (ela faz um sinal de aspas com os dedos), que as pessoas tinham como ideal, o cabelo liso, sedoso... aquelas coisas todas e aí foi um processo que me... me impactou muito por conta de eu ter até a mão marcada, porque eu nesse processo de alisar, o cabelo não ficava do jeito que eu queria e eu queria prender, e aí conforme a buchinha (laço para prender o cabelo) passava pela minha mão, era algo tão violento para mim e que tinha que prender e que ele tinha que ficar certinho na cabeça, que tinha que ficar liso sedoso, mesmo preso. Eu marcava a mão, porque eu forçava muito a mão para poder deixar o cabelo bem preso! É... tinha medo, às vezes de ser convidada pra ir pra piscina, a questão da chuva era um meme da época, uma piada na época... a mulher que alisava o cabelo não podia pegar chuva, mas não era uma brincadeira pra mim, de verdade! Que eu não imaginava deixar as pessoas verem como era o meu cabelo natural. (Maiara, 26 anos)

Quando a transição aparece como opção, não é só sobre um novo modo estético, é sobre afirmação do corpo preto como potência. Ao longo das entrevistas, cada mulher foi narrando seu processo de tornar-se negra, que não correspondia apenas ao ato de retirar do cabelo as substâncias químicas usadas anteriormente, mas na relação construída com o cabelo a partir desse movimento.

Maiara (26 anos) pontua a relação de amor construída com o cabelo, e afirma que a leveza do processo de transição esteve diretamente ligada a criação do Império das Negas, como uma coletividade que afirmava a negritude como potência.

As pessoas romantizam muito a transição "aí a transição é conhecer o seu cabelo, é saber quem você é" e no final das contas é isso mesmo, é isso mesmo. Mas o processo não se dá assim tão suave, tão leve! Porque tem dia que você acorda e que a textura não pega no cabelo de jeito nenhum. Você anda com metade do cabelo texturizado e a outra metade com o cabelo liso. Metade lisa e metade crespa! (Risos) Então a gente fica assim né, sem saber como cuidar, muito sem saber e aí a gente vai aprendendo conforme vai passando o tempo. Entendendo que quando a gente fala de cabelo a gente tá falando de vida né, eles respondem, conforme a gente cuida, conforme a gente se dedica a eles! (Maiara, 26 anos)

O meu tá meio nervoso! Já tem um tempo sem pentear, eu lavo sem pentear. Porque dói tanto o braço... (risos). Enfim! E aí, é... a coisa, a ficha foi caindo. Depois de uns quatro meses, três meses que fui vendo. Cara, eu já tô nesse processo, vou até o final! Vou ver o que que dá! E eu não sabia como que ia ser o cabelo, porque conforme tá metade liso e o cabelo crescendo, parece que ia ser cacheado e a gente fica nessa utopia né, de "ah, vou sair do liso pro cacheado e o cacheado aceitável, é o cacheado bonito!" E assim, eu tinha muito medo do meu cabelo ser 4c porque eu não sabia como cuidar e não era a estética que as pessoas queriam! Ouvi muito isso quando era modelo! (Maiara, 26 anos)

E aí beleza, até que quando a gente fez o lançamento de fato do movimento, né... do Império das Negas, o meu cabelo já não pegava mais textura, porque ele já estava num tamanho muito bom! Que enquanto ele estava na raiz e a ponta estava lisa, o cacho ficava pra fora! Então, ok! Só que tipo, o meu cabelo cresceu muito e ele não pegava mais textura, ele não conseguia pegar mais textura! Ele não ficava mais cacheado, porque ele já estava crespo, né! E aí, eu decidi cortar! Cortei as pontinhas lisas e comecei a viver, comecei a usar assim! E hoje eu vejo que foi um processo, que às vezes se eu tivesse muito racional ali, "não, vou usar... preciso me conhecer e *"pipipi popopó"* é... talvez eu não tivesse levado até o final, eu acho que foi importante eu tá meio assim, avoadinha, desligadinha mesmo! Pra ver, depois que tenho ciência, depois de um tempo que eu consegui entender a importância disso e hoje, cara! Foi um ato de coragem (risos), que bom que eu não fui racional, acho que foi mesmo alguém que pegou na minha mãozinha aí e me guiou nesse caminho, nesse percurso. E hoje é só amor né! (Maiara, 26 anos)

Camila (26 anos), reforça a importância de se cultivar o cabelo, conversar com ele e cuidar como cuidamos de uma planta. Considerando as inúmeras violências a que submetemos nosso couro cabeludo e raiz crespa, o cuidado e o carinho voltado para nossos cabelos tornam-se imprescindível.

Quando eu tive mais contato, né... com outros amigos também... que também tinham essa consciência... e aí veio a questão da transição também, até que eu aceitei muito bem a minha transição. Todo mundo fala que foi... não sei... pra todo mundo foi um terror "a transição foi horrível... eu tive que ficar com o cabelo curto"

- mas pra mim foi maravilhoso. Eu aproveitei todas as fases da minha transição, pra mim... foi ótimo, porque eu não tive nenhum arrependimento. E as tranças né, elas vieram depois. (Camila, 26 anos)

Hoje a relação com meu cabelo é maravilhosa! Claro que tem as dificuldades, né... o cabelo embarça muito, aí tem que pentear... tem a questão de lavar... e é cansativo. Mas eu criei uma relação de amor com o meu cabelo, eu até falo com algumas amigas em relação a creme... creme de pentear, porque eu gosto de olhar rótulo pra ver se não tem sulfato, se é vegano... tipo, só uso se for vegano, só uso creme vegano, ainda tem isso também... (risos), porque eu não quero colocar qualquer coisa no meu cabelo. Então eu criei essa relação de amor com o meu cabelo e tudo mais, eu tinha até visto uma entrevista da Thais Araújo dela falando que ela conversa com o cabelo dela. A gente não conversa com as plantas... para as plantas crescerem...e tudo mais (risos), por que a gente não conversa com o nosso cabelo? (Camila, 26 anos)

Alice (25 anos), traz uma postura mais política sobre o cabelo crespo desde a infância, quando narra a resistência ao relaxamento e aos procedimentos capilares impostos pela mãe, e afirma que o cabelo crespo e a transição foram processos que ela atrela mais a afirmação enquanto mulher negra, do que um enquadre estético que aos poucos tem ganhado adeptas.

Com relação ao cabelo, eu realmente como diz minha mãe sempre fui do “cu riscado”, na verdade como qualquer criança eu tinha essa coisa de alisar o cabelo. A primeira vez que eu pedi tinha 5 anos, eu lembro bem desse dia e eu quase não lembro de nada da minha infância, pedi minha mãe pra fazer franja e ela fez... e eu comecei a chorar muito com o resultado porque eu odiei, achei a coisa mais horrível do mundo, achei super nada a ver, não tinha nada a ver comigo e fiquei arrependidíssima. Mas foi tranquilo que era só tirar com água, mas a minha mãe sempre relaxou meu cabelo, desde muito cedo, com uns 4 anos ela já relaxava meu cabelo, e ainda assim, nas fotos da escola sempre ficava essa parte do cabelo, ficava igual uma coroinha (Alice, 25 anos)

Eu já tinha uns 10/11 anos. E com uns 14/15 anos meu cabelo quebrou, eu tive um corte químico muito brabo. Inevitável né, já tinha uns dez anos que usava química pesada e aí meu pai resolveu intervir, de maneira moderada, e começou... foram dois anos muito complicados, de ir em vários salões, de salões muito merdas, gente dizendo que não ia fazer química, mas na verdade era... eu não sou idiota, eu já tinha 15 pra 16 anos. Com 16 anos... enfim, sempre tive uma relação complicada com a minha mãe, por não relaxar o cabelo ela resolveu... eu era uma criança, uma adolescente... e ela resolveu que não ia me dar nada, nem shampoo nem nada. Então o dinheiro que eu tinha pra almoçar na rua era o dinheiro que eu tinha pra juntar e me virar, pra não relaxar o cabelo. A partir daí o meu cabelo foi crescendo natural de fato, depois disso eu fui morar sozinha e fui cuidando do meu cabelo, tenho uma relação muito tranquila, acho muito melhor ele agora... sempre odiei, eu via as pessoas alisando o cabelo e me perguntava o porquê “você não vê que isso está horrível”, na minha cabeça né... mas dava vontade de falar porque eu sempre fui muito sincera, e alguém tinha que me... porque quando eu era criança não tinha muito essa percepção do que podia ou não falar. Mas é sobre isso, todo mundo da minha família reclama do meu cabelo até hoje, mas eu não posso fazer nada... aceitei e tô de boa, quando eu coloco as tranças eles também reclamam... qualquer coisa eles vão reclamar, então não estou nem aí. (Alice, 25 anos)

Caroline (24 anos) e Thaís (24 anos) também expõem como foi importante se reconhecerem negras através da transição capilar, a classificando com um processo libertador e potencializador que possibilitou uma conexão mais interessante com a identidade racial.

Não me lembro com qual idade comecei a alisar mesmo o cabelo, creio que tenha sido com 11 anos e eu adorava na época, me achava, E assim, chegou num momento que eu falei “não, não quero mais” e na época estava muito na mídia, cabelo cacheado e aí falei “vamos”. Aí eu comecei a ir em institutos que alisavam o cabelo, alisavam a raiz mas não deixava liso mesmo, mas abria os cachos... essas coisas assim. Mas em 2018 quando eu passei assim, na verdade, em 2017 eu tive uma perda que mexeu muito e eu entrei em um surto de depressão e em 2018 por conta de crises de ansiedade, essas coisas assim eu tive queda de cabelo e foi aí que eu falei “preciso saber quem eu sou”, aí comecei a usar tranças no processo todo e em 2020 eu tirei as tranças, fiz o *big shop* e no primeiro impacto eu me perguntei “quem é essa menina?”, e hoje eu olho pra ela e falo “essa é a menina que deveria existir há muito tempo, mas devido alguns processos ela não veio, mas agora ela veio e assim... posso ser um pouco, é... modesta... eu me acho maravilhosa com o meu cabelo black. Tô aí e não importa o que falam, eu boto mesmo e saio, estou até com saudades, inclusive, mas por conta do tempo e por ser uma pessoa que é alérgica a tudo, eu tive que voltar para as tranças, mas já estou de volta. Foi aí que eu realmente me descobri como uma mulher negra, eu não tive problemas com bullying na escola, andava com meninas brancas também, elas sempre chamaram mais atenção do que eu, mas apesar disso, eu nunca me senti inferior a elas. Mas hoje eu posso dizer que me sinto bem melhor do que na época que eu andava com elas. (Caroline, 24 anos)

O meu cabelo, ele é um 4ab, ele é um 4a nas redondezas, e um 4b... ou 4c, ainda não sei bem, na real acho que é 4ab mesmo... quando eu tiro a trança e ele não está afim, é um 4c total, sem definição nenhuma. Mas é algo que eu não esperava, porque eu tinha certeza que quando eu assumisse meu cabelo, ele não ia definir. Tem vezes que eu quero cortar, porque falo “meu deus, cabelo! Dá volume!”. Ele fica definidinho, encolhidinho, com creme e tal, é outra coisa também que eu achei incrível: o formato! Porque na verdade nosso cabelo é surrado, né? Porque depois de tanta química e tanta coisa, eu se fosse ele diria “você que se vire, eu não vou mais crescer não, você acabou me judiando”. E não, ele aguentou firme, me surpreende! (Thaís, 25 anos)

Gomes (2019) ressalta que, na contemporaneidade, muitas mulheres negras, agora adultas, “se reconciliaram com as tranças”, aderindo o penteado como um estilo que expressa de maneira visceral a estética preta, e que também reforça o cuidado com o cabelo crespo, fugindo da lógica associadas as tranças na infância, que buscavam camuflar o aspecto “despenteado” do cabelo.

4. “A DIGNIDADE DA GENTE É O NOME, A PALAVRA E A COR” - A MULHER PRETA E OS ATRAVESSAMENTOS GERACIONAIS

Olha Débora, fico maravilhada quando vejo alguém chegando lá. Minha filha estava fazendo... estudando né, tentando fazer uma faculdade, então ela está fazendo um curso de radiologia. Ela ficou 5 anos batalhando, aí chegou um amigo dela que também está no mesmo patamar dela, ele é um homem... e disse “olha, eu queria te falar - vai ser muito difícil você entrar nessa área, mulher, negra... botar filho no mundo”, porque hoje em dia você não pode nem botar filho no mundo, não aceitam cachorro, não aceitam criança... às vezes a gente mora em lugar que não aceita nem criança e nem cachorro. Então ele falou assim “você engravida, você tem útero, tem mama que pega câncer, eles não vão te dar um serviço na radiologia”, então por que deixaram ela ir tão longe gastando tanto dinheiro, por que não orientou ela a pegar outras áreas? Então deixa a pessoa entrar em um sistema que não vai avançar, está voltando pra trás..., mas o dinheiro dela é bom né, é importante! Eu acho isso muita discriminação... (Vera, 62 anos)

Uhuh (Pesquisadora, 24 anos)

Pra mulher é muito difícil almejar um cargo desses, eles preferem um homem... não tem filho, não tem útero, não tem mama né... (Vera, 62 anos)

Não tem nada né... não pode ser mulher (Pesquisadora, 24 anos)

Não pode ser mulher, isso aí! Então são coisas que você nota que o cerco está se fechando, diminuindo... a gente não pode deixar isso continuar, tem que botar a boca no trombone e gritar, lutar pra gente poder ter as coisas, pra sermos ouvidas, alguém ouvir a gente e falar “isso está errado”. Chegar lá sem ser corrompida “ah, te dou tanto pra você me deixar fazer... eu faço isso e você não vê”, tem muita coisa errada. (Vera, 62 anos)

Muita coisa errada que vai tomando a gente, e aí no caso da sua filha por exemplo vão dizer “ah, não está no cargo tal porque não estudou...” (Pesquisadora, 24 anos)

Ela estudou tanto, tadinha! Noite e dia, tinha dia que dava pena..., mas ela falava “mãe, eu não vou desistir... vou fazer perícia”, eu disse “filha, você que sabe”, ela falou “não vou desistir, é meu sonho”, eu não tive sonho meu sonho maior era criar eles, então se ela tem um sonho e um ideal, corre atrás... eu não deixo eles desistirem não, é difícil, mas eu não posso desanimar, não posso! Tenho que manter o sonho dela de pé, pra ela ser mais digna, trabalha igual uma condenada, acho que se você tem seu sonho tem que correr atrás. E a pessoa que gosta de estudar só tenho que apoiá-la, mas nada... eu não sei ajudar nem minha neta de 3 anos, não sei ensinar dever, de primeiro era o “*bê-á-bá*”, fazia um desenho e a criança já adivinhava. Agora começou, crianças de 5-6 anos fazendo dever de faculdade. (Vera, 62 anos)

Ouvi muitas músicas ao longo do processo de reflexão, escrita e formatação desta pesquisa. Muitas delas serviram para ampliar a minha percepção sobre o tema, já outras trouxeram a distração, me arrastando para lugares distantes da burocracia da ABNT, o que talvez explique os erros e as repetições encontradas ao longo do trabalho. Mas fato é que a música, além de me deixar relaxada, permite que eu me concentre mais rápido nas atividades que preciso concluir, acredito que a musicalidade tenha facilitado o meu processo de escrita.

Bom, entre uma música e outra, acabei esbarrando em uma que ainda não conhecia, uma canção do Emicida, que para variar trouxe algumas provocações. Coincidência ou não, a música traz um pouco da temática que me propus a discutir neste capítulo, que aborda as trajetórias de nossas mães, tias, avós e conhecidas, que atropeladas pela sobrecarga, os sacrifícios e entregas intermináveis refletem as diferenças geracionais discutidas ao longo do texto. Voltando no Emicida⁵⁷, gostaria de compartilhar esse achado que faz tanto sentido neste momento da discussão, o nome da música é “Trevo, Figuiinha e Suor Na Camisa⁵⁸”, uma composição de Leandro Roque de Oliveira (vulgo Emicida) e Vinicius Leonard Moreira⁵⁹, com a participação de Ivete Sangalo⁶⁰.

Eu sou o sonho dos meus pais/ Que eram sonhos dos avós/ Que eram sonhos dos meus ancestrais/ Vitória é sonho dos olhares/ Que nos aguardam nos lares/ Crendo que na volta somos mais. (EMICIDA, 2020)

A letra traz o jogo geracional como uma questão interessante e intrigante, se a aplicarmos na dinâmica de famílias pretas. Quando Vera, em seu relato, afirma que não pode sonhar, e que criar os filhos se tornou um compromisso e uma realização, ela confirma esse trecho extraído da canção do Emicida - “Eu não deixo eles desistirem não, é difícil, mas eu não posso desanimar, não posso!” E é claro, o preço que Vera se dispõe a pagar para que os filhos rompam com as barreiras impostas pela estrutura racista, que reflete diretamente na desigualdade social e na falta de oportunidades, é muito alto. Há um desejo latente em romper com essa configuração, idealizando para os filhos uma realidade menos limitante, como se transferisse de alguma maneira suas expectativas, e não diria que em um tom narcísico.

“É o primeiro diploma/ A viagem/ A nova porta que se abre/ Da janela do carro o vento diz/ Esteja atento aos milagres” (EMICIDA, 2020). Há nesse momento uma formação pactual entre mães e filhos/as, um pacto familiar, que se reflete também nas demais entrevistadas que relataram os enfrentamentos ao racismo, a partir da formação de sonhos e idealizações, exprimindo uma necessidade e urgência em desocupar o lugar da invisibilidade e da impossibilidade. Perceba, não estou falando em grandes aquisições materiais, nem mesmo dos holofotes da fama, mas da sensação, ainda que mínima, de ser respeitada e reconhecida,

⁵⁷ Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, é rapper e compositor brasileiro.

⁵⁸ “Trevo, Figuiinha e Suor na Camisa”. Produção: Nave. Intérprete: Emicida, Ivete Sangalo. Roteiro: Emicida, Vinicius Leonard Moreira. [S. l.]: Laboratório Fantasma, 2020. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=dv9IJJ4M4k&feature=share>. Acesso em: 11 fev. 2022.

⁵⁹ Vinicius Leonard Moreira é um produtor musical brasileiro, mais conhecido como “Nave Beatz”.

⁶⁰ Ivete Maria Dias de Sangalo é uma cantora, compositora, apresentadora e empresária brasileira.

desviando das mazelas do Estado e almejando a possibilidade de viver sem que sejam assombradas pelo pressentimento de que as coisas estão ruindo.

4.1 Cabelo político - “quando a gente tá falando de cabelo, tá falando de vida”

O cabelo está presente em toda a estrutura da pesquisa, ele é o fio condutor dessa discussão e apresentá-lo de maneira fragmentada foi um recurso que utilizei para que ele permanecesse no processo de construção do texto como um personagem em movimento e constante transformação.

A primeira face apresentada foi a que nomeio como cabelo “desautorizado”, um cabelo que representa nosso primeiro contato com a raiz crespa, mas em um momento em que a dinâmica racista complexifica de maneira intensa as percepções sobre si, tornando qualquer aproximação com esse cabelo, uma relação conturbada. O cabelo, que em alguns casos ainda sustenta uma ideia de “origem”, ou seja, raízes que ainda não tiveram contato com produtos químicos alisantes e/ou permanentes-afro, sofrem com a censura imposta por uma estética que não comporta esse tipo de raiz, a crespa.

A segunda face é a do cabelo “autorizado”, ou seja, ele cumpre minimamente os critérios impostos pela padronização estética da sociedade brasileira. É um novo cabelo que causa a sensação de distanciamento do sentimento gerado na censura do “desautorizado”, mas que ao mesmo tempo, devido ao excesso de modificações, causa nas mulheres negras um estranhamento em relação ao fio e a raiz. Um cabelo que aparentemente não é liso, mas também não está crespo, parece ter sobreposto à textura crespa, mas tem “prazo de validade” - não pode molhar, não pode passar qualquer produto, é um cabelo que com o tempo e os excessos de camuflagem acabam se tornando frágeis. São cabelos manipuláveis e temporários, estarão sempre assumindo novos formatos com o passar do tempo, até que por um descuido, em algum momento resolvem cair, ocasionando o corte químico. E talvez seja esse o gatilho necessário para que se inicie o processo de transição capilar, um retorno à raiz desautorizada e censurada na infância. Esse resgate propicia um novo tipo de relação com o próprio corpo preto, que não era notado a partir de uma ótica racializada em um momento anterior.

E esse movimento dá lugar ao cabelo político. Que não é apenas raiz, ele é corpo, símbolo e resistência. É o cabelo que assume novas formas de expressão, mas que afirma a negritude em função de sua transformação.

O cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanos/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou black e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação à “raça”, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo - pergunte a Angela Davis! (KILOMBA, 2019, p.127)

Escrever sobre cabelo crespo é, também, evocar a importância do movimento negro no Brasil nos anos 60 e 70, como o trampolim necessário para que no atual cenário pudéssemos ostentar a negritude e as raízes crespas que remetem à nossa ancestralidade, como símbolos de resistência e poder.

De acordo com Naked (2012), a união entre os povos negros foi corporificada através dos movimentos culturais, que repercutiram pelo mundo. *O Black is Beautiful*⁶¹ foi iniciado nos Estados Unidos da América na década de 1960, por ativistas afro-americanos. Traduzido para o português “negro é lindo”, no Brasil o movimento teve continuidade com o ator e cantor brasileiro Tony Tornado⁶² juntamente com outros artistas e ativistas negros que, compreendendo a magnitude e potência revolucionária do movimento, levantaram pautas antirracistas, expondo seus cabelos crespos e volumosos como símbolo de resistência e luta política.

O movimento estava atrelado a outras manifestações culturais, como o Black Rio⁶³, Soul Music, o funk, e o próprio movimento Black Power, que somando ritmo, negritude e luta, levantaram uma onda política e antirracista que atingiu não só os Estados Unidos da América, mas também o Brasil e outros países do “Atlântico Negro” (NACKED, 2012).

Influenciados politicamente pela volta de Abdias do Nascimento dos Estados Unidos e de artistas que trouxeram vivências e sonoridades americanas para os palcos e os discos nacionais, esses jovens negros brasileiros empreenderam um esforço de

⁶¹ É no seio desse misto de radicalidade e sensibilidade diante da questão racial que o Movimento de Consciência Negra cria estratégias de valorização do negro. Além do discurso de conscientização política, manifestações estéticas negras são ressaltadas. Constrói-se o slogan “negro é lindo”, que tem repercussões internacionais. (GOMES, 2019, p.212)

⁶² Tony Tornado, em 1965, foi arriscar a sorte como imigrante clandestino nos Estados Unidos. Lá, além de conhecer o racismo e o menosprezo dos brancos, conviveu com contestações políticas e sociais de negros engajados na luta por direitos civis. Fez contato com o revolucionário Panteras Negras e ouviu de perto as propostas do Black Power, movimento que reivindicava para os afro-americanos o controle de instituições políticas e econômicas. (NACKED, 2012, p.3)

⁶³ O Rio de Janeiro vivia a gênese dos bailes black, imensas aglomerações populares em torno da soul music, do funk e do orgulho negro. (NACKED, 2012, p.4)

apropriação das questões políticas e sociais dos negros norte-americanos e em diálogo com uma África. (NACKED, 2012, p.3)

Outro movimento imprescindível para o processo de ressignificação da estética preta foi a religião ou movimento Rastafari, sendo uma importante manifestação da valorização da negritude e da ancestralidade africana, originado na Jamaica, tendo como um dos principais seguidores o cantor e compositor Robert Nesta Marley, conhecido popularmente como Bob Marley. O movimento consistia na crença de uma antiga profecia de Marcus Garvey que dizia que um Deus negro seria erguido e libertaria os jamaicanos da miséria os guiando até o continente africano. Os rastafaris rendiam adorações ao ex imperador da Etiópia, Haile Selassie⁶⁴, que posteriormente ficou conhecido como Rás Tafari - "Príncipe Tafari", sendo então consagrado o Messias do movimento rastafari da Jamaica. Os adeptos da religião acreditavam que Selassie era o Deus negro da profecia de Garvey, e que ele libertaria o povo jamaicano.

No entanto, com o passar do tempo e principalmente após a morte de Haile, a religião passou a ser compreendida como um estilo de vida que visava um retorno espiritual, através da adoção de práticas como o consumo ritualístico de psicoativos com a finalidade de promover a limpeza corporal e espiritual e o reggae. GOMES (2019, p.210) ressalta que “o mesmo apelo à naturalidade e a originalidade africana ocorreu com o aparecimento do estilo *rastafari*, que, de forma semelhante ao estilo ‘afro’ nos EUA, participou de um movimento que redirecionou a consciência negra no Caribe”.

Apesar de não ser o precursor do movimento, Bob Marley tornou-se um influenciador e uma das figuras mais representativas do rastafari, à medida que seus *dreads*⁶⁵ e canções foram ganhando adeptos dentro e fora da Jamaica, sendo o estilo adotado uma representação da conexão com o continente africano e uma afirmação da negritude como estética poderosa. Importante reforçar que os dreads já eram estilos de cabelo utilizados no continente africano desde a antiguidade, obtendo amplos significados a depender da tribo e/ou região. “Da mesma maneira que o ‘afro’, o estilo de cabelo dreadlocks faz uma ligação simbólica com a África, por meio de uma interpretação de uma narrativa bíblica que identificou a Etiópia como ‘Zion’ ou Terra prometida” (GOMES, 2019, p.216).

Homens e mulheres negras de diversas partes do mundo a constroem de formas variadas, embora tragam consigo algo que os une: um pertencimento racial, oriundo

⁶⁴ Haile Selassie foi imperador no período (1930-1974).

⁶⁵ Na Jamaica os dreads ficaram conhecidos como estilo Natty Dreadlock, nome que mais tarde foi dado ao álbum de Bob Marley na década de 70. Os adeptos acreditavam que a força estava nos cabelos, por isso o deixavam crescer ao natural.

de uma mesma ancestralidade africana, cuja maneira de lidar com o cabelo é uma forte expressão da cultura. (GOMES, 2019, p.208)

Gomes (2019, p.209) aponta que “os diferentes estilos de cabelo não se restringem ao espaço dos salões de beleza, nem das revistas de moda. Eles também fizeram parte dos movimentos internacionais e nacionais de afirmação política dos negros a partir da década de 1960”. Para além de um novo estilo de corte, de vestimenta e ritmo, se apresentava nesse momento um levante negro em prol da valorização da estética preta. “[...] Ao atribuir ao cabelo crespo o lugar da beleza, representava simbolicamente a retirada do negro do lugar da inferioridade racial colocado pelo racismo” (GOMES, 2019, p.210). Essa movimentação ocorre em uma época crítica no Brasil e no mundo, em meados da década de 60, período que compreende a ditadura militar, um momento extremamente complicado para qualquer manifestação que contrariasse o regime militar imposto.

Meu cabelo pra mim representa tudo, é uma história contada! É um povo que foi escondido né, e era isso... eu escondia o meu cabelo! E hoje ele tá se levantando, literalmente! Eu acho que é algo que eu só tenho dimensão agora, esse lance do cabelo. (Maiara, 26 anos)

Gomes (2019) afirma que era necessário um fortalecimento identitário que promovesse a valorização da cor preta e dos traços negroides, com o intuito de que a concepção deturpada acerca do corpo preto fosse, de fato, ressignificada.

Esse movimento de estetização negra se propaga e atinge negros e negras de vários países, inclusive, do Brasil. Constrói-se uma concepção estética revolucionária e, nesse momento, o conceito de “beleza negra” se expande, tornando-se, posteriormente, nome de revistas, de eventos e de blocos afros⁶⁶. (GOMES, 2019, p.213)

Ele tá assim, ele faz todos os formatos... se eu puxar assim oh... ele dá uma ficada, se eu puxar pra cá ele dá uma ficada... aí quando eu vou ver, ele tá uma loucura. Mas é isso né, identidade! Eu faço questão, eu fiz questão durante a campanha toda de aparecer com o cabelo black né! Porque eu costumo dizer que é o meu cabelo político e porque ele simboliza, ele traz muita coisa. Eu adoro trocar de cabelo, sabe! Eu adoro botar uma trança, se precisar alisar hoje eu faço um entrelace ou alguma coisa assim né, com extensão de cabelo. Mas esse cabelo aqui, pra... se você me ver em algum momento com esse cabelo, você pode ter certeza que é um momento muito importante! É muito político! Eu vou tá sempre com ele! (Maiara, 26 anos)

“Na diáspora, a simbologia do cabelo do negro não se perdeu totalmente, porém assumiu, novos sentidos, e um deles é o político” (GOMES, 2019, p.217). Ao descrever a escolha do cabelo black como uma das marcas de sua campanha, ela revela a amplitude que o cabelo crespo e a negritude têm ganhado com as manifestações políticas, ideológicas e culturais da comunidade negra como foi o movimento recente *Black Lives Matters* nos EUA e o Vidas Negras Importam no Brasil, que foram movimentos motivados pelo genocídio negro,

⁶⁶ Um dos mais famosos é o bloco Ilê Aiyê, que foi fundado em 1974 em Salvador/Bahia.

mas também pela reafirmação da negritude enquanto potência, não se tratando de um apelo pela sobrevivência, mas pela vida em sua integridade.

A construção histórica do racismo impõe, além de uma dominação econômica e cultural ocidental, uma estética branca. Para as mulheres negras o cabelo afro pode ser tanto um estilo ou posição política. Exibir um cabelo natural, com suas variações e texturas, é uma forma de confrontar esse modelo imposto e provocar conflitos que muitas vezes repercute em atos de discriminação racial. O cabelo negro visto como “ruim” e “sujo” é uma expressão do racismo. (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.9)

A Marcha do Orgulho Crespo também tem sido uma corrente extremamente importante para discutir e criar novas concepções a acerca da estética preta, tendo o cabelo como objeto-símbolo dessa negritude que é constantemente atacada pelo racismo estrutural. Empoderando diariamente meninas e mulheres que, com a grandeza do movimento, têm sido impactadas e motivadas a assumir suas raízes, assim como tem aprendido a cuidar de maneira mais adequada de seus cabelos, compreendendo a complexidade dos seus fios e a carência de cada tipo de cabelo.

Pequeno (2019) discute sobre a importância dos movimentos culturais e políticos promovidos pela comunidade negra, destacando a “ambivalência” como um dos pontos principais desses movimentos. Essa ambivalência se faz presente quando pensamos o que é o cabelo político, que não necessariamente é o cabelo que expõe a raiz crespa, mas o cabelo que está imbuído em uma perspectiva da liberdade, ou seja, a utilização de tecnologias capilares também pode expressar o teor do político, à medida que o cabelo ocupa um status estético que não é atropelado por moldes de uma padronização que ofusca a negritude.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico, ele apresenta características como visibilidade, crescimento, diferentes cores e texturas, possibilitando técnicas diversas de manipulação sem necessariamente estar subordinado ao uso de tecnologias sofisticadas. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como ícone identitário. (GOMES, 2019, p.254)

Gomes (2019) enfatiza que a relação com a negritude, sobretudo a estabelecida com o cabelo, vai se construir de acordo com as variações sociais: classe, trajetória, aproximação cultural e afins. Segundo a autora, são pontos determinantes para pensar não só o processo de tornar-se negra, mas também compreender como se dará o processo de descoberta de textura capilar. É necessário pontuar que falar de cabelo implica observar a experiência corpórea de pessoas negras, que em um primeiro momento é associada pela via da negação que transforma a formação subjetiva em uma vivência complexa, e por vezes traumáticas.

Para além do princípio universal de apreensão do mundo, de conhecimento do objeto mediante os sentidos, temos presenciado que no decorrer do processo histórico, a partir do século XV, construiu-se um padrão hegemônico de beleza e proporcionalidade baseado na Europa colonial. A partir de então, quando aplicamos o conceito de beleza ao corpo, passamos por um processo muitas vezes rígido de

classificação e hierarquização, e a aparência física passa a carregar significados ligados a atributos negativos ou positivos. (GOMES, 2019, p.255)

Sustentar o processo de transição pode ser difícil para determinadas pessoas, pois além de ser um momento de descoberta, é um período em que as emoções se abalam com mais facilidade propiciando crises em relação à autoestima. Caroline (24 anos) traz em sua fala o relato de uma amiga que já iniciou o processo de transição inúmeras vezes, mas acaba cedendo à pressão social que impulsiona a recorrer a procedimentos químicos para “facilitar” o manejo. Ela inclusive pontua que já disse para a amiga que enquanto não houver um encontro dela com a negritude, qualquer processo de transição será interrompido e esvaziado de sentido. A colocação de Caroline (24 anos) nos impulsiona a pensar em como o cabelo se transforma em potência à medida em que compreendemos a história dele, a “maneira como pensam o cabelo e expressam os seus sentimentos em relação a ele é um dado importante para a compreensão da forma como essas pessoas se reconhecem como negras ou não” (GOMES, 2019, p.252).

A minha irmã nem tem cabelo crespo, é um cabelo super liso, as minhas primas fizeram transição, são três, elas estão com 19/20 anos..., mas elas ficam mais trançadas mesmo. Tem uma prima minha de 50 anos que fez também, mas assim é isso... o pessoal acha que é modinha, eu não gosto muito dessa ideia, pra mim nunca foi moda, é simplesmente o que eu sou. E assim, andar em Friburgo, principalmente quando eu tinha cabelo colorido, um black rosa, um black azul... e tal, era sempre um estardalhaço como se nunca tivesse visto uma pessoa preta no mundo, uma pessoa preta colorida. Mas é isso, eu acho que a questão do cabelo pra mim é o mínimo, foi tranquilo perto das demais questões que vivi relacionadas ao racismo em Friburgo. (Alice, 25 anos)

Alice (25 anos), ao descrever a experiência de transitar por Nova Friburgo com o cabelo crespo e colorido, percebendo de maneira nítida a rejeição nos olhares da população friburguense, ressalta que o cabelo era uma questão mínima para ela, se considerar as questões racistas que a atravessam na dinâmica da cidade. Apesar de não ser o único elemento que aponta o racismo e a negritude como conceitos relativos à pessoa negra, ele é um símbolo importante para pensar tais processos.

4.2 A cor da mulher simples

Do fundo do poço do seu anonimato - nas favelas, na periferia, nas prisões, nos manicômios, na prostituição, na “cozinha da madame”, nas frentes de trabalho nordestinas -, talvez nunca tenham ouvido falar de direito de cidadania, mas têm consciência do que significa ser mulher, negra e pobre, ou seja, viver acuada, à espreita do próximo golpe a ser recebido, vigiando-se e “saindo de cena” para não ser mais ferida do que já é quando se trata de diferentes agentes da exploração, da

opressão e também da repressão. Significa se jogar inteira no desenvolvimento das chamadas “estratégias de sobrevivência”, dia após dia, hora após hora, sem deixar, no entanto, de apostar na vida. (GONZALES, 2020, p.111)

Vai descer, motorista!

Raiou o dia, o sol aparecendo timidamente, o transporte coletivo carregando mais do que sua capacidade suporta, os cochichos e bocejos tomam conta do ambiente se espalhando da roleta até o *fundão*, e lá estão elas. O ônibus é sempre o mesmo, passa religiosamente dez minutos após o horário determinado e geralmente carregando mais pessoas do que deveria; a sensação de sufocamento já nas primeiras horas do dia, é frequente. E lá estão elas, pessoas que nomeio aqui, como *as faladeiras*.

Os transportes coletivos têm sido espaços extremamente potentes para pensarmos a construção de redes de afeto, trocas de experiências, denúncias e afins. Nova Friburgo é uma cidade com aproximadamente 200 mil habitantes e possui uma única empresa que fornece o transporte no perímetro urbano, o que nos leva a considerar que os ônibus e rodoviárias se tornaram os pontos de encontro entre os moradores da camada popular do município.

“*Não cabe mais ninguém, motorista!*” - Grita uma legião de mulheres que estão sempre de cochicho, formando rapidamente um coletivo, que de maneira exaltada profere xingamentos ao motorista, que insistentemente para em todos os pontos levando o ônibus à superlotação, agravando o atraso e irritando as faladeiras. É possível ouvir de tudo, desde reclamações até as fofocas que sempre acompanhadas de uma risada escandalosa dão ao ambiente um tom descontraído logo de manhã. A solidariedade vai desde o grito com o motorista para que espere a colega que se enrolou e está prestes a perder o ônibus, até o ombro amigo que se estende quando o dia, que já não costuma ser fácil, foi ainda pior.

Outros corpos. Territórios. Lugares. Cidade. É nesse encontro de quem mesmo dentro do itinerário do ônibus cotidiano pode despertar sobre um olhar errante em ônibus e mapear sobre o que experiencia com o corpo sobre a cidade. É com a prática desse olhar atento, errante em ônibus que se rompe a estrutura corpórea, que se pode reconhecer a rede complexa entre corpos que se diferenciam e assemelham naquele lugar do agora. (SANTOS, 2020, p.70)

As mulheres da diáspora costumam compor esses grupos, na realidade, formam a maioria. São as costureiras, as manicures, as faxineiras, as professoras, dentre muitas outras profissões, são as *mulheres simples* como definiu uma das entrevistadas ao mencionar as mulheres que são uma maioria na cidade, mas ao mesmo tempo são impedidas de ocupar e desfrutar de alguns espaços. Como neta, filha e sobrinha de mulheres *simples* afirmo que as limitações quanto aos lugares que se pode ou não ocupar correspondem ao racismo enraizado que transforma o preconceito em orientações ditadas dentro da própria comunidade negra.

“A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto”. (RIBEIRO, 2017, p.43). Quando citamos as mulheres “simples”, abarcamos não somente o significado do “ser mulher” em uma sociedade diretamente atravessada pelo patriarcado, mas também uma série de outros elementos sociais que provocam marcas na trajetória dessas mulheres.

[...] Em virtude dos mecanismos da discriminação racial, a trabalhadora negra trabalha mais e ganha menos que a trabalhadora branca, que, por sua vez, também é discriminada enquanto mulher. Vimos que 87% das trabalhadoras negras exercem ocupações manuais, justamente nos setores ou subsetores de menor prestígio e pior remuneração; e que 60% dessas trabalhadoras não têm carteira assinada. Por essas e outras é que a mulher negra permanece como o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre uma tripla discriminação (social, racial e sexual). (GONZALEZ, 2020, p. 217)

A grande maioria das mulheres categorizadas como “simples”, é negra, pertencente às camadas populares, inserida em postos de trabalho que não oferecem condições dignas e adequadas. É válido ressaltar que costumam ser as mesmas mulheres que, cotidianamente, são humilhadas e preteridas em espaços sociais. Também são as pessoas vinculadas, através do imaginário social que tem sua raiz racista, ao lugar de cuidado e servidão, sendo "destinadas" a cumprir funções laborais ligadas à subalternidade.

Na narrativa anterior, fiz menção aos começos diários vivenciados pelas faladeiras, mulheres que têm dinâmicas associadas à “vida simples”. Trabalho, cuidado da casa, cuidado dos filhos, precarizações (transporte coletivo, baixa remuneração, falta de assistência social e da saúde). Apesar das faladeiras tentarem diariamente reivindicar seus direitos ainda pela manhã, ao começar suas jornadas de trabalho, muitas delas desconhecem de fato seus direitos e sequer dimensionam as lógicas opressoras e limitantes a que estão condicionadas.

Collins (2019, p.136) destaca que “imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana”. Essas vivências, por vezes, servem de roteiros para esquetes cômicas, que em muitos casos banalizam o cotidiano complexo do “ser mulher e simples”, naturalizando as sequelas provocadas pelo sistema colonial, o período escravocrata e conseqüentemente, as desigualdades sociais enfrentadas no Brasil.

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. [...] O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações "refúgio" em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc. (GONZALEZ, 2020, p. 46)

O movimento que mantém mulheres negras em posições estratégicas de invisibilidade corresponde a uma prática antiga do sistema colonial e cumpre, na atualidade, uma maneira de garantir que determinados grupos sigam usufruindo dos privilégios de classe. Uma vez instaurado o sentimento de inferioridade entre a população negra, torna-se muito mais prática a manutenção dessas mulheres em lugares onde o reconhecimento não chega, apesar de serem peças importantes em movimentos sociais, como o feminismo, tem seus créditos retirados, e em geral, não reivindicados. “Há um desencorajamento social (que está no cerne do estranhamento social)” (SANTOS, 2016, p.45). A mulher negra aprende desde a infância que algumas esferas sociais não são compatíveis com a sua cor, seu corpo, seu cabelo e a sua origem, que de maneira gritante expressam a diáspora africana. Reforçando a premissa de que em uma sociedade embranquecida, nascer negro significa calcular cada passo e colocar-se em seu “devido lugar”, a fim de que, mesmo de maneira precária, possa sobreviver. “Percebe-se que através de suas funções/finalidade para a vida social dos indivíduos, houve uma dinâmica histórica de manutenção de estagnação da mobilidade social da mulher negra na base da pirâmide social que foi se atualizando” (SANTOS, 2016, p.39).

Aquele papo do "exige-se boa aparência", dos anúncios de empregos, a gente pode traduzir por: "negra não serve". Secretária, recepcionista de grandes empresas, balconista de boutique elegante, comissária de bordo etc. e tal são profissões que exigem contato com o tal do público "exigente" (leia-se: racista). Afinal de contas, para a cabeça desse "público", a trabalhadora negra tem que ficar "no seu lugar": ocultada, invisível, "na cozinha". Como considera que a negra é incapaz, inferior, não pode aceitar que ela exerça profissões “mais elevadas”, “mais dignas” (ou seja: profissões para as quais só as mulheres brancas são capazes). (GONZALEZ, 2020, p. 218)

E trabalhei ali por um longo tempo, tive várias reflexões lá dentro porque a gente lida com muitas pessoas né, e principalmente por ser uma butique feminina né, as mulheres majoritariamente que consumiam ali eram mulheres brancas com um poder aquisitivo mais alto. A gente também fazia questão de fazer atendimento para as mulheres mais simples né, para mulheres pretas... atendi muita faxineira, atendi muita costureira, atendi muita gente assim, muitas mulheres assim. Porque a gente fazia questão né, que elas também tivessem ali o direito né de usar as marcas, as grifes e ter uma proteção, ter um atendimento personalizado! Mas eu entendia também que tipo, pensando em estrutura, é... a maior parte das mulheres que são “chão de fábrica” não conseguiam alcançar aquele lugar. Primeiro por conta do valor né... das peças, por ser grife... por ser exclusividade, isso já era um diferencial na qualidade também da peça, mas principalmente e era algo que me chamava muita atenção e por ser um espaço de estética muito bonito, muito bem pensado, muito planejado... as vezes não existia nem a consulta do preço, elas se sentiam... não sentiam que aquele espaço pertencia a elas né, então às vezes lá a gente tinha umas promoções maneiras ou tinha uma peça com um preço aí, muito maneiro que elas... às vezes a gente falava assim na porta da loja ou então chegava aos ouvidos delas e elas ficavam surpresas, porque elas tinham condição de comprar mas por conta da estética do espaço, elas não se sentiam pertencendo àquilo, né. (Maiara, 26 anos)

A “mulher simples” ou a ideia por trás desse conceito dá margem para que identidades sejam vinculadas a vivências limitantes, permitindo, também, que a sociedade se dirija às mulheres pretas como “objetos” a serem explorados, como sinaliza Collins (2019, p.138) “a dominação sempre envolve tentativas de objetificar o grupo subordinado”. A autora (Collins, 2019) segue pontuando que a propagação da mulher negra como o *Outro*, fato que ela observava como realidade das mulheres afro-americanas, era fruto de uma construção que não considerava as mulheres como sujeit(a)s desejantes e portadoras de subjetividades, o que só evidencia os atravessamentos interseccionais que embasam esse imaginário. “Racismo e sexismo combinados criam barreiras nocivas entre mulheres” (hooks, 2020, p.94).

E quando começa o seu contato com a costura ou você fez outras coisas antes?
(Pesquisadora, 24 anos)

Não, já fiz várias coisas... como eu disse eu fui criada sem mãe, e quando você é criada sem mãe você tem que... pra sobreviver você tem que fazer muita coisa. Fui muito babá, tomei conta dos filhos dos outros, trabalhei muito na casa dos outros, trabalhei muito em casa de família, até que um dia eu resolvi que ia mudar. Como em Friburgo todo mundo era costureira e tudo, eu achava até uma coisa muito bonita e é uma coisa até que eu gosto, até hoje eu acho muito bonito e eu decidi ser costureira, só que eu não sabia costurar. (Celma, 55 anos)

Pra eu conseguir serviço eu tinha que falar que sabia, só que eu não sabia nem mesmo onde ligar a máquina e nem o nome das máquinas. Aí quando eu chegava no local pra pedir serviço, aí as pessoas perguntavam “você trabalha em qual máquina?” e como eu não sabia o nome de nenhuma, eu falava todas... eles me botavam pra fazer o teste e eu não sabia nem onde ligar, mas a cada hora que fazia o teste em uma eu já aprendia onde ligava, onde quebrava agulha e tudo. Algumas pessoas viravam pra mim e falavam... às vezes tinha uma placa na época... era muita placa, porque não tinha celular e nem nada, né. Aí tinham placas “precisa-se de costureiras”, e como eu era tão ruim, mas tão ruim que eu não sabia nada... as pessoas falavam assim “agora no momento não estamos precisando, mas assim que a gente estiver precisando a gente entra em contato com você” com aquela placa enorme na frente. Mas a cada não eu que recebia aprendia uma coisinha e seguia em frente, mas a cada uma que eu ia e recebia um não aprendia e hoje em dia eu sou uma costureira, que eu me acho assim, é claro que eu tenho muito que aprender ainda, mas eu me considero uma boa costureira. (Celma, 55 anos)

Pensar a condição de mulheres compreendidas como *simples* implica incluir o mercado de trabalho e as possibilidades ofertadas para esse público, sem desconsiderar o fato de que os rastros da colonização fortalecem a oferta de lugares de subordinação para essas pessoas. Celma (55 anos), em sua fala, menciona o setor têxtil como uma área que trouxe ganhos significativos no que diz respeito à vida profissional, apesar de pontuar que em muitos momentos não obteve o reconhecimento desejado no ambiente de trabalho, sendo um complicador que reflete diretamente nos baixos salários. Importante frisar que a indústria têxtil tem sido um polo que há décadas tem proporcionado empregabilidade no município, mas ao descrever o percurso percorrido até se tornar uma costureira, a entrevistada destaca em sua narrativa as cobranças impostas às mulheres que desejam ingressar na referida profissão,

assim como os desafios propostos para se manter em um setor que movimenta a economia da cidade de maneira significativa.

No mais é relevante evidenciar que os espaços ocupados nos dias atuais tanto no mercado de trabalho, quanto nas relações afetivas estão diretamente ligados ao contexto histórico dessas mulheres, os vínculos trabalhistas ocupados por mulheres negras são majoritariamente os cargos de limpeza, a sua ocupação nas universidades é inferior as mulheres brancas, aos homens negros e brancos, apenas (10,4%) das mulheres negras concluem o ensino superior, ainda segundo o IBGE, as mulheres negras ganham (57%) do salário de um homem branco no Brasil. (CRUZ, 2021, p.58)

As mulheres negras sofrem de invisibilidade crônica, tendo seus corpos coisificados e esvaziados de sentido no âmbito social. São colocadas em extremos que com a mesma intensidade as desumanizam sendo, por vezes, “coisificadas” ocupando o lugar de objeto, e em alguns momentos são capturadas pelo discurso que hipersexualiza pessoas pretas a todo instante. Essas classificações as distanciam do estatuto de pessoas e lhes atribuem as inúmeras carapuças, as apontando como mulheres que “servem” para tudo e não podem ser nada. Gonzalez (2020, p.170) explica de maneira clara que existem lugares predispostos para mulheres negras e mulheres brancas na sociedade brasileira, e afirma que “[...] a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico”.

A natureza supostamente emocional e passional das mulheres negras é há muito utilizada para justificar sua exploração sexual. Da mesma forma, limitar o acesso das mulheres negras à educação e, depois, alegar que nos faltam fatos para julgar corretamente nos relega à parte inferior do binarismo fato/opinião. Negar a humanidade plena das mulheres negras, tratando-nos como o Outro objetificado em múltiplos binarismos, demonstra o poder que o pensamento binário, a diferença formada por oposições e a objetificação exercem nas opressões interseccionais. (COLLINS, 2019, p. 139)

Elas correspondem, historicamente, ao “setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira” (GONZALEZ, 2020, p.109), não à toa que desde o período escravocrata apresentam uma relevância significativa em relação ao trabalho manual/braçal. Como alguém pode ser tão necessário e tão descartável, concomitantemente? Collins (2019) aponta a questão do trabalho como analisador fundamental para pensar a constituição de mulheres *afro-americanas*, a autora defende a tese de que o trabalho, mais precisamente o doméstico, pode produzir sentidos ambíguos as mulheres negras que o executam, eles podem apontar a exploração, mas também a resistência, se considerarmos o trabalho não remunerado como atividade operacionalizado, em sua maioria, por elas.

O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo o qual, na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das “mulheres brancas instruídas”, chegavam em casa

e tinham o dinheiro tomado por “maridos ociosos”, bastante ofendidos porque não havia “comida pronta dentro de casa”. Então, a pensadora denuncia a infantilização da mulher negra: “Eu quero que você considere que sou uma criança de alguém e, eu tenho idade suficiente para ser mãe de todo mundo aqui”. (AKOTIRENE, 2020, p.26)

“[...] As mulheres negras veem o trabalho não remunerado prestado a suas famílias mais como forma de resistência à opressão que como forma de exploração pelos homens” (COLLINS, 2019, p. 101). Colocação fundamental para pensarmos as dificuldades enfrentadas por mulheres negras que passam a vida cuidando de outras famílias ao passo que as suas acabam ficando em segundo plano. Isso não só para mulheres que são empregadas domésticas, mas também para aquelas que precisam romper com o período do puerpério para retornar ao trabalho, deixando os filhos desde muito cedo sob os cuidados de outras pessoas.

Pessoas pretas, de modo geral, já presenciaram em algum momento da vida relatos sobre mães, tias e/ou avós que foram submetidas ao trabalho doméstico em “casas de família”, sendo esse um nome “gentil” para a escravidão moderna. Meninas, que ainda muito jovens eram submetidas a atividades que extrapolam o que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, hoje, definiria como trabalho escravo, além das humilhações sofridas e os abusos frequentes.

Significa não poder deixar suas crianças irem à escola porque, também elas, têm que ajudar nessa luta pela sobrevivência. Que se pense, aqui, nos casos de exploração do trabalho infantil em nosso país, tanto no campo quanto na cidade (em termos urbanos, por exemplo, que se pense nos pequenos vendedores, engraxates, lavadores de carro etc.). Certamente o futuro que aguarda aqueles que sobrevivem será, para os jovens negros, a revolta diante da falta de oportunidades que uma sociedade racista procura reforçar segundo os mais variados estereótipos (“negro é burro, incapaz intelectualmente, preguiçoso, irresponsável, cachaceiro” etc. etc.). Para as jovens negras, o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e a mais sofisticada dos dias atuais; a profissão de mulata. (GONZALEZ, 2020, p. 47)

Eu tive que sair porque tive que ir à luta, porque filha única né! Tinha que trabalhar pra ajudar, trabalhei muito... fui babá, só não tomei conta de idosos, mas trabalhei muito, ajudava em negócio de limpeza, tudo o que eu podia fazer, fazia! (Edna, 89 anos)

Carneiro (2020) aponta que o corpo feminino foi, por muito tempo, vinculado a determinados espaços de subordinação e servidão, onde as tarefas eram direcionadas exclusivamente às mulheres. Situando o período escravocrata como um dos períodos mais tenebrosos para a população negra, mas principalmente para as mulheres negras que eram submetidas a abusos e tinham como encargo servir “seus senhores” com seus corpos e habilidades, garantindo a sobrevivência dos filhos dos senhores, que é o caso das amas de leite, ao passo os seus eram arrancados de seu convívio ainda muito novos.

Pudemos assistir aquelas crianças brancas, que alimentamos, que fizemos adormecer em nossos braços confiantes, se tornarem feitores, comerciantes de carne humana,

torturadores de negros revoltados, estupradores de escravas. Mas essa experiência brutal nos fez aprender que tanto podemos educar as pessoas para discriminar e oprimir como para respeitar. (CARNEIRO, 2020, p.115)

A mulher negra é o esteio econômico e moral, é a matriarca que sustenta a sua família e ainda tem que dar conta das famílias, para as quais presta seus serviços. As matriarcas são mulheres que extrapolam seus limites corporais para garantir o sustento dos filhos e netos, denunciam em suas rotinas abusivas a precarização do trabalho, o sistema previdenciário brasileiro que, ao falhar em garantir uma segurança após anos de trabalho prestado, impulsiona homens e mulheres a seguirem no mercado de trabalho mesmo envolvidos por limitações físicas e a idade avançada. “[...] Poucas são as mulheres que atualmente não contribuem financeiramente para a sobrevivência da família” (MACHADO; BARROS, 2009, p.365). O trabalho doméstico, ainda hoje, é o disponível para as mulheres de cor, principalmente porque os dispositivos que mantêm os quadros de desigualdade social seguem sendo atualizados, perpetuando as desvantagens presentes no acesso à educação e impossibilitando que mulheres ocupem cargos de liderança e prestígio social.

O trabalho realizado por mulheres negras pobres se assemelha às tarefas há muito associadas ao serviço doméstico. No passado, o serviço doméstico era confinado às residências particulares. Hoje, ao contrário, os trabalhos ligados à cozinha, limpeza, enfermagem e cuidado de crianças viraram rotina e foram descentralizados em uma série de restaurantes de *fast-food*, serviços de limpeza, creches e outros do setor de serviços. As mulheres negras exercem trabalho semelhante, mas em ambiente diferente. O local pode ter mudado, mas o tipo de trabalho não. (COLLINS, 2019, p.126)

Piedade (2017, p.45) alega que “a faxina no Brasil tem cor. [...] Tem gênero. Tem raça. É preta”, a autora traz a realidade das mulheres do Brasil contemporâneo pensando-a partir do conceito de dororidade. Afirmar que a faxina tem cor significa dizer que mesmo após o fim do período escravocrata o corpo negro segue sendo associado os lugares subalternos que potencializam a ideia de que pessoas negras nasceram preparadas para ocupar essas esferas sociais. O relato, que trouxe ao longo do texto introdutório, sobre a experiência desagradável com um dos moradores do prédio onde morei no Rio de Janeiro, é um exemplo claro de que mulheres negras dificilmente estarão no espectro de vantagens que a branquitude tomou para si. Quando ele me olha e a primeira associação que ele faz é o trabalho doméstico, ele traz um dado que está posto socialmente, a certeza de que nós, negras, temos um lugar social, e qualquer desvio deste é acompanhado do estranhamento.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. (COLLINS, 2019, P.135)

4.2.1 “Quanto tá o preço da faxina?”

Igual você falou, o negro aqui acho que no Brasil todo né, se torna muito difícil achar um cargo melhor, pra você ter acesso a... como é que eu te digo?! A... a sociedade, eles olham pra você... você chega em um lugar e bobear eles te dão um avental, uma esponja pra você lavar a louça, não te dão oportunidade e você pode falar “ah, eu vim aqui pra estudar” ou pra querer ser uma chefe de cozinha, uma chefe de... ter uma responsabilidade maior, um cargo maior. Eu passei por vários empregos, mas todos eles como doméstica, não tive aquela progressão. Trabalhei em posto, em padaria, em supermercado, em bares e restaurantes, sei cozinhar, sei fazer de tudo um pouco, mas não consegui alavancar, meu patamar foi sempre esse ganhando meu pão de cada dia, só lutando e correndo atrás pra comer o pão, pra ter o pão de cada dia na mesa. (Vera, 62 anos)

No Brasil, mulheres negras, em sua grande maioria, ocupam os cargos de atividades laborais classificadas como subordinadas, ou seja, trabalhos que se configuram com o cumprimento de ordens e demandas por parte de seus superiores. São comuns e recorrentes os relatos de humilhação por partes de chefes e patrões que munidos do poder ofertado pela posição hierárquica atropelam as barreiras do bom senso e atacam suas funcionárias de maneira estratégica, encontrando nesse momento a opressão racial e de gênero como “armas” mobilizadoras.

Como Vera (62 anos) aponta, em momento algum são disponibilizados para mulheres negras cargos que não tenham uma ligação com o servilismo. Tornou-se tão “comum” a imagem da mulher negra servindo que até quando essas pessoas não estão notadamente nessas posições, são constrangidas com comentários que as colocam rapidamente nessa posição. Ao trazer os relatos de sua vivência enquanto empregada doméstica, Vera (62 anos) expõe os desafios propostos às mulheres negras de baixa escolaridade, apontando que a situação de vulnerabilidade propiciou e perpetuou o status de famílias negras no Brasil enquanto menos favorecidas, uma vez que, na luta pela sobrevivência muitas dessas mulheres iniciavam suas jornadas de trabalho ainda muito novas.

A gente passa certas humilhações na vida, sobre trabalho... de você ter a capacidade, querer almejar um cargo melhor, mas ao mesmo tempo a sua cor... o seu estudo não foi bom... eu não estudei nada, estudei até a quarta série, na verdade até a quinta, mas aí não conclui. Mas eu aprendi com o dia-a-dia a lutar, ver os melhores e aprender, passar nos lugares e observar as coisas, você vê que ali não é bom pra você e não ir, então isso eu aprendi com a vida, não foi ninguém que me ensinou... fui eu lutando e ensinei os meus filhos. E assim eu sigo (Vera, 62 anos)

A evasão escolar ainda nas séries iniciais, ocasionando a baixa escolaridade dessas mulheres também são fatores que impulsionam o quadro de desigualdade enfrentado pelas mulheres negras. E apesar de na atualidade em termos de políticas públicas que reforçam a

importância da permanência de crianças negras e de camadas populares em ambientes educacionais, ainda assim lidamos com os desafios em fazer com que elas se concretizem atingindo senão todos, pelo menos um quantitativo significativo. As entrevistadas pertencentes a faixa etária 50 + trouxeram relatos muito semelhantes sobre a adolescência e a inserção no mercado de trabalho, as narrativas repletas de desafios trazem uma expressão muito comum entre elas, a “casa de família”. O trabalho doméstico era o mais comum entre meninas e mulheres negras, a atividade era uma alternativa para as famílias que devido à dificuldade em prover o sustento, acabavam submetendo os filhos, ainda na infância, ao trabalho para contribuir na renda.

As meninas geralmente eram enviadas para as “casas de famílias”, elas iam para esses ambientes com a finalidade de “dar conta de tudo”, cuidavam dos filhos, eram responsáveis pelas refeições e manutenção das casas, além de estar constantemente à disposição dos patrões. Uma espécie de escravização moderna, essas meninas/mulheres ocupavam a casa, mas apesar de dividir esse espaço com seus patrões tinham de maneira muito clara a lógica da dinâmica. Tudo era bem demarcado, a fim de que cada um compreendesse o seu “lugar” naquele espaço. As refeições eram diferentes, em casos mais extremos até os talheres eram separados, não existia qualquer semelhança no que poderia ser desfrutado entre essas pessoas, além da remuneração baixíssima que fazia com que essas meninas estivessem cada vez mais submissas a essa posição degradante.

Aí você vai nos lugares, lugares chiques e você não vê um negro trabalhando, agora você vê no mercado, varrendo rua, fazendo faxina, as domésticas a maioria é negra! Mas por que? Porque a gente está deixando isso prevalecer, nós temos que lutar pra isso acabar! Porque eu chego no meu serviço e duvido que elas sabem botar um arroz no fogo... (Vera, 62 anos)

Gonzalez (2020) faz uma provocação acerca da presença de mulheres negras no mercado de trabalho, e reforça que há uma semelhança significativa nas tarefas desempenhadas se comparadas às mulheres negras escravizadas, como se determinadas atividades laborais seguissem destinadas ao mesmo grupo social, só que apresentadas com outra nomenclatura, e amparadas por leis trabalhistas. Gonzalez ressalta como o capitalismo, a conjuntura política e o aumento das disparidades sociais fortaleceram a permanência de pessoas negras em funções de baixo prestígio social.

[...] A força de trabalho feminina (que entrou pra valer no mercado de trabalho, conquistando novos espaços profissionais), a força de trabalho negro foi a maior vítima de todo esse processo. Sistemáticamente discriminada no mercado de trabalho, ela ficou confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração. (GONZALEZ, 2020, p.230)

As mulheres negras, ao decorrer de suas trajetórias, são cercadas pelo sentimento de insegurança, que é produzido socialmente e introjetado em suas vivências. São pessoas tomadas pela sensação de erro, como se as suas experiências e habilidades não fossem o suficiente, e é claro, de fato, na grande maioria dos casos não possuem uma validação social. A ideia de que a mulher negra tem que ser duas vezes melhor, provoca uma corrida enorme em busca da aceitação e aprovação, fazendo com que o corpo negro seja exposto há uma série de situações que ocasionam desgaste emocional e físico.

Os esforços dessas mulheres são constantemente desmerecidos, as impulsionando a desvalorizar suas próprias ações e buscar regularmente um feedback positivo nos espaços que circulam: trabalho, faculdade, entre os amigos etc. É muito comum observar comportamentos e falas depreciativas entre mulheres negras, que ao se julgarem como preteridas e invisibilizadas, expõem a dimensão subjetiva do racismo, que é o mecanismo mobilizador desses afetos.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre tem personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. (ALMEIDA, 2020, p.65)

“Quando as mulheres, em casa, dedicam todo o tempo a atender às necessidades dos outros, o lar é local de trabalho para ela, não é local de relaxamento, conforto e prazer” (hooks, 2020, p.84). Pensar o trabalho doméstico dentro deste contexto, torna ainda mais complexa a discussão, pois essa dinâmica faz com que muitas mulheres pretas e brancas cumpram longas jornadas de trabalho doméstico em casas que não lhe pertencem, sendo submetidas, em alguns casos, a situações degradantes de humilhação e exploração. Quando, em contrapartida, seus filhos e familiares convivem com a ausência frequente, muitas mulheres perdem momentos importantes de convivência familiar e em relação aos filhos e parceiros devido a rotina exaustiva de trabalho que além de consumir sua força de trabalho, captura também a vitalidade, promovendo adoecimento em função do trabalho e as distanciando progressivamente da posição de ócio.

Uma crescente divisão de classe separa as inúmeras mulheres pobres de suas companheiras privilegiadas. De fato, grande parte do poder de classe que grupos de mulheres de elite têm em nossa sociedade, principalmente aquelas que são ricas, é alcançado em detrimento da liberdade de outras mulheres. (hooks, 2020, p.87)

[...] Aprendi com minha própria experiência que trabalhar por salários baixos não libertava mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina (hooks, 2020,

p.81), muito pelo contrário, há um aumento expressivo em relação a sobrecarga das mulheres, principalmente, as negras, que em geral cumprem a função de mantenedoras da casa, sendo sua renda, a principal. A carga excessiva de trabalho externo, acrescido de outras estratégias de sobrevivência, como o trabalho extra, que se torna uma alternativa para equilibrar minimamente os gastos e ganhos, somado ao trabalho informal, não remunerado que acaba sendo atribuído às mulheres a partir de uma divisão machista e patriarcal que determina o que e quais funções correspondem ao corpo feminino, como se houvesse nesse corpo alguma facilidade ou predisposição para tal.

hooks (2020) inicia seu livro “O feminismo é para todo mundo - políticas arrebatadoras” dizendo que o “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (2020, p.17). Duarte (2019) acrescenta que o movimento provocou uma mudança significativa nas relações sociais, levantando a bandeira dos direitos das mulheres como pauta legítima e inquestionável. De maneira geral, compreende-se o feminismo como um movimento com e por mulheres visando a garantia de direitos e liberdades.

bell hooks⁶⁷ (2020) pontua que a sua definição apresentada sobre o que seria o feminismo não era conclusiva, e aponta para a importância de se compreender primeiro o que é o sexismo, conceito que segundo a autora é de extrema relevância para se pensar o movimento. Ela reitera que boa parte das pessoas acredita que o sexismo “[...] não é um problema, [...] pensa que o feminismo é sempre ou apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens” (2020, p.17). Ela segue afirmando que,

O feminismo sobre o qual mais ouvem falar é ilustrado por mulheres que são primordialmente engajadas em igualdade de gênero - salários iguais para funções iguais e, algumas vezes, mulheres e homens dividindo as responsabilidades do trabalho doméstico e de maternagem e paternagem. As pessoas que notam essas mulheres são, em geral, brancas e economicamente privilegiadas. Sabem, através da mídia de massa, que a libertação das mulheres tem foco em liberdade para abortar, para ser lésbica e para desafiar situações de estupro e violência doméstica. (hooks, 2020, p.18)

hooks (2020) sinaliza que não era possível impulsionar o pensamento feminista sem que antes houvesse o confronto com o pensamento sexista. Alinhada a este pensamento a autora destacava que também não seria possível a criação de uma rede empática e solidária

⁶⁷ O pseudônimo da autora é grafado em letras minúsculas por escolha da mesma, com a intenção de que a escrita sobressaia a autora. bell hooks - mulher negra, ativista e autora de obras que nos avassalam com a intensidade e nos capturam com a delicadeza, palavras que foram costuradas e que cumprem um acolhimento aconchegante, o conforto em ver nossas questões mais complexas sendo abordadas de maneira tão sutil e cuidadosa. Ler bell hooks é se sentir abraçada, infelizmente ela nos deixou no ano de 2021, somando mais uma perda em tempos tão difíceis, uma pessoa que nos auxiliou a discutir e refletir sobre nossas emoções, com suas reflexões estonteantes, nos deixou sem palavras ao partir. Obrigada por tanto!

entre as mulheres, se a competitividade fosse estimulada. Esse tipo de conduta retardava o fortalecimento da luta do movimento feminista, e promovia o enfraquecimento da sororidade entre elas. Cabe ressaltar que elementos importantes como classe e raça também começaram a ser inseridos no debate, no entanto, não com a urgência que deveriam.

Em consonância com a discussão levantada, Lélia Gonzalez (2020), em seu ensaio “Por um feminismo afro-latino-americano”, frisa que o movimento feminista trouxe juntamente com as reflexões, outras formas de “ser mulher”. No entanto “apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial” (GONZALEZ, 2020, p.140). A autora afirma que existe um esquecimento da questão racial nas produções textuais e nas práticas feministas.

[...] Tanto o sexismo como o racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista. (GONZALEZ, 2020, p.141)

hooks (2020) enfatiza que as mulheres negras dificilmente se tornariam protagonistas nos movimentos, até mesmo as que fossem mais atuantes não teriam tanta visibilidade. Ela complementa dizendo que em um momento anterior ao das discussões sobre raça na coletividade feminista, já era perceptível o distanciamento das mulheres negras do que se entendia enquanto igualdade desenhada na sociedade patriarcal, capitalista e branca. “O feminismo como estilo de vida introduziu a ideia de que poderiam haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes” (hooks, 2020, p.23)

Como pensar a mulher negra dentro desse contexto? É importante pontuar, em um primeiro momento, a forma como a imagem dessa figura é construída socialmente. Lélia Gonzalez (2020), alinhada ao pensamento lacaniano, na posição de mulher negra e feminista, afirma que:

[...] Nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história. (GONZALEZ, 2020, p.141)

Compreender quem é a mulher negra friburguense implica um exercício de olhar para as bases, para os bastidores, que geralmente são os ambientes onde essas pessoas estão localizadas no cenário histórico. Resgatar as vivências para construir um percurso que não busca aprofundar uma história sobre os registros de mulheres que passaram pelo município,

mas construir uma escrivência que possibilite que mulheres pretas atropeladas pelo viés racista e sexista que fez com que elas não tivessem um protagonismo na história da cidade, possam ser ouvidas pois falando elas já estão. Uma cartografia sobre as mulheres de hoje que carregam de maneira muito vívida as suas ancestrais, com costumes, dizeres, gostos e histórias.

Beatriz Nascimento, em seu texto sobre “A mulher negra e o amor” (2019), propõe uma discussão sobre o processo de violência que acomete a mulher negra que representa um desvio do padrão social. A opressão chega para essa mulher a partir da negação de sua autoestima, colocá-la em uma posição de inferioridade é uma estratégia que permite que esse corpo seja limitado a um lugar de subalternidade e despotencialização.

[...] Há uma forma específica de violência que constringe o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2019, p.303)

Ao falar de pessoas pretas, devemos ter o cuidado e o compromisso de enxergá-las como seres que infelizmente estão imersos em cenários complexos e permeados por produções subjetivas que distorcem realidades, criam estigmas e provocam sentimentos e sensações desconfortáveis a essas pessoas. O auto ódio é fruto de práticas racistas, e acompanham uma significativa parcela da população negra no Brasil. É importante destacar que diferente da baixa autoestima, o auto ódio provoca ataques aos traços negroides, fazendo com que esses indivíduos se odeiem e comecem a projetar o sentimento de inferioridade em seus pares e semelhantes. Os sentimentos e comportamentos variam, vão desde sentir vergonha dos genitores por serem negros até o evitar relações afetivas com pessoas negras.

Foi um processo, ainda está sendo..., mas hoje é algo mais forte, já não consigo me imaginar diferente, até me deixa nervosa alguém me chamar de morena. A conversa já acabou ali, porque foi doloroso, porque você não se reconhece, você mesma se destratando várias vezes. Não gostava dos meus lábios, por serem muito carnudos; do meu nariz por ser mais achatado; não gostava dos meus traços, nem da minha pele... eu não gostava de nada. (Thais, 24 anos)

A captura pela perspectiva do auto ódio pode ser pensada através de inúmeros aparatos coloniais que, com o passar do tempo, foram se aprimorando e se tornando cada vez mais sofisticados. Kabengele Munanga (2020), em sua obra “Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra”, discute sobre o processo de embranquecimento da população negra e indígena, apontando como a aderência dessa dita estratégia, uma perspectiva que foi adotada pela branquitude ainda no período colonial, ocasionou a falácia da democracia racial e a compreensão que a miscigenação fez com que o Brasil avançasse.

Pensando o processo de embranquecimento é possível falar em mestiçagem, que Carone e Bento (2014) definem de maneira literal. Segundo as autoras, o termo mestiço equivale ao mulo, resultado do cruzamento entre um animal híbrido e infértil com um cavalo/égua. Elas também destacam que o processo de mestiçagem se tornou possível através da violência proferida pelos portugueses no período colonial contra as mulheres negras que estavam em cativeiro, ocasionado um processo extremamente agressivo em muitos aspectos.

A ideologia do branqueamento era, portanto, uma espécie de darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da "purificação étnica", na vitória do elemento branco sobre o negro com a vantagem adicional de produzir, pelo cruzamento interracial, um homem ariano plenamente adaptado às condições brasileiras. (CARONE; BENTO, 2014, p.16)

Guimarães (2009), em sua discussão sobre "Racismo e antirracismo no Brasil", menciona o conceito de pigmentocracia, que é comumente conhecido no Brasil como colorismo. Consiste em classificar os indivíduos a partir da pigmentação da pele, ou seja, quanto mais pigmentada pior será o tratamento, e conseqüentemente a discriminação. Significaria pensar que pessoas negras de pele clara se encontram em posição de "vantagem" em relação a negras de pele retinta. Perceba que ao se distanciar da pele retinta, essas pessoas se aproximam de espaços onde a cidadania lhe é conferida, no entanto, de maneira parcial. A parcialidade se faz presente, pois não é sobre ser menos negra, e sim sobre ser branca, e isso os processos de mestiçagem/miscigenação não são capazes de proporcionar, pois ainda se fariam presentes características e traços negroides que, apesar das tentativas, nem sempre são passíveis de camuflagem. "[...] Alguém só pode ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais" (GUIMARÃES, 2009, p.47).

E... o marido dela é loiro, ele é muito bonito! Sabe?! Mas de vez enquanto tem briguinha por ciúmes, mas eu peço a Deus pra jogar esse jugo bem pra longe... (Dona Eugênia, 89 anos)

Eles não gostam muito... não é não gostar não, não dá sorte com gente da nossa cor, é tudo branco, eles procuram brancos! Então é por isso que os filhos são assim, tá entendendo?! (Dona Eugênia, 89 anos)

A ideia de salvação da raça assume um compromisso geracional, fazendo com que as famílias recorram ao embranquecimento através dos relacionamentos interraciais. É importante destacar que a questão não é sobre as relações em si, mas a estrutura racista que se esconde por trás de uma padronização estética que é branca, europeia e que surge quase como um fetiche. "Do negro ao branco, essa é a linha de mutação. A pessoa é branca da mesma forma como é bela, da mesma forma como é inteligente" (FANON, 2020, p.66). A Europa é

branca! Assume uma identidade que não comporta a pessoa negra, ela é automaticamente excluída e rechaçada por um não-pertencimento.

O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado, num primeiro momento, pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas. (CARNEIRO, 2019, p.312)

Com relação ao redescobrir as perdas e também ressaltar os ganhos, o feminismo enquanto teoria concreta demora a emergir, mas é possível notar os primeiros passos dados por mulheres que vieram antes de nós - apesar de não ter sido alfabetizada, minha avó e uma significativa parcela de mulheres da geração dela buscavam superar suas dificuldades e ocupar espaços que lhes pareciam impossíveis, reconhecendo suas fragilidades, mas também buscando estratégias que permitissem sua sobrevivência. O que leva mulheres negras a migrar da posição de jovens sobreviventes a matriarcas, cumprindo um papel que é muito importante na subsistência e criação de toda uma família. “Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos” (CARNEIRO, 2019, p.297). Minha avó tornou-se um sujeito político à medida que conseguiu externar expectativas que lhe foram negadas ao longo de sua trajetória.

Carone e Bento (2014), ao discutirem o processo de branqueamento, ressaltam a omissão e distorção acerca da ideia do lugar de branco, apontando para uma posição que é envolta por privilégios e que se sustenta através da criação de um imaginário onde não-brancos são inferiorizados e marginalizados. Confinar pessoas negras em espectros de negatividade é uma prática antiga e bem sucedida da branquitude, impedindo que surjam questionamentos sobre a posição quase universal que o homem branco ocupa.

Em contrapartida, também é possível observar um movimento que cresce juntamente com o processo de branqueamento da população negra, através de violências sexuais por parte dos colonizadores. O cultivo da ideia de que a brancura ocupa o lugar de plenitude faz com que surja um desejo pelo branqueamento, seja ele através da miscigenação ou até mesmo pela ascensão social que atrelada aos signos do capitalismo, conferem o reconhecimento da cidadania. “Como é que um problema explícito das elites brancas passou a ser interpretado ideologicamente como um problema dos negros - o desejo de branquear?” (CARONE; BENTO, 2014, p.17). O anseio pelo branqueamento não corresponde apenas ao intuito de purificar-se de uma raça considerada ruim, inferior, mas ao lugar que é conferido a esses indivíduos, como uma posição inabalável. Corresponde a uma fuga da estigmatização, de um corpo que é pré-julgado e condenado a uma realidade desoladora. Não é sobre inveja, é mais

complexo que apenas um anseio por habitar outro corpo, é sobre ocupar um outro estado que lhe confira liberdade, cidadania e a própria existência, enquanto sujeito.

[...] O legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. (CARONE; BENTO, 2014, p.28)

bell hooks (2020) ao situar a questão do feminismo, por vezes, neocolonial nos EUA, pontua que o movimento foi “apropriado” por mulheres brancas portadoras de privilégios classistas, enquanto mulheres negras e não-brancas de camadas populares foram rapidamente posicionadas como simples adeptas. A ideia de que mulheres brancas foram as precursoras do feminismo enquanto luta política desconsiderou os esforços movidos por inúmeras mulheres negras que lutaram ferozmente para a garantia de lugares, direitos e cidadania, motivos, que seguem sendo mobilizadores das lutas no mundo contemporâneo. Inclusive, trata-se de uma tendência da sociedade cis heteronormativa e branca, ignorar ou reduzir o impacto das contribuições de mulheres negras socialmente, essas, em geral, são situadas nos bastidores não só dos movimentos sociais, mas também dos avanços científicos e tecnológicos, na conjuntura política, entre outros campos de relevância social.

Dessa forma esse sentimento de inferioridade (ou concepção de inferioridade) seria considerado um sentimento histórico, intergeracional, compartilhado por esse grupo, que por sua vez se introjetaria na individualidade desse sujeito e formaria uma barreira em seu comportamento perante a sociedade. (SANTOS, 2016, p.43)

“Os alicerces das opressões interseccionais se apoiam em conceitos interdependentes do pensamento binário, em diferenças formadas por oposição, na objetificação e na hierarquia social” (COLLINS, 2019, p.139). As dinâmicas construídas com base nos mecanismos do racismo e do sexismo estabelecem cenários (de)potencializadores para os corpos não-masculinos e não-brancos, Kilomba (2019, p.97) destaca que “nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria”, uma espécie de sub-lugar.

4.3 Nas expressões do racismo

O racismo faz parte de uma racionalização ideológica que constrói e advoga a existência não só de uma distância social e cultural entre negros e brancos, mas também biológica. Para isso lança mão de símbolos distintivos oferecidos pela própria organização social, a fim de cristalizar grupos e indivíduos no seu “devido lugar” e legitimar essa distância. Assim, atribui-se um sentido negativo às diferenças culturais, físicas e estéticas como as crenças, a arte, o corpo, a cor de pele, o tipo de cabelo, entre outros. (GOMES, 2019, p.140)

As expressões do racismo evidenciam traços e situações que carregamos conosco, ao surgir como um mecanismo importante para que o processo de colonização se efetivasse, ele se infiltrou na história de africanos e negros da diáspora africana como um elemento histórico. O racismo não só é uma violência que tem sido utilizada por grupos privilegiados socialmente como principal ferramenta de garantia de obtenção de vantagens, mas também tem sido a palavra-chave quando mencionamos pessoas negras. Schucman (2014, p.85) define racismo como “[...] qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos baseado no conceito de raça”. Ao trazer essa definição, a autora também ressalta a importância da racialização dos corpos brancos, a fim de que se compreenda o que é a branquitude dentro das discussões sobre o racismo.

Branco: Cor, raça, grupo, cultura? Afinal, o que é ser branco no Brasil contemporâneo? Definir o que é branquitude, e quem são os sujeitos que ocupam lugares sociais e subjetivos da branquitude é o nó conceitual que está no bojo dos estudos contemporâneos sobre identidade racial branca. Isso porque, nesta definição, as categorias sociológicas de etnia, cor, cultura e raça se entrecruzam, colam e se deslocam umas das outras, dependendo do país, região, história, interesses políticos e épocas investigadas. Ser branco, ou seja, ocupar o lugar simbólico de branquitude, não é algo estabelecido por questões genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam. (SCHUCMAN, 2014, p.84)

O pacto da branquitude em manter o combo de regalias e preponderância, reforça a reprodução de violência racial e opressão a grupos minoritários diariamente. “Eufemismos, chistes, deslocamentos semânticos garantem que a violência racial se efetive sem ser muitas vezes reconhecida, discutida ou denunciada” (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.3). Não diria que se trata de um plano maquiavélico, a realidade é que a manutenção de uma divisão hierárquica, hegemonicamente branca e cis heteronormativa é imposta de geração em geração, ou seja, crianças brancas são ensinadas a não questionar disparidades sociais, assim como crianças negras também são ensinadas a não questionar a ideia de que a margem foi destinada para elas. Esse movimento tem sido operado há séculos, principalmente no Brasil, considerando que vivemos aqui o mito da democracia racial, um fenômeno que permite que o racismo se desenvolva de maneira velada, ancorando pessoas pretas a fantasmagoria noção de meritocracia e superação de realidades que são claramente produzidas.

Crescemos cegos diante da realidade da raça em nosso país. No entanto, um olhar mais atento constata que, ao mesmo tempo em que afirmamos não haver distinções com base na raça, ou cor da pele, vivemos em uma sociedade estruturada pelas relações e conflitos raciais que sentenciam o acesso ao poder, à justiça, à terra, à moradia, à saúde, entre outros. (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.2)

Como é possível dizer que não existe racismo em uma sociedade que sabe separar quem é e quem não – “do bem”, apenas pela cor? Fanon (2020, p.131) ao problematizar as

diferenças entre o racismo e o preconceito com os judeus enfatiza: "não sou escravo da 'ideia' que os outros fazem de mim, mas da minha aparência". Um país que associa a ideia de caráter com o corpo branco-cis-hetero, estimulando as ondas de opressão a grupos minoritários.

A Thelma⁶⁸! Ela falou que o Big Brother não é só coisa não, aquilo ali trouxe muita... tem gente que só passou por aquilo ali, ela abordou muitos assuntos pros negros correrem atrás, ela não ficou só tomando sol... com a bundinha de fora se queimando, comendo comida boa. Ela jogou muitos assuntos ali que interessa muita gente que é negro, a oportunidade... tiveram muitos que fizeram daquilo um oba-oba, mas ela não, ela seguiu abordando no programa. O Péricles⁶⁹ e o Xande⁷⁰, [disseram] pra gente ter união e não deixar essa minoria branca, [...] eu falo que é minoria porque a mente deles é tão pequenininha, eu acho que eles são minoria diante de nós... nós somos muito inteligentes! (Vera, 62 anos)

Vera (62 anos), provocativamente, inverte a aplicação da palavra minoria, trazendo a negritude enquanto potência e possibilidade, invertendo a direção da palavra minoria e atribuindo a branquitude, sinalizando o receio que esse grupo hegemônico possui, e que de fato, é o que sustenta sistemas como o racismo estrutural. A violência racial, enquanto mecanismo, opera subjetivamente criando realidades que aprisionam pessoas pretas em um campo de impossibilidades. Tem sempre alguém esperando a gente errar, falhar e fracassar, como se fosse uma determinação. Frantz Fanon (2020), em seu livro "Pele negra, máscaras brancas", trabalha a sua percepção sobre o corpo negro e as dinâmicas estabelecidas no âmbito social, o autor desenvolve sua visão sobre a experiência do ser negro como um processo de composto por atravessamentos limitantes, que a priori compreendem o corpo preto como algo que sucumbiu, reduzindo essas pessoas a seres subalternos e manipuláveis. [...] Os negros podem ser pensados como categoria minoritária que não se refere à quantidade, mas à possibilidade de devir, ou seja, à possibilidade de fugir de ordens hegemônicas de estética, de saúde, de trabalho etc. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.52).

Bento (2014) acrescenta que existe uma espécie de investimento em relação à imagem da pessoa negra que tem por finalidade representá-la de forma pejorativa, deturpando a identidade e contribuindo para que complexos de inferioridade sobre o corpo se desenvolvam de maneira ampla dentro da comunidade negra, assim como garante as desvantagens e desigualdades desse grupo social. "[...] O legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir" (BENTO, 2014, p.27), ao invés de avançarmos nas discussões

⁶⁸ Thelma Regina Maria dos Santos Assis, é uma mulher negra brasileira, médica e apresentadora, ficou conhecida por ter participado do reality show Big Brother Brasil no ano de 2020, no qual foi campeã.

⁶⁹ Péricles Aparecido Fonseca de Faria, é cantor e compositor brasileiro.

⁷⁰ Alexandre Silva de Assis, popularmente conhecido como "Xande de Pilares", é um cantor e compositor brasileiro.

sobre raça e racismo, a fim de desmitificar e erradicar disparidades sociais, enquanto sociedade, reforçamos o pacto de privilégios da branquitude através de práticas cotidianas de teor racista, mas que não são questionadas.

Ser confundida, ter a capacidade subestimada, ser invisibilizada ou até mesmo ser envolvida por discursos machistas e racistas são riscos que corremos diariamente, enquanto mulheres e negras. É quando o racismo começa operar de maneira subjetiva, envolvendo o indivíduo em uma enxurrada de afirmações falhas, fazendo com que essas conclusões preconceituosas sejam absorvidas pela pessoa negra que as ouve. “Se escuta e permanece calada é passiva” e “se reage se posicionando, é barraqueira”, afinal, quem nós podemos ser sem que a sombra do racismo nos encubra?

4.3.1 Doula ou irmã da gestante?

E aí tipo assim, pra gente mulher negra seria ainda mais complicado porque já não nos reconhecem como alguém nessa área, o universo da doula é ainda muito branco, demora ainda mais para as pessoas entenderem que isso pode ser significado, pra uma mulher negra grávida entender que ela pode ser humanizada. Não humanizada de assistência, mas de ter profissionais na equipe dela que não simplesmente a assistem de maneira humanizada, mas que a veem como um ser humano. A doula preta então... já aconteceu de eu chegar com uma mulher preta no hospital e perguntarem “você são irmãs? É acompanhante?”, eu falo “sou a doula!”, já aconteceu de perguntarem o que eu estou fazendo lá, por ver o marido por perto já perguntam “você é a irmã?”. É bizarro isso de ser irmã porque eu não tenho nada a ver. (Alice, 25 anos)

A busca pelo lugar da humanização e do reconhecimento é árdua, ao abordar o relato de Alice (25 anos) me pergunto, o que nós, mulheres pretas, precisamos fazer para termos um mínimo de dignidade reconhecida socialmente? Apesar de trazer uma perspectiva que foge um pouco da temática abordada na pesquisa, Alice (25 anos) aponta aspectos importantes sobre a relação maternidade x Nova Friburgo e maternidade x negritude, evidenciando os complicadores para nascer na cidade. Como doula, ela expressa sua opinião em relação às condições oferecidas às mulheres grávidas que optam por ter seus filhos no município, apontando os hospitais e maternidades da região, como locais que ainda orientam suas práticas a partir de visões conservadoras sobre o corpo e suas potencialidades, enfatizando as ocorrências de violência obstétrica como práticas recorrentes na cidade.

Os mecanismos do parto são complexos por si só, esse momento é extremamente delicado para as mulheres, tendo em vista a vulnerabilidade e sensibilidade ocasionadas pelas

mudanças hormonais e também pelos efeitos físicos e psicológicos que ocorrem durante o processo do parto (as dores, as contrações, ansiedade, nervosismo e afins). Dentro dessa dinâmica é essencial trazer um destaque, é perceptível uma certa “unanimidade” entre os/as médicos/as mais conservadores em relação a crença de que mulheres negras são mais resistentes à dor “a esta mulher, e este corpo, é negada uma condição de humanidade plena” (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.9). As autoras reforçam a crítica em relação ao imaginário que se tinha, ainda no período escravista, referente a força atribuída ao corpo preto, o discurso que afirmava que a população negra era mais forte e resistente serviu de base para que essas pessoas fossem submetidas a exploração de trabalho e a situações de violência extrema como eram os casos dos partos. Apesar de intrigante, essa mesma visão é considerada na atualidade, quando mulheres negras são submetidas a situações dolorosas e desconfortáveis na hora de parir, em função do discurso do corpo resistente.

As disparidades na saúde reprodutiva que permeiam a vida de mulheres negras são efeitos de um histórico de opressões estruturais de raça, bem como classe, gênero e cultura, produzindo as desigualdades reprodutivas. [...] Em um país que carrega os legados da colonização e escravização, muitas mulheres negras compreendem a partir de suas realidades, que o racismo e o sexismo afetam suas histórias de gestação, parto, puerpério e maternidade. Assim, quando profissionais de saúde realizam uma intervenção cirúrgica em uma mulher preta sem fazer uso de anestesia é um lembrete da nossa história racial, uma expressão do racismo em saúde. (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.10)

A figura da doula surge nesse contexto trazendo a dimensão afetiva e a importância do acolhimento para mulheres que se encontram em período de gestação, promovendo uma gravidez mais humanizada, compreendendo as peculiaridades de cada processo ao longo dos meses. Um ponto que deve ser ressaltado é que uma parcela significativa das mulheres negras da camada popular acaba realizando o pré-natal e os partos em unidades públicas de saúde, o que expressa o distanciamento dessas gestantes em relação aos serviços de doulas, mas também aos aspectos mais “humanizados” do parto, assim como os direitos assistenciais em relação à saúde reprodutiva. O desconhecimento dessas ferramentas faz com que muitas mulheres sejam negligenciadas, a partir do saber médico que se expressa como verdade inquestionável, as obrigando a experimentar sensações que fogem a experiência do parto propriamente dita, dando espaço para a violência obstétrica, “um estudo de base populacional e abrangência nacional observou que mulheres pretas recebem menos anestesia local quando submetidas à episiotomia, incisão no períneo realizada com uma tesoura ou bisturi” (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.9).

Ao caracterizar a mulher negra como aquela que “aguenta dor” remete-se à banalidade, um assentimento ao sofrimento. Um discurso colonizador utilizado para

fundamentar à desumanização do sujeito negro além de uma suposta submissão e predisposição inerente ao trabalho exaustivo. (LIMA; LEWIS; LYRA, 2021, p.8)

É possível perceber um nível de troca que funciona não só como um suporte ao longo do período gestacional, mas também a presença de alguém que durante o parto, pode de alguma maneira assegurar que essa mulher não terá seus desejos ignorados, reduzindo também a incidência de violências no centro cirúrgico. A hegemonia do saber médico e a prevalência de determinados modelos adotados pela medicina ocidental, que apesar de sofrerem críticas por suas técnicas ultrapassadas, seguem sendo referências nos centros médicos tem sido complicador quando pensamos na inserção das doulas. Alice (25 anos) relata que já foi impedida de entrar em maternidades e, que por vezes sugerem que ela tem algum grau de parentesco com a gestante, pelo simples fato de possuir a mesma cor, a entrevistada revela além de despertar um aborrecimento, esses comportamentos também revelam o mecanismo racista que consiste em construir uma narrativa genérica e estereotipada sobre as vivências negras.

Ao narrar sua vivência como doula, atendendo preferencialmente mulheres negras, a entrevistada aponta os desafios cotidianos que surgem através da dificuldade em ser reconhecida pela profissão.

E aí... “o que você está fazendo aqui? Você não tinha que estar aqui, não podem ter dois acompanhantes”, e são hospitais que já conhecem o trabalho da doula, que sabem que se tem a mulher com o homem, normalmente a outra mulher é a doula e se me permitiram entrar é porque viram minha documentação, viram meu certificado e tudo mais. Então eu acho que juntando o cenário obstétrico com isso, são os motivos que me fizeram vir pra cá eu não vejo muito abertura também em relação a isso, fico imaginando como as pessoas me veriam no lugar de doula em Friburgo, não sei..., mas isso é só uma reflexão também. Desculpa, me perdi mesmo na sua pergunta... (Alice, 25 anos)

Não ser identificada pela profissão que exerce é um peso que mulheres negras carregam no mercado de trabalho, ao ser confundida com a irmã ou acompanhante da gestante, Alice (25 anos) expressa seu descontentamento e evidencia as nuances do racismo como propiciadoras de episódios como esses. “Você é irmã da grávida?” indaga a equipe médica, que barra a entrada de Alice (25 anos) no hospital, ao deduzir que ela pode ter um grau de parentesco com a grávida, ela cai na ideia de que pessoas negras são iguais.

O racismo é uma tecnologia que se dissemina através do discurso e se perpetua através da associação, à medida que vai somando elementos que além de reforçar a negritude como algo pejorativo, ainda se alia a outras opressões, dificultando progressivamente as vivências desses grupos. Alice (25 anos), assim como as outras participantes dessa pesquisa expressa as marcas deixadas pelos episódios cotidianos de racismo. Enfatizando que, independentemente

da posição social e do poder aquisitivo, nós pessoas pretas estaremos constantemente na mira da violência racial, da discriminação e da humilhação. Esses comportamentos fortalecem sentimentos de inferioridade, ocasionando o sofrimento psíquico em relação a si mesmos, trava-se um combate diário que visa propor formas antirracistas e ao mesmo tempo, reverter uma série de crenças distorcidas acerca de nós mesmos.

4.3.2 A beleza desvia o racismo?

Criamos mecanismos o tempo todo para sobreviver ao racismo, e nem sempre conseguimos visualizar com clareza o cenário diante de nós. Muitas estratégias são utilizadas para que os impactos provocados pela violência racial sejam amenizados, e em alguns casos há inclusive uma negação desses ataques, o que pode ocasionar uma série de equívocos e dar margem para a ideia de democracia racial.

Dona Eugênia (89 anos), em quase todo o período da entrevista, trouxe informações, vitórias, histórias e peculiaridades sobre suas vivências, que a afastam da mira do racismo. Ela não nega abertamente que exista o preconceito racial, pelo contrário, reconhece como uma violência brutal contra a população negra, mas ao mesmo tempo narra uma realidade “blindada” a partir de sua aproximação com a branquitude, como se fosse legitimada pelo “mundo branco”, “Sou negra sim, mas querida pelos brancos!” (Dona Eugênia, 89 anos).

A entrevistada é uma senhora de 89 anos, há que se considerar a diferença geracional pela qual somos atravessadas. Dona Eugênia (89 anos) cresceu no mundo branco colonizado, uma época em que pessoas pretas sequer podiam respirar o mesmo ar que os brancos, um tempo em que a negritude era reduzida a mão de obra e servidão, não se enxergava naquele momento, pessoas pretas como seres humanos. Ao reforçar o respeito e admiração que a branquitude expressa por ela, Eugênia (89 anos) reflete uma geração que apesar de entender a gravidade do período escravista e seus efeitos posteriores, ainda assim, possui o entendimento de que o racismo não atinge todos os negros.

“Parece, na verdade, que o branco e o negro representam para ela os dois polos de um mundo, polos em constante luta: uma verdadeira concepção maniqueísta do mundo; a palavra foi lançada, é preciso lembrar- branco ou negro, eis a questão (FANON, 2020, p.60)”. Não à toa que em alguns momentos, quando questionada sobre o racismo em relação aos filhos e netos, Dona Eugênia (89 anos) afirma que essa violência nunca os atingiu, afinal eles sempre

foram muito bonitos, característica que parece facilitar as relações sociais e afetivas, segundo ela, dando um destaque para a aparição dos relacionamentos interracialis. Dona Eugênia (89 anos) enfatiza que seus descendentes não costumam se “dar bem” com pessoas de cor, optando sempre por se relacionarem com pessoas brancas, e essa dita “incompatibilidade” com pessoas negras surge em um momento anterior aos netos. E a entrevistada relata que a mãe além de ser muito bonita, também preferia se relacionar com pessoas brancas.

“Minha mãe era bonita e gostava de gente clara... minha mãe era bonita, mas bebia...” (Eugênia, 89 anos). O anseio pelo aval da branquitude surge como uma questão complexa para a população negra, pois opera sob uma lógica racista de que o ideal representado pela branquitude é, sempre, “bom e belo”. Produzindo uma cadeia de inferiorização que é transmitida via geração, instaurando um imaginário pautado na crença de que é necessário que haja um “aprimoramento” racial, para que determinados grupos sociais possam se beneficiar socialmente.

Além da beleza, um outro elemento se apresenta como uma característica que produz a ilusória sensação de que é possível escapar das lentes do racismo, a chamada “força de vontade”. O discurso meritocrático invade a discussão, provocando desfechos que distanciam cada vez mais a população negra dos holofotes e do protagonismo.

4.3.3 A alegria da branquitude quando a gente perde

A identidade racial branca, a qual nos dirigimos como “branquitude”, está diretamente atrelada à manutenção de privilégios. Marcinik e Mattos (2021, p. 3) afirmam que “[...] A pessoa branca ocupa um lugar simbólico que não é estabelecido por questões genéticas, mas por posições e lugares sociais que são construídos para que determinadas lógicas de privilégios, vantagens e direitos sejam mantidas em função dos fenótipos raciais”. Ao sujeito portador dessa identidade é associada uma série de atributos positivos, que potencializam a ideia de superioridade que este grupo social detém. A concepção de que a branquitude representa o topo da hierarquia social surgiu na cultura europeia, a partir do projeto colonial e com o passar do tempo a Europa tornou-se um padrão de sociedade para as demais civilizações. “[...] Um processo de categorização social a partir de determinados traços fenotípicos, organizando grupos pelo marcador racial da diferença. Ainda que essa

categorização seja uma construção social, ela determina racialmente as populações” (Marcinik; Mattos, 2021, p. 2).

Bento (2020, p.41) ressalta a importância de pensar a branquitude enquanto grupo social racializado, situando o sujeito branco como personagem no cenário racista social, a autora pontua que “[...] os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como guardiã silenciosa de privilégios”.

Então eu vou falar com você, quando você entrar em um lugar que tem 10 brancas e 3 negras, é muito difícil elas deixarem você passar a frente delas. Eu trabalhei em uma confecção que a minha patroa... eles gostam de mim até hoje, são/foram patrões ótimos! O primeiro cargo que eles me deram foi a responsabilidade de liderar uma célula, não era a confecção toda, mas organizar 12 pessoas. Ali eu comecei a ser humilhada! Por ser negra, né! Porque tinham outras - brancas né, mas que não tinham o potencial que eu tinha, a inteligência que eu tinha... eu sabia todo o serviço, eles montaram uma equipe e eu sabia organizar tudo, mas sempre fazia algo pra me prejudicar e não ir adiante! Então um dia eu entreguei o cargo, você tinha que ver a felicidade das que não queriam que eu chegasse até lá, aí começou a briga entre elas pra chegar onde eu cheguei... (Vera, 62 anos)

O relato de Vera (62 anos) sobre uma experiência vivenciada no ambiente de trabalho ao ocupar um cargo com maior visibilidade é um desabafo que revela uma das perversidades de uma sociedade racista, as mulheres negras não podem ter destaque. Ela começa a fala trazendo a complexa realidade em que mulheres negras são inferiorizadas e preteridas em detrimento de mulheres brancas, e é fato que esse movimento ocorre em todos os aspectos da vida (nas relações afetivas, no ambiente de trabalho, e afins). Ao narrar o episódio de racismo, Vera (62 anos) traz à tona as vantagens conferidas às colegas de trabalho – brancas, considerando que se em outro contexto uma delas estivesse ocupando o lugar de supervisora, liderando uma célula de trabalho, dificilmente sofrerá humilhação. A rejeição a posição ocupada pela entrevistada no ambiente de trabalho reitera a ideia de que o racismo é estrutural, a hostilidade com que as demais funcionárias tratavam Vera (62 anos) era mais sobre a recusa em visualizar uma mulher negra em um posto de poder, do que uma questão meramente pessoal, “a pele preta nos marca na escala inferior da sociedade” (PIEADADE, 2017, p.17).

As mulheres negras têm de explorar seu apego coletivo à raiva e à hostilidade contra as brancas. Talvez tenhamos necessidade de espaços onde parte dessa raiva e hostilidade reprimidas possa ser expressada abertamente, para que possamos identificar suas raízes, compreendê-las e investigar possibilidades de transformar a raiva interiorizada numa energia construtiva e auto afirmativa que possamos usar de modo eficaz para resistir à dominação das mulheres brancas e forjar laços significativos com aliadas brancas. Só quando nossa visão estiver clara é que seremos capazes de distinguir os gestos sinceros de solidariedade daqueles atos cuja raiz é a má-fé. É bem possível que a arte da fúria das mulheres negras contra as brancas seja uma máscara para o sofrimento e a dor, a angústia decorrente da enorme dificuldade de fazer contato, de imprimir nossa subjetividade sobre a

consciência delas. Abrindo mão de parte da mágoa, poderemos criar um espaço para o contato corajoso, sem medo nem acusações. (hooks, 2017, p.147)

“Os processos de subjetivação podem ser compreendidos como constitutivos dos sujeitos, atravessados pelas diversas formas de relações sociais, políticas e culturais pelas quais se forjam” (Marcinik; Mattos, 2021, p. 2), a postura de Vera (62 anos) ao deixar o cargo revela o que é produzido em nós, enquanto processo de subjetivação. Apesar de se afirmar enquanto merecedora do cargo, sendo competente e qualificada para tal, ainda assim, ela desiste da posição. É claro que, as humilhações podem ter provocado um sofrimento psíquico que a induziu a tomar essa decisão, reforçando mais uma vez quais lugares não foram feitos para pessoas negras. No entanto, ela expressa de maneira consciente a percepção acerca do campo de trabalho após sua retirada, dando ênfase na reação de contentamento das outras funcionárias, que não só invejavam a triunfo de Vera (62 anos), mas que também não aceitavam serem lideradas por uma mulher, que aos olhos da branquitude deveria estar como subordinada naquele lugar.

Mas é como eu já te falei, eu trato as pessoas de igual pra igual e sempre ensinei minha filha a nunca pisar em cima de ninguém, mas jamais deixar alguém pisar em cima dela e graças a Deus ela tem uma inteligência boa, tem uma boa sabedoria, claro que isso não a impede de sofrer racismo ainda mais que ela é... fazendo uma faculdade, sendo engenheira e tudo, vai sofrer racismo, mas eu acho que ela vai saber lidar com isso, porque quando uma jovem negra é doméstica, é costureira... uma coisa assim que não precisa muito estudo, essas coisas, as pessoas até aturam! Mas quando vê uma jovem negra, que até comigo já aconteceu porque eu já fui supervisora e tudo em um grau maior, as pessoas torcem o nariz... então a minha filha tem que ter a noção de quando torcerem o nariz pra ela falar “olha, seu nariz tá torto bota pra cá” e seguir a vida, porque isso aí nunca vai... o racismo nunca vai acabar! (Celma, 55 anos)

Celma (55 anos), semelhante a Vera (62 anos), também traz o relato sobre as perseguições sofridas por ocupar um cargo considerado a partir da ótica racista como “não destinado a pessoas pretas” e conseqüentemente, os campos de atuação da branquitude. Ela fala sobre os ensinamentos que passou para a filha, reforçando a ideia de aquilombamento que produz em pessoas negras no processo de formação de identidade um fortalecimento acerca de si e de suas origens. Moraes (2021, p.81) traz a definição do conceito alinhada a discussão sobre “Quilombismo” de Abdias de Nascimento, a autora afirma que “trata-se de propor a reunião de pessoas por princípios de fraternidade, liberdade, solidariedade, convivência, resistência como resposta ao processo de escravização que aconteceu no Brasil”. Beatriz Nascimento (1977) aponta o quilombo, na atualidade, como um mecanismo de fortalecimento psíquico, a autora acredita que esse processo que ela define como “agrupamento” não corresponde apenas ao pós escravidão, mas expressa a amplitude e complexidade da manifestação da negritude através de um resgate cultural.

[...] No momento que o negro se agrega, e justamente quando ele veio para o Brasil e se desagregou, quer dizer, todo o motor do colonialismo fez a desagregação dele como homem, como cultura, como sociedade, no momento em que ele se aglutina ele sempre está repetindo, vamos dizer assim, a essência disso, a essência do que teria sido o quilombo, sabe? (NASCIMENTO, 1977, p.126)

Celma (55 anos) segue pontuando como é complicado fazer com que a branquitude entenda que mulheres negras podem ocupar cargos e posições de prestígio social, ao falar da filha ela ressalta a afronta que é uma jovem negra filha de costureira e de um metalúrgico cursar uma graduação em uma universidade pública, cursando engenharia que além de ser um curso extremamente elitista, é também compreendido como um espaço majoritariamente masculino, possibilitando uma entrada reduzida para mulheres no mercado de trabalho.

Quanto a aqueles que tiveram a oportunidade de ir à escola e ultrapassar o segundo ano fundamental, sentem mais claramente o que significa ser negro no Brasil. Porque tomam consciência do mito da democracia racial, do logro que significa o artigo da Constituição que afirma que "todos os brasileiros são iguais perante a lei". Porque sabem que, mesmo com igual e até melhor capacitação que os brancos, serão preteridos. Qual então a saída que se lhes apresenta? Se conscientes e assumidos, partem para a denúncia de tais arbitrariedades; se não, aceitam a situação tal como está e, aos poucos, para "subir na vida" começam a pagar o seu preço, o do embranquecimento. (Gonzalez, 2020, p. 48)

Por que a grande maioria não sabe, né! E até pra comprar creme é muito engraçado "ah, pode ser qualquer um aí que você tiver... e geralmente vem um escrito 'cabelo cacheado'" e o efeito não vai ser o descrito na embalagem. (Pesquisadora, 24 anos)

Geralmente eles sempre vendem o cacheado, não o crespo! (Caroline, 24 anos)

"Nossa, mas seu cabelo é cacheado" - não, é crespo! "Mas esse é pra cabelo cacheado" - não, amor... é crespo! "Mas qual é a diferença?", e aí dá vontade de você ir embora e nem ser atendida. (Thaís, 24 anos)

A verdade é que eles veem o cabelo crespo como o que não tem definição nenhuma, eles só visam o 4c e não é assim... esses dias eu vi... é que eu trabalho em salão, então tenho contato com muitas pessoas. (Caroline, 24 anos)

Estamos Vivas! - Considerações finais

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2005, p.2)

Estamos vivas! Como é bom poder dizer isso depois de dois anos de pandemia, um período tomado por total desesperança e medo. Medo por mim e pelos meus, vivendo um dia de cada vez esperando que de alguma forma a situação entre no eixo. Perdemos muito nesse tempo, pessoas, processos e projetos, mas estamos vivos e vacinados! E apesar das restrições, do distanciamento, da saudade e das variantes, ainda assim podemos gritar: estamos vacinados e vivos!

Construir as considerações finais sobre essa cartografia é mais um desafio, nunca imaginei fazer um mestrado isolada em casa, com a sensação de que falta algo, e faltou né? Faltou contato, faltou proximidade, faltou calor humano e a vivência universitária, que talvez tenha sido o meu maior ponto de frustração durante esse período. Longe de toda positividade tóxica que insiste na ideia de que períodos assim servem para resignificação, eu entendo que, apesar de não ter conseguido experimentar e vivenciar esses dois anos de mestrado da maneira como eu gostaria, ainda assim, eu os vivi, e experimentei uma forma diferente de fazer pesquisa.

“Estamos vivas” foi a frase que a Maiara me disse na entrevista, enquanto comentávamos sobre a vitória dela nas eleições. Eu achei uma afirmação potente e significativa, afinal, depois de dois anos, ela foi ampliando seus significados. Estar viva em uma cidade racista, assolada por um vírus que surfa na onda do negacionismo e de maneira brutal tem dizimados vidas, é de fato uma vitória. Nova Friburgo não só é uma cidade embranquecida e herdeira de aparatos coloniais que reforçam a violência racial, com também é um município com o maior número de registros de casos de feminicídio, ou seja, é a cidade que mais mata mulheres no estado do Rio de Janeiro, estar viva é uma vitória. E sinto imensamente por todas as vidas que foram reduzidas ao preconceito, ao negacionismo e a tantas outras justificativas a atos injustificáveis.

Esta dissertação é fruto de inquietações, narrativas e trajetórias. Foi composta por muitas personagens que com suas particularidades foram dando corpo, cara e nome à pesquisa. Através das falas produzidas pelas entrevistadas ao longo dos encontros, ficou nítido que Nova Friburgo, a “Suíça Brasileira”, não ocuparia os bastidores dessa história. A

cidade tornou-se uma personagem na cartografia, à medida que, através das narrativas, ficava notória a influência e a modulação das relações e modos de vida ocasionados pela vivência no município.

A trajetória do negro em Nova Friburgo, desde sua instalação até os dias atuais, passados cem anos de abolição, é igual à de todo o país. Explicações cômodas tentam justificar a dificuldade que têm os descendentes dos “ex-escravos” para inserir-se na sociedade como pessoas de cidadania plena, alegando que a causa é histórica: “deformados pela escravidão”, e desqualificados profissionalmente, os negros não tiveram como competir no mercado de trabalho como imigrantes que chegaram na mesma época. [...] Mesmo estando qualificados e preenchendo as exigências para uma função, o que desempata é a cor. (LOZADA, 1991, p.169)

Apesar de ter escolhido não entrevistá-la, Nova Friburgo proporcionou à pesquisa um novo desenho, com atravessamentos e elementos que trouxeram para a discussão pautas importantes. Trago um destaque para a influência colonial sobre o município, como uma das características mais marcantes na configuração da cidade e, conseqüentemente, na articulação adotada pela população local. A aproximação com os preceitos europeus provocou de maneira expressiva a perpetuação do delírio coletivo acerca da ideia de uma Suíça no Brasil, assim como fortaleceu as bases racistas estruturantes e operantes na cidade.

O município vive hoje o que consideramos o racismo à brasileira, o preconceito manifesto no olhar, que ainda que se expresse minuciosamente, deixa claro a diferenciação. “[...] o grande problema para o combate ao racismo, no Brasil, consiste na eminência de sua invisibilidade, posto que é reiteradamente negado e confundido com formas de discriminação de classe” (GUIMARÃES, 2009, p.226). O teor velado da violência racial na cidade tem perpetuado um status de (des)pertencimento na população negra friburguense, uma vez que produz a sensação de exclusão, acentuando a falta de representatividade e o desconforto de pessoas negras no âmbito social. Através das entrevistas ficou evidente que a sensação de descompasso com o ritmo e o estilo da cidade pode estar relacionado ao processo de tornar-se negro e conseqüentemente a aproximação da negritude como um passo visto de maneira negativa.

Se afirmar negra, assumindo o cabelo crespo em uma cidade embranquecida como Nova Friburgo pode acarretar conseqüências, a principal delas talvez seja a sensação de que não pertence à cidade. “Imagens nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras” (EVARISTO, 2005, p.5). Esse sentimento pode produzir uma série de gatilhos, como os narrados nas entrevistas: o mal estar durante a fase escolar, o desconforto em lojas e espaços públicos, a dificuldade em se aceitar e se reconhecer enquanto pessoa negra, provocando a vergonha em relação ao cabelo, à cor e aos traços que estão longe de serem heranças europeias.

O processo de pesquisa, em meio a tantas limitações, também foi uma oportunidade de aquilombamento. Um período de resgate em meio a tantas falas que colocaram a negritude em pauta, provocando sensações, inquietações e curiosidades. Foram encontros potentes, ainda que pelo *Zoom*. Quem diria que nós, a geração da tecnologia, do acesso e da informação nos sentiríamos tão limitados em uma tela de computador; parecia que o conhecido portal das infinitas possibilidades trazia o alerta de capacidade reduzida. Usar a tecnologia nesse momento era a nossa única opção, e como é impotente não poder expressar o que queremos de maneira visceral, limitante não poder tocar no outro, incômodo não sentir o cheiro do ambiente e a textura das coisas. Tivemos que nos contentar com os enquadres.

Marquei um café com todas as convidadas da entrevista, quando tudo isso acabar, espero poder sentar e conversar sobre tudo que foi compartilhado. Sinto que devo isso a elas, devo isso a mim também. Esta cartografia me transportou para muitos lugares, as falas foram fundamentais para pensar esse percurso, que primeiro elenca Nova Friburgo como uma personagem intrigante, ora perversa ora acolhedora, se fosse uma ficção, ela seria uma ótima vilã, que recorre a uma narrativa clichê, mas que ao mesmo tempo é imprevisível. Consigo enxergá-la, nesse momento, como um lugar de possibilidades, é possível construir linhas de fuga aqui. Pontos de resistência têm sido construídos, os afro-friburguenses tem se fortalecido através do ativismo promovido principalmente pelos coletivos atuantes na cidade: o Lélia Gonzalez (coletivo negro, antirracista e anticapitalista); os coletivos estudantis; o coletivo Império das Negas, que em particular, aparece como organização presente e potente na vida de algumas entrevistadas.

Maiara, uma das precursoras do Coletivo Império das Negas o define como um movimento popular, nascido de um desejo de legitimar a população negra no município - pessoas que não se reconhecem suíças, mas que ainda assim, se sentem pertencentes enxergando a cidade para além dos enquadres da branquitude. Um Coletivo que está nas escolas palestrando, está nas ruas promovendo feiras e espaços de exposição do trabalho de pessoas pretas, está nas salas do *Zoom* debatendo sobre pautas importantes, e etc. E segundo Maiara, também é um movimento que reconhece a necessidade de uma articulação com a branquitude que se apresenta como aliada na luta antirracista, fugindo da ideia de protagonismos que expõe pessoas brancas como salvadores, mas destaca a importância do diálogo para o combate ao racismo e demais opressões.

A discussão sobre o cabelo em três etapas diferentes trouxe uma estrutura para a pesquisa, e também auxiliou a pensar como o racismo pode se manifestar nas diferentes fases da vida. Alertando sobre as sequelas deixadas pelo preconceito racial, mas também revelando

as estratégias de enfrentamento de acordo com cada geração representada a partir das entrevistadas. “Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A (escre)vivência das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p.6). O elemento geracional produziu uma série de contrastes ao longo do trabalho, mostrando como o racismo se manifesta de maneira diferente, a depender do cenário em que as pessoas estão envolvidas e como ele se atualiza enquanto um mecanismo que segue firme na manutenção de privilégios da branquitude.

Uma das perguntas disparadoras das entrevistas, principalmente direcionadas ao público mais jovem, foi em relação ao processo de tornar-se negra, e foi quase unânime a afirmativa de que além de ser uma etapa complicada, ela é longa e problemática em Nova Friburgo. A negação ao cabelo crespo, a escassez de “salões étnicos” como define Gomes (2019), a articulação discriminatória nas escolas que fortalece a ideia de uma estética branca como bela e aceitável ao passo que a estética preta ocupa o lugar do indesejável. E em contrapartida, entre as mulheres mais velhas, a questão disparadora foi em relação à percepção da mulher preta na cidade. As respostas giraram em torno do sentimento de invisibilidade, falta de reconhecimento, sobrecarga de trabalho e discriminação, deixando o cabelo em segundo plano, mas evidenciando os desafios de se manter em determinados espaços sociais sem cultivar o sentimento de menor valia.

Muitas questões colocadas ao longo da pesquisa seguem em aberto, muitas devem ser ampliadas e analisadas com mais atenção. Uma delas é a importância de se compreender melhor a relação das mulheres negras com os limites da cidade, questão que não foi explorada com mais afinco devido às limitações impostas pela pandemia, mas que ao mesmo tempo segue como uma inquietação. Como é a relação das mulheres negras com os limites de Nova Friburgo? Como os espaços cotidianos fortalecem a criação de coletivos entre essas mulheres? Como as pressões estéticas presentes na cidade ofuscam a negritude enquanto uma estética potente? E o cabelo, por que as tranças e penteados que remetem à origem africana seguem sendo censurados em espaços de trabalho, nas relações sociais e afins? Até quando mulheres pretas serão invisibilizadas em todas as esferas sociais?

Se me permitem, vou colocar uma questão, que trago a nível de reflexão para quem sabe, ser inspiração para futuras pesquisas. Pois bem, pensar a negritude em uma cidade como Nova Friburgo é um ato de extrema importância, principalmente se o intuito é ampliar os espaços de discussão sobre e com essa população. Entretanto, considero que o talvez já tenha passado da hora de iniciarmos um movimento que inclui a branquitude na conversa, trazendo

a responsabilidade também para esse grupo social discutindo as implicações da presença da branquitude na cidade, interrogando inclusive o porquê uma cidade que foi formada por povos de 10 nações distintas tem como apelido reconhecido internacionalmente “Suíça brasileira”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. “As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes” in **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais** / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

Disponível em

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/edinf_igualdade.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. **Todo mundo odeia o Chris: Performatividade e vulnerabilidade do corpo negro à linguagem midiática**. Orientador: Prof. Dr. Goiamérica Felício Carneiro dos Santos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós Graduação em Comunicação, Goiânia, 2017. Disponível em

<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7098/5/Dissertac%cc%a7a%cc%83o%20-%20Ludmila%20Pereira%20de%20Almeida%20-%202017.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 264p.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 152p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. “A identidade racial em crianças pequenas” in **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais** / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. Disponível em

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/edinf_igualdade.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Escrito de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. 296p.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro” in **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**/ Angela Arruda... [et al.] Organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400p.

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Katia. **A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social**. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2020, v. 32, n. 1, pp. 64-71. Disponível em:

<<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5680>>. Acesso em 26 de junho de 2021.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (6ª edição). Vários autores. 7ª reimpressão, 2020.

CASTRO, Rômulo de Souza. **Resistência e Colaboração na reestruturação produtiva. Uma análise das operárias costureiras de Nova Friburgo/RJ**/ Rômulo de Souza Castro. – Marília, 2011. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99032/castro_rs_me_mar.pdf?sequence=1>. Acesso em 06 de janeiro de 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_resource/content/1/%5BAULA%208%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20negritude.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **Visões do “Paraíso Capitalista”: Hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Niterói: 1997. 230p. Disponível em <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/120.pdf>>. Acesso em 25 de outubro de 2021.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **A caminho do paraíso: Galdino do Valle Filho e o projeto liberal burguês na Nova Friburgo republicana**. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(1):79-104, jan.-abr. 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000100005>. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

CRUZ, Cintia Tâmara Pinto da. **Os cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afro descendentes no Instituto Beleza Natural**. 2013. 142 p. Dissertação mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia, 2013. Disponível em <<http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/777/1/CABELOS%20MAGICOS%20IDENTIDADE%20E%20CONSUMO%20ENTRE%20MULHERES%20AFRO%20DESCENDENTES%20Copy.pdf>>. Acesso em 7 dezembro de 2021.

CRUZ, Mirella Rodrigues da. **Solidão da mulher negra: uma história de invisibilidade afetiva.** *Humanas em Perspectiva*, [S. l.], v. 1, 2021. Disponível em <<https://www.periodicojs.com.br/index.php/hp/article/view/358>>. Acesso em 8 janeiro de 2022.

D'ESPÍNDULA, Thereza Salomé; FRANÇA, Beatriz Helena Sottile. **Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade.** *Revista bioética*. 2016; 24 (3): 495-502. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/bioet/a/RR3snTCFNYt85SYmRStZxSs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 de novembro de 2021.

DOMINGUES, Petrônio José. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.** *África*, [S. l.], n. 24-26, p. 193-210, 2009. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>>. Acesso em: 10 janeiro. 2022.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo: uma história a ser contada” in **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**/ Angela Arruda... [et al.] Organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400p.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.** In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora.* João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212. Disponível em <<https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020/320p.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. “Ao comitê de ética em pesquisa - termo de consentimento livre e esclarecido” in **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia** / Gilead Marchezi Tavares, Marcia Moraes, Anita Guazzelli Bernardes [organizadores]. - Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2014. 164 p. Disponível em <<https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1630/1/Cartas%20para%20pensar%20politicas%20e%20pesquisa%20em%20psicologia.pdf>>. Acesso em 18 de novembro de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n. 21, pp. 40-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>>. Acesso em 27 de junho de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 3 ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/** org. Flavia Rio; Marcia Lima. - 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **"Racismo e sexismo na cultura brasileira"**. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000176&pid=S0104-026X201400030001500016&lng=en>. Acesso em 11 de dezembro de 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2009 (3ª edição). 256p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/** tradução Bhuvli Líbano. - 13ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 176p.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. 272p.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise.** - 2ª ed - Campinas, São Paulo: Alínea, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2019.** Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2021. Atlas da violência 2019.

KASTRUP, Virgínia. "O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo" in **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs.

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escossia. - Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. -1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Kelly Diogo de; LEWIS, Liana; LYRA, Tereza Maciel. **O escuro das cores, na pele afrodescendente, herdeira das dores: dimensões do racismo no contexto de assistência ao parto**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. v. 31, n. 01, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310119>>. Acesso em 29 janeiro de 2022.

LOPES, Dailza Araújo; FIGUEIREDO, Ângela. **Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo**. Opará: *Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação*, v. 6, n. 8, 2018. Disponível em <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5027>>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

LOZADA, Gioconda. **Presença Negra: uma abordagem da história de Nova Friburgo**. Niterói: EDUFF, 1991.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BARROS, Myriam Lins de. **Gênero. Geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro**. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2009, v. 17, n. 2. pp. 369-393. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200005>>. Acessado 10 janeiro 2022.

MARCINIK, Geórgia Grube; MATTOS, Amana Rocha. **“Mais branca que eu?": uma análise interseccional da branquitude nos feminismos"**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e 61749, 2021. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/381/38168080006/html/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

MARRETO, Rodrigo M. **A escravidão Velada: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/14913/1/Dissert-rodriigo-marins-marretto.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasília). Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (org.). **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, 24 fev. 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf>. Acesso em 28 março 2021.

MORAES, Larissa Pinto. **Entre lugares: o que dizem os/as adolescentes “disponíveis para adoção”**. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 232p.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5 ed. rev. amp. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NACKED, Rafaela Capelossa. **Identidades em diáspora: o movimento black no Brasil**. revista Desenredos, ano IV - número 12, Piauí, 2012. Disponível em <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/12-artigo-Rafaela-BlackMusic.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2022.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro no Brasil: um processo de um racismo mascarado**. 3ª edição. São Paulo: Respectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. “A mulher negra e o amor” in **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**/ Angela Arruda. organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

NASCIMENTO, Beatriz. **Historiografia do Quilombo**. 1977. In: Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4934266/mod_resource/content/1/Untitled_29082019_193614.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Do Olhar do Outro à Sublimação de se Constituir Negro**. I Simpósio Bienal SBPSP v 1, 2019, P. 362-374. Disponível em <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/isbsbpsp/52.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. **Infância, raça e "paparicação"**. Educação em Revista [online]. 2010, v. 26, n. 2. pp. 209-226. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9WVgvj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

OLIVEIRA, Fabiano Melo Gonçalves de; NETO, Manoel Lemes da Silva. **Do direito à cidade ao direito dos lugares**. Revista Brasileira de Gestão Urbana [online]. 2020, v. 12. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/urbe/a/znfPMBh8dGWZW7DGGsBByXF/?lang=pt#>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução Wanderson flor do nascimento. - 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.324 p.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013. 382 p. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16794/1/mulher-negra-RI.pdf>>. Acesso em 8 de janeiro de 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção” in **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p. Disponível em <<https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2021.

PAULON, Simone Mainieri. **A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção**. Psicologia & Sociedade, 17 (3), 18-25, set-dez: 2005. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

PEQUENO, Anita Maria Soares. **História sociopolítica do cabelo crespo**. Revista Z cultural (UFRJ), v 1, p.1-13, 2019. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/historia-sociopolitica-do-cabelo-crespo/>>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

QUADROS, Dênis Moura de. **Dororidade em É Fogo! (1987), de Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009): A voz de Helena do Sul recolhendo outras vozes**. REVELL? REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, v. 1, p. 379-399, 2019. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3366>>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. 114p. (Feminismos Plurais)

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A política da cor: o racismo e o colorismo**. Jornal Sul 21 (online), 2021. Disponível em <<https://sul21.com.br/opiniaio/2021/05/a-politica-da-cor-o-racismo-e-o-colorismo-por-boaventura-de-sousa-santos/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

SANTOS, Daniel Teixeira dos. **A produção do espaço da cidade de Nova Friburgo** – Dissertação/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, 2014. 148 p. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24139/24139_1.PDF>. Acesso em 26 de maio de 2021.

SANTOS, Shirley Terra Lara dos. **Narrativas urbanas sobre o estar “em ônibus”: experiência cartográfica feminista**. Dissertação (mestrado) - Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em <http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5782/1/Shirley_Terra_Lara_dos_Santos_Dissertacao.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018. 146p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. Psicologia & Sociedade [online]. 2014, v. 26, n. 1, pp. 83-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2022.

SOUSA, Edson Luiz André de. **Entrevistar** in Pesquisar na diferença: um abecedário. Organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 261 p. Disponível em <https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2016/08/Pesquisar-na-Diferenca_Um-abeceda%CC%81rio.pdf>. Acesso em 04 de agosto de 2021.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Neusa_Santos_Souza_-_Tornar-se_Negro.pdf?1599239573>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

SOUZA, Rita de Cássia Louback de. **A história local e as suas abordagens nas salas de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo** – 2016. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4603/1/A%20hist%C3%B3ria%20local%20e%20suas%20abordagens%20na%20sala%20de%20aula%20da%20rede%20municipal%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Nova%20Friburgo.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2021.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2013,

v. 25, n. 2, pp. 299-322. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

WESCHENFELDER, Viviane Inês e FABRIS, Elí Terezinha Henn. **Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional**. Revista Estudos Feministas [online]. 2019, v. 27, n. 3. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/V5GmfZLb5mKJRZCfKdcvhVL/?lang=pt#>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2022.

XAVIER, Giovana. **História social da beleza negra**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. 181p.